



Fig. 68. Salvador.
Venda de roupas.



Fig. 69. Salvador. 23. Venda de roupas. (Foto de autoria do autor)

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!



Fig. 70. Salvador. Nas ruas pode-se encontrar das peças de ventilador até a tampa da panela.



Fig. 71. Salvador. Mercado de Sete portas

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!



Fig. 72. Salvador. Verduras a venda disputam espaço com materiais de construção



Fig. 73. Salvador. Nos carros de mão vende-se frutas no meio da rua.

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!



Fig. 74. Salvador. Nos tabuleiros dos camelôs pode-se encontrar realmente de tudo.



Fig. 75. Salvador. Carnes expostas na rua.

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!



Fig. 76. Salvador. Venda de hortaliças na rua.



Fig. 77. Salvador. Vendedora improvisada na calçada.

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

4 FILUMENA MARTURANO (ORIGINAL E TRADUÇÃO DA PEÇA)



pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

4.1 INTRODUÇÃO A PEÇA

O tema das famílias napolitanas Eduardo o explorou em profundidade, evidenciando as zonas de sombras onde se instalam os conflitos e as ambigüidades que, intrelaçando-se de família em família, criam o tecido social, e antropológico de Nápoles. Entre as várias famílias descritas por Eduardo de Filippo realça-se a de *Filumena Marturano*, um dos seus textos mais poderosos, aquele que desbarata muitos lugares comuns sobre a dimensão pequeno-burguesa da sua dramaturgia e de muitas imitações ao seu teatro.

Não obstante a “Espaçosa sala de jantar em claro “estilo 900” (detalhadamente descrita juntamente aos personagens, quase constituindo uma parte autônoma da comédia), *Filumena Marturano* possui de um lado uma força arcaica, cujo arquétipo é a tragédia grega (não é por acaso que falando de Filumena sejam freqüentes as referências a Medeia ou a Antígona); do outro deixa intraver, debaixo do monte de palavras que as personagens jogam um contra o outro, um fundo todo contemporâneo de vazio e incomunicabilidade.

Engana-se quem pense que o desejo de casar de Filumena seja uma aspiração pequeno-burguesa: é exatamente o contrário. Filumena deixou a sua violenta família para ser prostituta, juntou-se com inúmeros homens, (“De quem são estes filhos? De homens como você...”). Ela viveu com Domenico dia após dia agüentando a mesquinharria que muitos homens ainda hoje têm em relação às mulheres, sobretudo no sul da Itália da década de quarenta.

Enquanto Filumena parecia agonizar, Domenico namora com a enfermeira. Filumena precisa daquele sobrenome para fundar não uma família, mas a família, o ideal mesmo de família, nos escombros das hipocrisias, das mentiras, dos abusos vividos em primeira pessoa. À Filumena não interessa participar dos vazios rituais das famílias burguesas construídas encima de tais ruínas, a analfabeta Filumena, poderia pertencer ao mundo popular do outro grande autor teatral do ‘900, Raffaele Viviani, cujos dramas se desenrolam não em casa, mas nas ruas. O que esta mulher quer não é uma subida social, é justiça. Filumena apela-se ao direito que conseguiu com a trapaça para que os maus tratos subidos sejam reparados, contrapõe o próprio modelo de justiça ao da sociedade.

Mas quais são as armas de Filumena? Astutas, agressivas, capazes de envolver pedaços inteiros da microsociedade que vive amarrada às fortunas herdadas de Domenico Soriano, capazes de ameaçar até com a morte se necessário, são armas de um chefe tribal, armas similares a de uma mafiosa. A força de Filumena não é estranha aquela que possuem em Nápoles Pupetta Maresca, Rosetta Cutolo, Anna Moccia, ou seja mulheres da mafia que assumiram o poder da família o do “clã” tratando os homens de par para par. Em *Filumena Marturano* contrapõem-se assim, na mesma ambígua relação de forças que tem na comunidade Napolitana, a burguesia e a sociedade do beco, no mesmo tempo cúmplices e inimigas. A mesma tormentada e aparentemente incompreensível coexistência de vinte e cinco anos de Filumena e Domenico é a cruel metáfora disso.

O pano abre-se sobre o choque de Filumena e Domenico, jogados um contra o outro, como dois Pit Bulls nas lutas clandestinas de cachorros: se abre assim no ponto de ruptura do equilíbrio, sobre o conflito, porque só no conflito pode-se revelar a realidade, e muda-la. Mas, Filumena não consegue logo ter supremacia sobre a sociedade “das leis” sua inimiga: um advogado, amigo da amante-enfermeira, consegue achar o jeito de anular o casamento que a “mis em cene” da agonia tinha conseguido realizar. Emparedada Filumena consegue reagir: revela a Domenico que um dos filhos é dele, mas sem lhe dizer qual dos três. Assim começa o outro grande movimento do texto, aquele que diz respeito a Domenico Soriano, a ser visto também ele em dois sentidos: a sua maturação de homem nasce assim da sua entrega. Depois da revelação, com efeito, Domenico se dispõe ao casamento, mas na realidade busca o filho. Encontra, conhece e estuda os três filhos de Filumena para intuir qual possa ser o dele, busca todas as possíveis “semelhanças” no desejo obcecado de encontrar e transmitir, num jovem do seu mesmo sangue, o modelo social no qual se reconhece e com o qual afirmou-se na sociedade. Filumena intuiu que Domenico, atrás da ternura para o filho a o sentimento ligado ao “sangue, esconde, como todos os bons (e mulherengos) pais burgueses, a necessidade do mantimento da ordem social a qual pertence e que, na função de pai, é chamado a perpetuar. Por outro lado também as riquezas de Domenico são herdadas, herdadas de “um rico e sabido doceiro que não tinha olhos senão que por ele”. Esta intuição foi o Às na manga de Filumena, mas a mulher, irremissível, agora que Domenico quer saber não fala. Não diz qual é o filho dele: e se a razão imediata, maternal deste silêncio é de não criar disparidade no destino dos três garotos, na

substância também neste caso Filumena se rebela a um mundo que despreza e contra o qual é capaz de opor gestos de autêntica revolta. Terá que ser Domenico Soriano a ceder. Ele casa com Filumena sem nunca descobrir qual é o verdadeiro filho dele; vai acolher todos os três filhos de Filumena derrubando de uma só vez todos os preconceitos sociais nos quais foi formado e em que acreditava: será pai de três homens marcados pelo destino, três desgraçados, três filhos de uma prostituta. Este acolhimento, com efeito, tem um enorme significado simbólico: no plano humano, porque Domenico sai da casca do homem que foi para se transformar, já próximo à velhice, em um homem diferente; no plano coletivo, porque se “os filhos são filhos” como fala Filumena na mais famosa replica do texto, é porque todos os filhos são iguais, ou seja, todos os seres humanos, não importa a quem ou a coisa eles pertençam, e sim o direito deles à vida. Mas é também o êxito final de uma luta, com todo o silêncio e o sentido de morte que envolve o campo depois da batalha: o pano cai sobre as lágrimas de Filumena, as primeiras depois de vinte e cinco anos.

Para que pudessem ressaltar, com tamanha força, todas as ambigüidades e as estratificações do teatro de De Filippo (não podemos esquecer que, neste texto ele cria três personagens sem pai, sendo, ele mesmo, um filho não reconhecido) precisava de uma personagem do tamanho de Filumena, um dos verdadeiros, grandes personagens do teatro italiano (“a mais querida das minhas criaturas” dizia Eduardo). Personagens como Filumena e Domenico destroem as teses de quem considera a dramaturgia de De Filippo indissolavelmente ligada à recitação do próprio ator: propõe, pelo contrário, enormes possibilidades para quem queira enfrenta-lo sob um olhar contemporâneo.

4.2 FILUMENA MARTURANO: TEXTO BILINGUE



pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!



EDUARDO DE FILIPPO

FILUMENA MARTURANO

Versão em Português

EDUARDO DE FILIPPO

FILUMENA MARTURANO

(1946)

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

Personagens

Filumena Marturano
Domenico Soriano, rico doceiro
Alfredo Amoroso, “o cucchierello”
Rosália Solimene, confidente de Filumena
Diana, jovem amante de Soriano
Lucia, camareira
Umberto, estudante
Riccardo, comerciante
Michele, operário
O advogado Nocella
Teresina, costureira
Primeiro carregador
Segundo carregador

Um agradecimento especial ao Professor Dr. Leonardo Boccia, pela colaboração na revisão da tradução desta peça.

PRIMEIRO ATO

Na casa de Soriano.

Espaçosa sala de jantar em evidente “estilo 900”, ostentadamente decorada mas com gosto evidentemente medíocre. Alguns quadros e alguns enfeites, que lembram com doçura a época umbertina e que, evidentemente, faziam parte da antiga mobília da casa paterna de Domenico Soriano, dispostos com cuidado nas paredes e sobre os móveis,

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

contrastando violentamente com o restante. A porta na primeira coxia à esquerda, é aquela que leva para o quarto do casal. Na segunda coxia, sempre à esquerda, atravessa o ângulo da sala uma grande porta-janela com treliça de vidro que permite a visão sobre um amplo terraço florido, protegido por uma cortina de tecido com tiras coloridas. No fundo à direita, a porta de entrada. À direita, a sala alarga-se penetrando profundamente nos bastidores e deixando entrever, por meio de um grande vão e de uma cortina sedosa entreaberta, o “escritório” do dono da casa. Também para os móveis do seu “escritório” Domenico Soriano preferiu o “estilo 900”. É do mesmo estilo o móvel-vitrine que protege e exhibe uma grande quantidade de taças de metal variado e diferentes dimensões e formas: “Primeiros prêmios” ganhos por seus cavalos de corrida. Duas “bandeiras” cruzadas na parede frontal, atrás de uma escrivaninha, testemunham as vitórias alcançadas na festa de Montevergine. Nem um livro, nem um jornal, nem uma carta. Aquele canto que apenas Domenico Soriano ousa chamar de “escritório” é ordenado e bonito, mas sem vida. A mesa central do quarto de jantar está preparada para duas pessoas, com certo bom gosto e também com requintes: não falta um “centro” de rosas vermelhas muitas frescas. Primavera adiantada: quase verão. Está anoitecendo. As últimas luzes do dia se dispersam pelo terraço.

Em pé, quase na entrada do quarto de dormir, os braços cruzados, em uma atitude de desafio, está Filumena Marturano. Veste uma cândida e linda camisola. Cabelos desarrumados e ajeitados às pressas. Pé descalços nas pantufas. Os traços do rosto dessa mulher são atormentados: signo de um passado de lutas e tristezas. Filumena não tem aspecto vulgar, mas não pode esconder a sua origem plebéia: e nem o quer. Os seus gestos são largos e abertos; o tom da sua voz é sempre franco e decidido, de mulher consciente, rica de inteligência instintiva e de força moral, de mulher que conhece as leis da vida do seu jeito, e do seu jeito as enfrenta. Tem apenas quarenta e oito anos, denunciados por alguns fios de cabelos brancos nas áreas temporais. Mas os olhos conservam a vitalidade juvenil do “negro” napolitano. Ela está pálida, cadavérica, um pouco pela ficção de que ela se fez protagonista, ou seja de deixar que todos acreditassem que ela estava próxima à morte, e um pouco pela tempestade que, inevitavelmente, deverá enfrentar. Mas ela não tem medo: tem, pelo contrário, uma postura de fera ferida, pronta a pular contra o adversário.

No canto oposto, mais precisamente primeira coxia à direita, Domenico Soriano enfrenta a mulher com a decidida vontade de quem não conhece nem limites nem obstáculos, para fazer triunfar a própria sagrada razão, para quebrar a infâmia e desvendar, perante ao mundo, a baixaza com a qual foi possível enganá-lo. Sente-se ofendido, ultrajado, afetado em algo, a seu ver, de sagrado, que não pode nem quer admitir. A idéia de que ele possa parecer um derrotado perante os outros, deixa-o totalmente alterado, absolutamente enlouquecido. É um homem robusto, sadio, aproximadamente de cinqüenta anos. Cinqüenta anos bem vividos. As facilidades e a boa condição financeira o têm conservado de espírito inflamado e de aspecto juvenil. O “finado” seu pai, Raimundo Soriano, um dentre os mais ricos e sabidos doceiros de Nápoles, que tinha fábricas em Vergini e em Forcella, além de lojas extremamente concorridas em Toledo e em Foria, tinha-o como filho preferido. Os dengos de dom Domenico (quando jovem era conhecido como: “o senhorzinho dom Mimi”), não tinham limites, nem pela extravagância, nem pela originalidade. Fizeram época; ainda são comentados em Nápoles. Apaixonado por cavalos, é capaz de passar metade de um dia lembrando as proezas agonísticas, os “feitos” dos mais importantes exemplares eqüinos que pertenceram às suas conspícuas estrebarias. Agora ali está, em calça e jaqueta de pijama, sumariamente abotoados, pálido e convulsivo perante Filumena,

aquela mulher “de nada” que, por tantos anos, foi por ele tratada como uma escrava e que agora o tem em sua mão, para esmagá-lo como um pintinho.

À esquerda da sala, no canto, quase perto do terraço, mostra-se, de pé, a mansa e humilde figura de dona Rosália Solimene. Tem setenta e cinco anos. A cor dos seus cabelos é incerta: mais tendente para o branco que para o cinza. Endossa um vestido escuro, “desbotado”. Um pouco curva, mas ainda cheia de vitalidade. Morava em uma “baixada”, no bairro de San Liborio, em frente de onde morava a família Marturano, de quem conhece “vida, morte e milagres” Conheceu Filumena, desde a primeira infância, ficou-lhe perto nos momentos mais tristes da sua existência, sem nunca lhe poupar aquelas palavras de conforto, de compreensão, de ternura que somente as nossas mulheres do povo sabem dizer e que são um verdadeiro bálsamo para o coração de quem sofre. Ela observa, ansiosa, os movimentos de Domenico, sem perdê-lo de vista um só instante. Conhece, por dura experiência, os efeitos da irascibilidade daquele homem, pelo que, invadida pelo terror, não pisca olho, como petrificada.

No quarto canto da sala, mostra-se um outro personagem: Alfredo Amoroso. É um homem simpático com aproximadamente sessenta anos, de estrutura sólida, musculoso e vigoroso. Pelos companheiros lhe foi dado o apelido de “O cucchieriello”²³². Era, com efeito, cocheiro habilidoso, e por isso foi empregado por Domenico, e ao seu lado permaneceu em seguida, desempenhando os papéis de peão, bode expiatório, rufião, amigo. Ele resume todo o passado do seu dono. É suficiente observar o jeito com o qual olha Domenico, para entender até que ponto lhe foi fiel e devoto, com a máxima abnegação. Veste um paletó cinza um pouco “gasto” mas de corte perfeito, calças de outra cor e chapéu “scorz” ‘e nucella’²³³ ajeitado na cabeça ligeiramente torto. Ostenta, no meio do gilê, uma corrente de ouro. Está em atitude de espera. É, talvez, o mais tranqüilo entre todos. Conhece o seu dono. Quantas vezes apanhou por ele! Quando sobe o pano, assim estão as quatro personagens, nesta posição de “quatro cantos”. Parece que estão ali, para curtir que nem crianças e, pelo contrário, é a vida que os jogou assim, um contra o outro.

Longa pausa.

1. DOMENICO *(estapeando-se várias vezes com veemência e exasperação)* Louco, louco, cem vezes, mil vezes louco!

2. ALFREDO *(Com um gesto tímido intervém)* Mas o que o senhor está fazendo?

Rosália aproxima-se de Filumena e põe-lhe sobre os ombros um xale que pegou de uma cadeira no fundo.

3. DOMENICO Eu sou um homem de nada!, Eu tenho que ficar em frente a um espelho e continuar, sem nunca cansar, a cuspir na minha cara. *(Com faíscas de ódio nos olhos para Filumena)* Perto de você tenho arruinado a minha vida: Você tomou de mim vinte e cinco anos, e a saúde, e a força, e a cabeça e a juventude!

E o que você mais quer? O que é que Domenico Soriano tem que te dar ainda ? Até o resto desta pele, que você usou como bem quis e entendeu? *(Insultando todos, fora de si)* Todos fizeram o que bem entenderam! *(Contra ele mesmo, com desprezo)* Enquanto você se achava o próprio Jesus Cristo descido em terra, todos faziam aquilo que queriam a suas costas! *(Apontando para todos em um ato de acusação)* Você, você.

²³² “cucchieriello” cocheiro

²³³ Chapéu típico do sul da Itália muito popular nas décadas de 40-60 de cor marrom “casca de noz”.

Você... a rua, o bairro, Nápoles, o mundo... Todos têm-me feito de trouxa, sempre! (*A lembrança da maracutaia armada por Filumena volta de repente deixando-o furioso*) Eu nem posso pensar nisso! É, devia esperar por isso! Somente uma mulher como você podia chegar onde chegou! Não podia se desmentir! Vinte e cinco anos não podiam satisfazer-la! Mas não pense que ganhou a parada: Esta não ganhou, não! Eu mato você e pago três contos! Isso é o que vale, uma mulher como você: três contos! E a todos aqueles que a ajudaram: o médico, o padre... (*apontando Rosália que estremece e Alfredo que, pelo contrário, é tranqüilo, ameaçador*) ... estes dois asquerosos, a quem dei comida por tantos anos... mato todos!... (*firme*) O trinta e oito!... Me dá o trinta e oito!

4. ALFREDO (*calmo*) Levei os dois ao armeiro para limpar. Como o senhor mandou.

5. DOMENICO Quantas coisas tenho dito eu.. e quantas fui forçado a dizer! Mas agora acabou, entenderam?! Estou de saco cheio, entendi tudo!... (*Para Filumena*) Você vá embora.. e se não sair com os seus pés, garanto que sai morta desta casa. Não existe lei, não tem Deus que possa dobrar Domenico Soriano. Ataco e mato todo mundo! Mando todos pra cadeia, eu tenho dinheiro e vamos dançar, Filume'! Você vai dançar como eu mandar. Quando souberem quem é você e o que fez nesta casa, me darão razão de qualquer jeito! Eu acabo com você, Filume', eu acabo comj você! (*pausa*)

6. FILUMENA (*em nada abalada, segura das próprias razões*) Acabou? Não tem mais nada para dizer?

7. DOMENICO (*de repente*) Cala a boca, não fale, não consigo nem te ouvir! (*é suficiente ouvir a voz daquela mulher para abalá-lo*)

8. FILUMENA Só quando tiver dito tudo o que tenho embrulhado aqui no estômago, ouviu? (*indica o estômago*) Aí não olho mais na sua cara, nunca mais vai ouvir a minha voz!

9. DOMENICO (*com desprezo*) Vagabunda! Vagabunda sempre foi e assim ficou!

10. FILUMENA E tem necessidade de dizê-lo assim como você o diz? Cadê a novidade? Não o sabem todos quem eu era, onde estive? Mas onde eu estive era você quem vinha, você junto com os outros e, como os outros, eu tratava você. Porque deveria tratar você de outro jeito? Não são os homens todos iguais? Aquilo que eu fiz é entre mim e a minha consciência. Agora sou sua mulher. E daqui não saio nem com a policia!

11. DOMENICO Mulher? Mas mulher de quem? Filume', você não está batendo bem da cabeça hoje? Com quem você se casou?

12. FILUMENA (*fria*) Contigo!

13. DOMENICO Mas você é doida! A trapaça é evidente. Tenho testemunhas. (*indica Alfredo e Rosália*)

14. ROSÁLIA (*prontamente*) Eu não sei de nada. (*não quer ser envolvida em uma questão tão grave*) Eu só sei que dona Filumena foi dormir, piorou e entrou em agonia. Nada falei e nada entendi.

15. DOMENICO (*para Alfredo*) Você também não sabe de nada? Você também não sabia que a agonia era ficção?

16. ALFREDO Dom Domé', pelo amor a nossa Senhora! Ela, dona Filumena, não me suporta, ia fazer confidências logo a mim?

17. ROSÁLIA (*para Domenico*) E o padre? O padre, quem foi que o mandou chamar? Não foi o senhor quem mandou?

18. DOMENICO Porque esta... (*indica Filumena*) o queria. E eu, para fazê-la feliz...

19. FILUMENA Porque não lhe parecia verdade que eu fosse para o outro mundo. Tamanha era a sua felicidade, pensava que, enfim, ia-se livrar de mim.

20. DOMENICO (*Pirracento*) Bravo! Enfim entendeu! E quando o padre, depois de ter falado com você, me disse: "Se case com ela *"in extremis"*, pobre mulher, é o único desejo dela; aperfeiçoe este seu vínculo com a benção do Senhor" Aí eu falei...

21. FILUMENA ... "O que tenho a perder? Ela está morrendo. É questão de umas horas e fico logo livre dela". (*zombando*) Se deu mal, dom Domenico, quando logo o padre se foi, me levantei da cama e falei: "Dom Domé' parabéns: somos marido e mulher!"

22. ROSÁLIA Eu dei aquele pulo! E me veio aquela gargalhada! (*Ainda tem vontade de rir*) Jesus, mas como parecia natural aquela doença.

23. ALFREDO E também a agonia!

24. DOMENICO Fiquem calados, se não quem vai fazer entrar em agonia vocês, sou eu! A todos os dois! (*excluindo qualquer possibilidade de fraqueza por seu lado*) Não pode ser, não pode ser! (*De repente, lembrando de uma outra personagem que, a seu ver, poderia ser o único responsável*) E o médico? Mas como, se ele for médico...! A ciência onde foi parar? É médico e não reconhece que você está boa, que está fazendo ele de bobo?

25. ALFREDO Talvez, para mim, ele se enganou.

26. DOMENICO (*com desprezo*) Fique calado, Alfre'. (*Decidido*) O médico vai me pagar. Aquele vai pagar, por Deus que vai me pagar! Porque isso foi um acordo, não pode ser de boa fé. (*Para Filumena, com malícia*) Molhou a mão dele, foi assim?... Lhe deu dinheiro...

27. FILUMENA (*enjoada*) É só isso que você entende: O dinheiro! É com o dinheiro que consegui tudo o que você quis! Até a mim você conseguiu com o dinheiro Porque você era Mimi Soriano" com o melhor alfaiate, a melhor comida... e os seus cavalos corriam: você os fazia correr... Mas Filumena Marturano fez correr você! E você corria

sem nem perceber... E tem que correr ainda mais e ainda tem que cuspir sangue para entender como se vive e como se comporta um homem honrado! O médico não sabia de nada. Por isso mesmo acreditou, e como tinha que acreditar! Qualquer mulher, depois de vinte e cinco anos que tivesse passado perto de você, acabaria em agonia. Fui a sua serva! *(para Rosália e Alfredo)* Fui a serva dele por vinte e cinco anos, e vocês sabem disto. Quando ele viajava para se divertir: Londres, Paris, nas corridas, eu era o cão-de-guarda da fábrica em Furcella, aquela de Virgene e dos armazéns em Toledo e em Funa, porque se não, se dependesse de você, teriam te depenado vivo! *(Imitando um tom hipócrita de Domenico)* “Se não tivesse a ti...” “Filume’, que mulher!” Tenho levado pra frente esta casa melhor que uma esposa! Tenho lavado os seus pés! E não agora que sou velha, mas quando jovem. E nunca me senti próxima, apreciada, reconhecida, nunca! Sempre como uma empregada que, de uma hora para outra, se pode botar pra fora!

28. DOMENICO E eu nunca vi você conformada, sei lá?, compreensiva, por completo, da real situação que existia entre mim e você. Sempre com a cara fechada, insolente... nunca que você se tivesse perguntado: “E se eu estiver errada?... Se lhe tiver feito algo?” Tivesse eu visto uma lágrima dentro daqueles olhos! Nunca! Quantos anos ficamos juntos, e nunca vi você chorar!

29. FILUMENA E devia chorar por você? Era bonita demais como enfeite!

30. DOMENICO Deixa pra lá o enfeite. . Uma alma penada, sempre sem paz. Uma mulher que não chora, não come, não dorme. Tivesse visto você dormir uma só vez. Uma alma danada, isto é o que você é.

31. FILUMENA E quando queria me ver dormindo? Você se esquecia de como se volta para casa. E as festas, os Natais tenho passado todos sozinha como um cão. Sabe quando se chora? Quando se sabe o que é o bem e não se pode tê-lo! Mas Filumena Marturano, não conhece o bem... e quando se conhece só o mal, não se chora. A satisfação de chorar, Filumena Marturano nunca a teve! Você sempre me tratou como a última das mulheres! *(Para Rosália e Alfredo, únicas testemunhas das sagradas verdades que ela diz)* E para não falar que, quando era jovem, podia-se dizer: “Tem sorte e presença...” Mas agora, olhem aí, olhem aí, com cinqüenta e dois anos, volta com os lenços sujos de batom, que nojo... *(Para Rosália)* Onde estão?

32. ROSÁLIA Estão bem guardados.

33. FILUMENA Sem um pingo de vergonha e sem pensar: “É melhor que os bote no meio... e se ela os achar?” E daí, se ela os achar, o que vai fazer? Quem é ela? Que direito tem? E fica babando atrás daquela...

34. DOMENICO *(como que apanhado em flagrante reage, furioso)* Aquela quem?... Aquela quem?

35. FILUMENA *(em nada intimidada, e com maior violência do que a de Domenico)* Atrás daquela nojenta! Ou você acha que eu não sei? Você não sabe mentir, este é o seu defeito. Cinqüenta e dois anos e vai se juntar com uma menina de vinte e dois! E não se

dá de corno! E a bota dentro de casa dizendo que é enfermeira... Porque acreditava mesmo que eu estava morrendo... *(como contando algo de incrível)* E nem faz uma hora, pouco antes que chegasse o padre para nos casar, convencidos de que eu estivesse prestes a devolver a alma a Deus, que os vi ao lado do meu leito abraçando-se e beijando-se! *(com incontrolável náusea)* Nossa Senhora... como você me dá nojo! E enquanto eu estava morrendo, você o que fazia? Eu, aí morrendo e a mesa posta *(a indica)* para você e aquela sonsa...

36. DOMENICO Mas, só porque você está morrendo, eu não tenho mais que comer? Não preciso mais me alimentar?

37. FILUMENA Com rosas na mesa?

38. DOMENICO Com rosas na mesa!

39. FILUMENA Vermelhas?

40. DOMENICO *(exasperado)* Vermelhas, verdes, roxas. Por que, se eu queria rosas? Não posso ter o prazer de que você morra?

41. FILUMENA Mas eu não estou morta! *(despeitada)* E nem vou!, Domé'.

42. DOMENICO É, isto é um pequeno contratempo. *(Pausa)*. Mas não estou entendendo uma coisa. Se sempre fui tratado como todos os outros, porque, para você os homens são todos iguais, por que quis casar comigo? Estou apaixonado por outra mulher, e queria me casar com ela... e vou me casar, sim, porque eu vou casar com Diana, o que importa se ela tem ou não vinte e dois anos?

43. FILUMENA *(irônica)* Quanto me faz rir! E quanto me dá pena! O que me importa de você, e da menininha que fez você perder a cabeça, e de tudo o que você fala? Acredita mesmo que eu fiz tudo isso por você? Eu não dou a mínima, nunca dei. Com uma mulher como eu, e quem diz isto é você, e são vinte e cinco anos que o repete, só se faz de conta. É útil... Você me é útil! Você acredita que, depois de vinte e cinco anos sendo sua serva, ia-me embora assim, com uma mão na frente e outra atrás?

44. DOMENICO *(com ar triunfante por ter entendido a verdadeira razão da burla de Filumena)* É dinheiro! Você acha que não daria para você? Você acha que Domenico Soriano, filho de Raimundo Soriano *(altivo, com soberbia)* um dos mais importantes e conceituados doceiros de Nápoles, não teria pensado em ajeitar uma casa para você, e sem que fosse precisar de coisa alguma?

45. FILUMENA *(aviltada pela incompreensão, com desprezo)* Mas cala a boca! Será possível que vocês homens nunca entendam nada?... Que dinheiro, Domé'? Tenho boa saúde e dinheiro. É outra coisa que quero de você! Tenho três filhos, Domé'!

Domenico e Alfredo ficam atônitos. Rosalia, pelo contrário, permanece impassível.

46. DOMENICO Três filhos?! Filume', o que está dizendo?

47. FILUMENA (*mecanicamente repete*) Tenho três filhos, Domé'!
48. DOMENICO (*perdido*) E... de quem são estes filhos?
49. FILUMENA (*que tinha percebido o receio de Domenico*) De homens como você!
50. DOMENICO Filume'... Filume', você está brincando com o fogo! O que quer dizer "De homens como você"?
51. FILUMENA Que vocês são todos iguais.
52. DOMENICO (*para Rosalia*) Você sabia?
53. ROSALIA Sim senhor, disso eu sabia.
54. DOMENICO (*para Alfredo*) E você?
55. ALFREDO (*pronto para se desculpar*) Não. Dona Filumena me odeia, já falei.
56. DOMENICO (*ainda não convicto da realidade dos fatos, como para si mesmo*) Três filhos! (*para Filumena*) E quantos anos eles têm?
57. FILUMENA O mais velho tem vinte e seis anos.
58. DOMENICO Vinte e seis anos?
59. FILUMENA E não faça esta cara! Não fique com medo não são filhos seus .
60. DOMENICO (*visivelmente aliviado*) E conhecem você? Vocês se falam, sabem que você é a mãe deles?
61. FILUMENA Não. Mas os vejo e sempre falo com eles
62. DOMENICO E onde estão? O que fazem? Como se sustentam?
63. FILUMENA Com o seu dinheiro!
64. DOMENICO (*surpreso*) Com o meu dinheiro?
65. FILUMENA É , com o seu dinheiro. Roubei você! Roubei o dinheiro da sua carteira, Roubei você debaixo do seu nariz.
66. DOMENICO (*com desprezo*) Safada!
67. FILUMENA (*destemida*) Roubei sim! Vendia as suas roupas e os seus sapatos! E nunca você reparou em nada! Aquele anel de brilhantes, lembra? Aquele que falei ter perdido: Eu o vendí. É com o seu dinheiro que criei os meus filhos.

68. DOMENICO (*desgostoso*) Eu mantendo uma patife em minha casa! Mas que mulher é você?

69. FILUMENA (*como se não tivesse ouvido, contínua*) Um deles tem um boteco em um beco, aqui perto: é encanador.

70. ROSALIA (*a quem não parece verdade poder falar disso, corrige*) Hibráulico.

71. DOMENICO (*que não entendeu*) Como?

72. ROSALIA (*tentando pronunciar melhor a palavra*) Hidráulico. Aquele que concerta torneiras, os jatos das fontes... (*Depois pensando no segundo filho*) O outro... como se chama? (*Lembrando de repente*) Riccardo. Como é lindo! Um garotão! Está em Chiaia, tem uma loja no numero 74, é costureiro... de camisas. E tem uma boa clientela. Umberto pois...

73. FILUMENA ...tem estudado, quis estudar. É contador e até escreve para um jornal.

74. DOMENICO (*irônico*) Até escritor temos em família!

75. ROSALIA (*exaltando os sentimentos maternos de Filumena*) E que mãe que ela foi! Nunca deixou faltar nada para eles! E agora que vou embora, já sou velha e, muito em breve vou estar na frente de Nosso Senhor, que tudo vê, considera e perdoa, e que não se enrola com papo furado... Posso jurar que, desde pequenos, nunca faltou o leite aos filhotes.

76. DOMENICO ... com o dinheiro de dom Domenico!

77. ROSALIA (*espontânea, com instintivo sentido de justiça*) O senhor, o dinheiro, jogava fora!

78. DOMENICO E tinha que prestar contas a alguém?

79. ROSALIA Senhor não, pelo amor de Deus! Mas nem se deu conta...

80. FILUMENA (*com desprezo*) Deixa pra lá! Vai discutir com ele?

81. DOMENICO (*dominando a raiva*) Filume', você quer que use a força? Vai me levar ao limite? Mas você entende o que fez? Você me fez de trouxa, me faz passar por otário! Enfim, este três senhores, que não conheço nem de vista, que nem sei onde estão, de repente podem até rir da minha cara! Porque pensam : ““Tá” ótimo, com a grana de dom Domenico”!

82. ROSALIA (*excluindo esta hipótese*) Senhor não, isto não! Eles estão por fora!... dona Filumena sempre fez as coisas como deviam ser feitas: com prudência e com a cabeça no lugar. O tabelião dava o dinheiro ao hidráulico, enquanto ela esperava na rua ao lado, mandando dizer que era de uma senhora que não queria se fazer reconhecer... E

assim também foi com o camiseiro. E o tabelião ainda tem de passar a mesada a Umberto porque está estudando. Não, você nada tem a ver com isso.

83. DOMENICO (*Amargo*) Eu só pago!

84. FILUMENA (*de repente*) E devia matá-los?... É isso que devia fazer, Domé'? Devia matá-los como fazem muitas outras mulheres? Assim sim, é assim, assim Filumena teria sido boa? (*insistente*) Responda!... Era isto que me aconselhavam todas as minhas companheiras lá no cortiço (*fazendo alusão ao lupanar*) “O que você espera? Sai desta encrenca!” (*Consciente*) Assim sim que teria ganho uma grande encrenca! Quem teria conseguido viver com um remorso como aquele? E depois falei com Nossa Senhora. (*Para Rosalia*) Nossa Senhora das Rosas, você lembra?

85. ROSALIA E como, Nossa Senhora das Rosas! Aquela faz uma graça a cada dia!

86. FILUMENA (*relembrando o seu encontro místico*) Eram as três da madrugada . Caminhava sozinha pela rua. Já se faziam sei meses que tinha saído da minha casa. (*aludindo à sua primeira sensação de maternidade*) Era a primeira vez! O que fazer? Com quem falar? Ouvia na minha mente a voz das minhas companheiras: “O que você espera? Sai desta encrenca! Eu conheço um cara muito bom...” Sem querer, caminhando, caminhando, cheguei à entrada do meu velho beco, bem na frente do altazinho de Nossa Senhora das Rosas, e a enfrentei assim (*Bota as mãos fechadas nos flancos e levanta o olhar em direção a uma imaginária imagem, como para falar com a Virgem de mulher para mulher*): “O que devo fazer? Você sabe tudo... Sabe até porque vivo no pecado. O que devo fazer?” E ela calada, não respondia. (*excitada*) “É assim que você faz? Como é? Quanto mais você fica calada, tanto mais a gente acredita em você?... Estou falando com você! (*com arrogância vibrante*) Me responda!” (*Refazendo mecanicamente o tom de voz de alguém desconhecido que, naquele instante, falou de algum lugar*) “Os filhos são filhos!” Fiquei gelada. Assim, parada. (*enrije-se fixando a imagem imaginária*) Talvez, se me virasse teria visto ou entendido de onde vinha aquela voz: de dentro da casa, do terraço, do beco vizinho, de cima da janela... Mas pensei: por que logo agora? O que os outros sabem dos meus problemas? É foi ela, com certeza, foi Nossa Senhora! Viu-se enfrentada cara a cara, e quis falar... Mas então, Nossa Senhora, para falar se serve de nós... E quando me disseram: “Sai dessa encrenca!”, porque foi isto mesmo que me disseram, foi para me testar!... E não sei se fui eu ou Nossa Senhora das Rosas que fez assim com a cabeça (*Balança a cabeça como para dizer “Sim, você entendeu”*) “Os filhos são filhos” Eu jurei. Por isso fiquei tantos anos ao seu lado... Por eles tenho agüentado o que você me fez e o jeito com que você me tratava! E quando aquele rapaz se apaixonou por mim e queria casar comigo, lembra? Estávamos já juntos há cinco anos: você era casado, você em sua casa, e eu em San Pútito naquele três quartos e cozinha... a primeira casinha que me arrumou, depois de quatro anos que nos conhecíamos, quando você me tirou de lá, da putaria (*fazendo alusão ao lupanar*). E o coitado do rapaz queria casar comigo... Mas você deu uma de ciumento. Ainda me lembro: “Eu sou casado, não posso casar. Se você casar com ele...” E aí você começou a chorar. Porque

sabe chorar! Ao contrário de mim: você, sabe chorar! E eu pensei: “Está bem, vai ver que este é o meu destino! Domenico me quer bem, nem com toda a sua boa vontade pode casar comigo; já está casado..” E fomos pra frente em San Pútito dentro dos três

quartos! Mas, depois de dois anos, sua mulher morreu. E o tempo passava... e eu sempre lá em San Pútito. E pensava: “É jovem, não quer se ligar para toda a vida com outra mulher. Chegará o momento que vai ficar mais quieto, vai considerar os sacrifícios que tenho feito!” E esperava. E quantas vezes lhe dizia: “Domé’, sabe quem se casou?... Aquela garota que estava aqui na frente, nas janelinhas...”, você ria, você começava a rir, do mesmo jeito de quando você saía com os seus amigos, para o brega onde eu morava antes de ir para San Pútito. Aquela risada que não dá para confundir. Aquela risada que começa a meia escala... Aquela risada que é sempre a mesma, qualquer um a reconhece!, Quando você ria assim, queria te matar! (*Paciente*) E esperei. E tenho esperado vinte e cinco anos! E esperei, e obrigada dom Domenico! Já tem cinqüenta e dois anos: é velho! Quem disse que você fosse entender? Que lhe possa azedar o sangue, você acredita que é ainda um garotão! Corre atrás das mininhas, fica emburrecido, volta com o lenço sujo de batom, e a coloca aqui em casa! (*Ameaçadora*) Tente, agora que sou sua mulher, trazê-la aqui em casa. Jogo no olho da rua você e aquela desgraçada. Agora somos casados, o padre nos casou. Esta é a minha casa!

Campainha interna. Alfredo sai pelo fundo a direita

87. DOMENICO Sua casa ? (*Ri forçosamente, irônico*) Agora é você que está me fazendo rir!

88. FILUMENA (*incentivando-o com perfídia*) Ele ri, ri! Agora já tenho prazer em ver você rindo... Porque, de agora em diante , não vai mais rir.

Alfredo volta, olha para todos, preocupado pelo que irá dizer

89. DOMENICO (*vendo-o, interpela-o grosseiramente*) Você, o que quer?

90. ALFREDO Hein .. O que quero?... Trouxeram o jantar!

91. DOMENICO E o que é que tem? Você acha que não devo mais comer?

92. ALFREDO (*como dizendo “eu nada tenho a ver com isso”*) Eh...dom Domé’ (*Falando para o fundo a direita*) Podem entrar !

Entram dois carregadores, garçons de um restaurante, que trazem um carrinho para comida e uma cesta com a ceia.

93. PRIMEIRO CARREGADOR (*serviçal, adulator*) Aqui está a ceia (*para o outro*) Bota aqui (*Apóiam a cesta no local indicado pelo carregador*) Senhor, o frango é um só porque é grande e pode bastar até pra quatro pessoas. Tudo o que pediu, de primeira qualidade. (*começa a abrir a cesta*).

94. DOMENICO (*Parando o garçom com um gesto irritado*) Já sabe o que tem que fazer? Caia fora.

95. PRIMEIRO CARREGADOR Sim, senhor. (*Pega da cesta um doce, apoiando-o na mesa*) Este é o doce que a senhorita tanto gosta... (*E botando uma garrafa*) E também o

vinho. *(As palavras do garçom caem no mais profundo silêncio. Mas o homem não desiste: fala ainda. Desta vez para pedir algo com voz melosa)* E.... o senhor esqueceu?

96. DOMENICO De quê?

97. PRIMEIRO CARREGADOR Mas como? Quando o senhor veio hoje pedir a ceia, não lembra? Eu lhe perguntei se não tinha uma calça velha. E o senhor falou: “Venha hoje à noite, e se mais tarde acontecer uma coisa que espero, se tiver uma boa notícia, tenho um terno novinho, novinho. Vou lhe dar de presente”. *(O silêncio dos outros é pesado. Pausa. O carregador ingenuamente desculpando-se)* A boa notícia ainda não chegou?

98. DOMENICO *(agressivo)* Já falei, se manda !

99. PRIMEIRO CARREGADOR *(admirado pelo tom de Domenico)* Estamos indo...*(olha ainda Domenico, depois com tristeza)* “imbora”, Carlos, a boa notícia não veio.... Que falta de sorte a minha! *(Suspira)* Boa noite. *(sai pelo fundo à direita seguido pelo companheiro).*

100. FILUMENA *(depois de uma pausa, sarcástica para Domenico)* Pode comer. Por que não come? Passou o apetite?

101. DOMENICO *(Embaraçado, raivoso)* Vou comer, sim! Mais tarde como e bebo!

102. FILUMENA *(aludindo à jovem mulher nomeada pouco antes)* Claro, quando chegar aquela sonsa.

103. DIANA *(Entra pela porta principal. É uma bela jovem de vinte e dois anos, ou melhor, se esforça para demonstrar vinte e dois anos, mas tem vinte e sete. É de uma elegância afetada, um pouco esnobe. Olha para todos de cima para baixo. No seu jeito de falar, fala um pouco com todos sem nunca olhar diretamente para nenhum dos presentes, demonstrando assim desprezar todos. Não repara, por isso, na presença de Filumena. Leva consigo uns pacotes de remédios que apóia mecanicamente, na mesa. Pega em uma cadeira um avental de enfermeira branco e o veste).* Gente, muita gente na farmácia. *(Grosseira, com ar de dona)* Rosalia, prepare um banho para mim. *(Vê as rosas na mesa)* Oh, as rosas vermelhas!... Obrigada, Domenico. *(Cheirando a comida)* Que cheirinho: tenho bastante fome. *(Pegando na mesa uma caixinha de ampolas)* Achei a cânfora e a adrenalina. Nada de oxigênio. *(Domenico está como petrificado. Filumena não pisca olho: espera. Rosalia e Alfredo estão quase se divertindo. Diana senta-se perto da mesa em frente ao público e acende um cigarro)* Pensei: Se... meu Deus, não queria dizer esta palavra, mas a esta altura... se morrer esta noite, amanhã de manhã viajo bem cedo. Achei uma carona no carro de uma minha amiga. Aqui só ficaria atrapalhando. Em Bolonha, pelo contrário, tenho certos negócios para resolver. Voltarei em dez dias. Virei visita-lo, Domenico. *(aludindo a Filumena)* E... ela como está?... Sempre em agonia?... O padre já veio?

104. FILUMENA *(dominando-se com afetada cortesia, aproxima-se devagar da jovem)* O padre veio... *(Diana surpresa levanta-se e recua uns passos)*... e confômmie viu que estava em agonização... *(felina)* Tira este troço!

105. DIANA (*que não entendeu realmente*) O quê?

106. FILUMENA (*como acima*) Tira este troço!

107. ROSALIA (*que repara que também desta vez Diana não entendeu e para evitar que o pior possa acontecer, a aconselha prudentemente*) Tire isto. (*E sobre si mesma balança, com dois dedos, a camisola do seu vestido para que, enfim, Diana possa entender que Filumena está falando do avental de enfermeira*).

Diana, com medo instintivo, tira o avental.

108. FILUMENA (*que seguiu o gesto de Diana, sem tirar os olhos dela*) Bota aí, no encosto... Bote aí no encosto.

109. ROSALIA (*prevendo o não entendimento de Diana*) Bote ali, na cadeira.

Diana executa

110. FILUMENA (*retomando o tom cortês de antes*) Viu que eu estava em agonia e aconselhou a dom Domenico Soriano de aperfeiçoar o nosso vínculo “*in extremis*” (*alude ao padre. Diana para se recompor, não sabendo o que fazer, pega da mesa uma rosa e finge cheirar o perfume. Filumena a queima com o tom opaco da sua voz*) Larga s’ta rosa!

111. ROSALIA (*prontamente*) Reponha a rosa.

Diana, como obedecendo a uma ordem teutônica, a deixa na mesa

112. FILUMENA (*volta a ser cortês*) E dom Domenico achou isso justo porque pensou: “É justo, esta desgraçada está comigo há vinte e cinco anos...” e muitas outras conseqüências e *desconseqüências* que não temos o dever de explicar-lhe. Se aproximou da cama (*sempre aludindo ao padre*) e nos casamos... com duas testemunhas e a bênção do *sarcerdote*. Devem ser os casamentos que fazem bem, com certeza porque, logo logo, fiquei boa. Me levantei e adiei a morte. Naturalmente, onde não tem enfermos ou doentes não se precisa de enfermeiras... e das nojeiras... (*com o dedo indicador da mão direita tencionado dá em Diana uns leves golpes no queixo, que a obrigam a dizer rápidos e involuntários “não” com a cabeça*) ...e das porcarias... (*repete o gesto*) na frente de uma que está morrendo... porque você sabia que eu estava morrendo... certas coisas vá fazê-las em casa de sua mãe! (*Diana sorri como uma boba, como a dizer: “não a conheço” Sai andando e procura outra casa que aqui você já era.*

113. DIANA (*sempre sorrindo recua até o limite da porta de entrada*) “Tá” bom.

114. FILUMENA E se quiser um lugar bacana mesmo, tem que ir lá no brega onde eu estive... (*Alude ao lupanar*)

115. DIANA Onde?

116. FILUMENA Dom Domenico pode lhe explicar direitinho, que aquelas casas ele as *frequentejava* e as *frequenteja* ainda. Pode ir.

117. DIANA (*dominada pelo olhar ardente de Filumena, quase tomada por um repentino orgasmo*) Obrigada. (*Encaminha-se para o fundo à direita*).

118. FILUMENA De nada. (*Volta para o seu lugar à esquerda*).

119. DIANA Boa noite. (*Sai*)

120. DOMENICO (*que até então estava pensativo, absorvido em estranhas elucubrações, aludindo a Diana, fala com Filumena*) Que jeito é esse? Olhe como você a tratou!

121. FILUMENA Como ela merecia (*faz um gesto de despeito*).

122. DOMENICO Me deixe dizer uma coisa. Você é uma diaba... Com você tem que se ficar com todos os dois olhos bem abertos... E o que você diz tem que ser bem lembrado, bem medido. Agora a conheço. Você é que nem um cupim. Um cupim venenoso que onde se assenta, tudo destrói. Pouco antes você falou uma coisa em que eu estava pensando. Você falou: "... É uma outra coisa que quero de você e tem que me dar!" Não é dinheiro, não, porque você sabe que eu daria ... (*Como obcecado*) O que mais quer de mim? O que você botou na cabeça? Em que foi que você pensou, ainda não disse... Fala logo!

123. FILUMENA (*com simplicidade*) Domé', você lembra daquela canção?... (*Começa a cantarolar alusivamente*) "Estou criando um lindo passarinho... quantas coisas terei que lhe ensinar"...

124. ROSALIA (*levantando os olhos ao céu*) Ah, minha Nossa Senhora!

125. DOMENICO (*desconfiado, suspeito, assombrado para Filumena*) E que quer dizer?

126. FILUMENA (*certeira*) O passarinho é você!

127. DOMENICO Filume', fale claro... Não brinque comigo... Estou ficando nervoso, Filume'...

128. FILUMENA (*séria*) Os filhos são filhos!

129. DOMENICO O que quer dizer?

130. FILUMENA Eles têm que saber quem é a mãe deles... Têm que saber o que eu fiz para eles... Têm que me querer bem! (*Acalorada*) Não têm que baixar a cabeça em frente a um outro homem: não devem se sentir menores quando vão pegar um papel, um documento: a família a casa... a família que se reúne para se aconselhar, para desabafar... Eles têm que ter o meu nome!

131. DOMENICO O nome de quem?

132. FILUMENA Assim como o meu... Estamos casados: Soriano!

133. DOMENICO *(revoltado)* Eu já sabia! Mas queria ouvir isso de você... queria ouvir isso desta boca sacrílega, nunca farei isso, vou expulsá-la a pontapés, vou esmagar a sua cabeça, como se esmaga a de uma cobra: uma cobra venenosa que se mata sem piedade para a liberdade dos pobres cristãos com quem ela poderia cruzar. *(Aludindo ao plano de Filumena)* Aqui, aqui? Dentro da minha casa? Com o meu nome? Aqueles filhos da...

134. FILUMENA *(agressiva para impedi-lo de pronunciar a palavra)* Da quê?

135. DOMENICO ...Seus!... Se alguém perguntar: De quem? posso responder: dela ! Se perguntarem: Com quem? Não posso responder, porque não sei! E nem você sabe! Ah!, você pensava conseguir esta façanha, de limpar a sua consciência, de se salvar do pecado, trazendo para dentro da minha casa três estranhos?... Nem se me furar os olhos! Nunca irão botar os pés aqui dentro! *(solene)* Juro sobre a minha alma e em nome de Deus...

136. FILUMENA *(de repente, com um ímpeto sincero, o interrompe para avisá-lo de um castigo que poderia vir de um sacrilégio feito por causas imponderáveis)* Não jure! Que eu, por ter feito um juramento, estou lhe pedindo esmola há vinte e cinco anos... Não jure porque é um juramento que não vai poder manter... E você morrerá danado, se, um dia, não for você a pedir esmola pra mim...

137. DOMENICO *(sugestionado pelas palavras de Filumena, como perdendo a razão)* Mas o que está pensando?... Bruxa! Eu não tenho medo de você! Eu não tenho!

138. FILUMENA *(desafiando-o)* E por que o está dizendo, então!?

139. DOMENICO Cala a boca! *(Para Alfredo, tirando o pijama)* Me dá o paletó! *(Alfredo sai pelo "escritório" sem falar)* Amanhã você se manda! Vou chamar o advogado, dou queixa. Fui trapaceado. Tenho testemunhas... E se a lei não me amparar, mato você Filume' Tiro você deste mundo!

140. FILUMENA *(irônica)* E onde vai me botar?

141. DOMENICO Onde você sempre esteve *(está exasperado, agressivo. Alfredo volta com o paletó. Domenico o arranca das mãos e o veste, dizendo-lhe)* Você, amanhã, tem que ir chamar o meu advogado, entendeu? *..(Alfredo confirma com a cabeça)* E ai vamos ver, Filume'!

142. FILUMENA E ai vamos ver!

143. DOMENICO Você vai saber quem é Domenico Soriano e do que ele é capaz! *.(encaminha-se para o fundo)*

144. FILUMENA *(indicando a mesa)* Rosali', sente-se... que também você deve estar com fome! *(senta perto da mesa de frente para o público)*

145. DOMENICO Passe bem... Filumena a *napolitana*!...

146. FILUMENA (*cantarolando*) “Estou criando um lindo passarinho... quantas coisas terei que ensinar-lhe”...

147. DOMENICO (*em cima do cantarolar de Filumena, ri forçosamente como para ofender e esculhambar Filumena*) Lembre-se desta risada... Filumena Marturano!... (*Sai seguido por Alfredo, do fundo à direita, enquanto cai o pano sobre o primeiro ato*).

SEGUNDO ATO

Dia seguinte. A mesma cena do primeiro ato.

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

Para limpar o chão, a criada removeu todas as cadeiras: algumas no terraço, outras pelo avesso em cima da mesa, outras ainda confinadas no “Escritório” de Domenico. O tapete, sobre o qual faz centro a mesa de jantar, é dobrado nos quatro lados. Luzes normais de uma linda manhã de sol.

Lucia é a criada da casa: moça simpática e sudável de aproximadamente vinte e três anos. Terminou o seu trabalho. Torce pela última vez o pano de chão no balde de água suja, em seguida repõe todas os aparelhos de limpeza no terraço

148. ALFREDO *(cansado, com sono, entra pela porta de serviço, enquanto Lucia apressa-se a recolocar o tapete)* Bom dia’, Luci’.

149. LUCIA *(Parando-o com um tom de ressentimento na voz e com um gesto)* Não comece a caminhar com os pés!

150. ALFREDO Agora vou caminhar com as mãos!

151. LUCIA Acabei agorinha mesmo de suar o meu sangue... *(Mostra o chão ainda em parte molhado)* E você se apresenta com este sapatão!

152. ALFREDO Que sapatão?... Estou é morto! *(Senta-se perto da mesa)* Entende o que quer dizer morto? A noite inteira atrás de dom Domenico, sem pregar olho, e com as traseiro colado no banco da carroça. Agora já começa a fazer mais frio... Logo aqui o Padre eterno me devia mandar, logo como empregado dele! Olhe que não, não estou me queixando, pelo amor da Santíssima Virgem! Tenho vivido, ele me deu para viver, e temos tido até grandes momentos, eu com ele e ele comigo. O Senhor deveria fazê-lo viver mil anos, mas quieto, tranqüilo! Tenho sessenta anos, não um dia! E quem agüenta mais perder noites com aquilo... Luci’, traga uma xícara de café.

153. LUCIA *(que já botou todas as cadeiras nos lugares sem dar ouvido ao desabafo de Alfredo, com simplicidade)* Tem não. .

154. ALFREDO *(contrariado)* Não tem?

155. LUCIA Tem não. Tinha o de ontem: eu tomei uma xícara, outra dona Rosalia não quis mas levou para dona Filumena, e mais uma está guardada para dom Domenico, se ele...

156. ALFREDO *(fixando-a pouco convicto)* Se ele o que?

157. LUCIA Eh, se ele quiser. Enfim, dona Rosalia não fez o café.

158. ALFREDO E não podia fazê-lo você?

159. LUCIA E eu por acaso sei fazer café?

160. ALFREDO *(com desprezo)* Nem café sabe fazer. E por que Rosalia não o fez?

161. LUCIA Saiu bem cedo. Falou que tinha que levar três cartas urgentes de dona Filumena.

162. ALFREDO (*suspeitoso*) ...De dona Filumena? Três cartas ?

163. LUCIA Eh, três: uma, duas e três.

164. ALFREDO (*considerando o próprio estado de cansaço*) Mas eu preciso tomar um gole de café. Sabe o que vai fazer Luci'? A xícara de dom Domenico você a divide em duas partes e a dele vai completar com água.

165. LUCIA E se ele chegar?

166. ALFREDO Acho muito difícil que chegue. Está no quarto daquele jeito... E mesmo que ele chegue, quem precisa mais sou eu que sou velho. Afinal, quem foi quem quis ficar na rua a noite inteira?

167. LUCIA Já vou dar um jeito e trago para você. (*Vai pela porta de serviço a esquerda, mas vendo chegar Rosalia do lado direito, pára e adverte Alfredo*) Dona Rosalia... (*Vendo que Alfredo a encara sem falar*) O que faço? Vou ou não pegar o café?

168. ALFREDO Ainda mais que dona Rosalia está chegando! Ela faz o café na hora para dom Domenico. Quero meia xícara! (*Lucia sai. Rosalia entra da porta de serviço e repara em Alfredo. Mas faz de conta não tê-lo visto e, concentrada na sua tarefa, vai para o quarto de dona Filumena. Alfredo que reparou no comportamento de Rosalia, deixa-a chegar até a entrada da porta à esquerda, quando, ironicamente, a chama*) Rosali', o que foi... perdeu a língua?

169. ROSALIA (*com indiferença*) Não, nem tinha reparado em você.

170. ALFREDO Não me viu? E o que é que sou, um boneco em cima da cadeira?

171. ROSALIA (*ambígua*) Eh, um boneco com a tosse... (*tosse levemente*).

172. ALFREDO (*que não entendeu a alusão*) Que tosse?... (*Tentando indagar*) Você saiu de pressa?

173. ROSALIA (*Misteriosa*) Sim.

174. ALFREDO E pra onde foi?

175. ROSALIA Pra missa.

176. ALFREDO (*desconfiado*) Pra missa?! E por que levou três cartas de dona Filumena...

177. ROSALIA (*como apanhada em flagrante, dominando-se*) Já que sabia, por que perguntou?

178. ALFREDO (*simulando também indiferença*) Assim, só para exportação. E para quem eram?

179. ROSALIA Já falei : você é um boneco com tosse.

180. ALFREDO (*incomodado, por não ter entendido, sombrio*) Com tosse? Mas o que tem a ver a tosse?

181. ROSALIA (*como para dizer: “Você não sabe manter um segredo”*) Fala, você fala. É isso: você é um espião!

182. ALFREDO Por que? Alguma vez tenho espiado você?

183. ROSALIA A mim? De mim não tem nada para se espiar. Sou límpida como a água que sai da fonte. Não tenho nada para esconder de ninguém. (*Como uma cantilena que, por ter repetido, quem sabe quantas vezes, conhece de cor*) Nascida em 70. Faça você mesmo a conta de quantos anos tenho, de pobres, porém honestos, pais. Minha mãe, Sofia Trombetta, era lavadeira, e meu pai, Procopio Solimene, ferrador de animais. Rosalia Solimene, que sou eu, e Vincenzo Bagliore que consertava guarda-chuvas e afins, casaram de papel passado no dia dois de novembro de 1887...

184. ALFREDO No dia de finados?

185. ROSALIA E isso é da sua conta?

186. ALFREDO (*divertido*) Não. (*Incentivando-a a falar*) Pode continuar.

187. ROSALIA Desta união vieram neste mundo três filhos todos de uma só vez. Quando a parteira deu a notícia para meu marido que estava ali no beco trabalhando, achou o coitado com a cabeça dentro da bacia...

188. ALFREDO Vai ver que estava se lavando!

189. ROSALIA (*com tom marcado, repete a frase, como para fazê-lo entender da inoportunidade da brincadeira*) ... com a cabeça dentro da bacia por um enfarte fulminante que, antes do tempo, o levava. Órfã dos pais... de ambos os dois...

190. ALFREDO Pudera, queria ter três?...

191. ROSALIA (*como acima*) Os dois, e com três filhos para criar, fui morar no beco San Liborio, no número 80, e comecei a vender doces, quebra-queixos, pés-de-moleque e paçoca. Os doces os fazia eu mesma e ganhava aquele pouco para levar pra frente as crianças. Foi no beco San Liborio que conheci dona Filumena, que, ainda criança, brincava com os meus filhos. Depois de vinte e um anos, os meus filhos, não achando emprego, se foram: um para a Austrália, e dois para a América... e nunca mais tive notícias deles. Fiquei sozinha; eu, com os quebra-queixos, pés-de-moleque e paçoca. E não falamos mais disso porque me sobe o sangue à cabeça! E se não fosse por dona

Filumena que me trouxe com ela, para casa, quando se juntou com dom Domenico, estaria pedindo esmola nos degraus de uma igreja! Até logo e obrigada, o filme acabou.

192. ALFREDO (*sorrindo*) Amanhã um novo programa! Mas para quem eram as três cartas, ainda ninguém sabe!

193. ROSALIA Esta incumbência delicada que me foi *proferida* não a posso *desproferir* para torná-la de domínio público.

194. ALFREDO (*desiludido, com despeito*) Quanto você é antipática! “Tá” cheia de maldade. E quanto você é feia!

195. ROSALIA Não tenho que achar marido!

196. ALFREDO (*esquecendo a troca de ofensas, com o tom costumeiro de confidência*) Tem que costurar este botão do paletó. (*Mostra o lugar*).

197. ROSALIA (*indo para o quarto, com ligeiro ar de vingança*) Amanhã, se tiver tempo.

198. ALFREDO E também tem que remendar as minhas cuecas!

199. ROSALIA Compre o pano que eu costuro. Com licença. (*com muita dignidade sai pela porta da esquerda*).

Do fundo à esquerda, entra Lucia trazendo uma xícara, pela metade, de café. Ouve-se a campainha. Lucia, que estava indo para Alfredo, volta e sai pela porta de serviço.

200. DOMENICO (*após uma pausa, pálido, sonolento, entra do fundo, seguido por Lucia. Vê o café*). Isto é café?

201. LUCIA (*olhando com intenção para Alfredo que, com a chegada de dom Domenico, levantou-se*) Sim senhor.

202. DOMENICO Me dê. (*Lucia entrega a xícara a Domenico que bebe o conteúdo quase de vez*) Estava mesmo querendo um pouco de café!

203. ALFREDO (*nada satisfeito*) Eu também.

204. DOMENICO (*para Lucia*) Traga-lhe uma xícara de café. (*Senta-se à mesa, o rosto entre as mãos, envolvido em obscuros pensamentos*).

Lucia faz entender a Alfredo, com os gestos, que a outra metade da xícara de café que irá trazer, já foi misturada com água.

205. ALFREDO (*sem paciência, enraivado*) Traga mesmo assim.

Lucia sai pelo fundo à esquerda

206. DOMENICO O que foi?

207. ALFREDO (*sorrindo forçosamente*) Falou que o café está frio. Eu respondi: Traga mesmo assim.

208. DOMENICO É só esquentar e trazer. (*Voltando aos seus pensamentos*) Você foi até o advogado?

209. ALFREDO Claro que sim.

210. DOMENICO E quando ele vem?

211. ALFREDO Logo que tiver tempo. Mas, sem dúvidas, hoje mesmo.

Lucia entra pelo fundo trazendo uma outra xícara de café. Aproxima-se de Alfredo e a entrega, olhando-o ironicamente, depois, divertida, sai pelo fundo. Alfredo, desconfiado, se prepara para beber.

212. DOMENICO (*completando em voz alta o seu pensamento, apreensivo*) É ruim?

213. ALFREDO (*acreditando que Domenico aluda ao seu café, com resignação*) O que posso fazer, dom Domé', não ligo. Quer dizer que, quando sair, vou tomar um no bar.

214. DOMENICO (*desorientado*) O que?

215. ALFREDO (*convencido*) Um café.

216. DOMENICO Eu me lixo do café, Alfre'. Eu digo, deixa ver se você entende.... no sentido de que se o advogado disser que não tem mais nada a fazer...

217. ALFREDO (*depois de uma tragada de café com uma cara desgostosa*) Não é possível... (*põe a xícara sobre um móvel no fundo*).

218. DOMENICO O que você entende disso?

219. ALFREDO (*como um entendido*) Como o que eu entendo disso? É uma porcaria!

220. DOMENICO Isso: é uma porcaria. Isso mesmo. Foi mal feito. Não soube fazer...

221. ALFREDO Dom Domé', ela nunca soube fazer!

222. DOMENICO Mas eu vou até o tribunal, vou recorrer até a suprema corte!

223. ALFREDO (*espantado*) Dom Domé', Pela Virgem Santíssima! Por um gole de café?

224. DOMENICO Ainda com este café? Eu estou falando do meu problema!

225. ALFREDO *(que ainda não entendeu, indeciso)* É isso aí... *(entende divertido o equivoco)* Ah!... *(Ri)* Eh... *(depois temendo a ira de dom Domenico, fica de repente co-partícipe da gravidade do estado de alma do seu dono)* Ah... Eh.... Meu Deus!

226. DOMENICO *(ao qual não passou despercebida a metamorfose espiritual do seu interlocutor, fica mais terno, resignado para aceitar a incompreensão de Alfredo)* O que adianta falar com você? Do que posso falar com você? Do passado... Mas posso falar do presente?... *(Olha-o como se o tivesse conhecido agora. A sua voz assume um tom de desconforto)* Olha aí, olha... Alfredo Amoroso, como estás acabado! O rosto enrugado, os cabelos brancos, os olhos embaçados, meio gagá....

227. ALFREDO *(admitindo tudo, também porque nunca ousaria contradizer o seu patrão e como se resignando a uma fatalidade)* Meu Deus!

228. DOMENICO *(considerando que também ele, na realidade, sucumbiu às metamorfoses da idade e das peripécias humanas, reevoca)* Os anos passam, e passam para todos... Lembra de Mimí Soriano, dom Mimí, lembra?

229. ALFREDO *(distraindo, falsamente interessado)* Senhor não, dom Domé', morreu?

230. DOMENICO *(com amargura)* Morreu, isso mesmo. Dom Mimí Soriano morreu!

231. ALFREDO *(entendendo de repente a gafe)* Ah... Estava dizendo.. Dom Mimí... *(Sério)* Mas meu Deus!

232. DOMENICO *(como revendo a própria imagem quando jovem)* Os bigodes pretos! Magro como um palito! Da noite fazia dia... Quem pensava em dormir?

233. ALFREDO *(bocejando)* Diz isso para mim?

234. DOMENICO Lembra daquela menina em Capemonte?... Que linda garota: Gelsumina! – “Fuimencene” – Ainda a tenho nos meus ouvidos... E a esposa do veterinário?

235. ALFREDO E como... Ah, o que o senhor me faz lembrar! Aquela tinha uma cabeleira que chegava até perto da abundância. Eu fiquei vidrado, mas ela era muito geniosa...

236. DOMENICO E melhor ainda, quando eu descia ao fundo da Vila! Quando ainda existia hopódromo.

237. ALFREDO Todo emperquetado.

238. DOMENICO O terno marrom casca de noz e o cinza: aqueles eram as minha cores. Chapéu duro, chicote na mão... Os melhores cavalos eram os meus. Você lembra “Olhos de prata”?

239. ALFREDO Como não lembrar?... Meu Deus! “Olhos de prata”, a tordilha?... *(com saudade)* Que grande égua! Tinha um traseiro que parecia uma lua cheia! Quando se olhava de cara o traseiro dela, parecia uma lua cheia no *ressurgimento!* Eu me apaixonei por aquela égua! Foi por ela que larguei toda aquela abundância. E, quando o senhor a vendeu, Alfredo Amoroso teve uma dor profunda.

240. DOMENICO *(abandonando-se no vôo das suas lembranças)* Paris, Londres... as corridas... Me sentia um Deus! Sentia que podia fazer tudo o que queria: sem regras, sem controle... *(exaltando-se)* ninguém, nunca, nem Deus, podia me tirar do topo do mundo! Me sentia dono das montanhas e do mar, da minha vida... E agora? Agora me sinto acabado, sem vontade, sem entusiasmo! E o que faço o faço para demonstrar à mim mesmo que não é verdade, que sou ainda forte, que posso ainda vencer os homens, as coisas, a morte... E o faço assim com tamanha naturalidade, que até eu acredito, me convenço, me levanto e luto! *(resolvido)* E quantas lutas! Domenico Soriano não se dobra. *(Retomando o seu tom decidido)* O que aconteceu aqui? Você não soube de mais nada?

241. ALFREDO *(esquivo)* Eh... “Não soube de mais nada?” Aqui todos me mantêm no escuro. Dona Filumena, o senhor sabe, não me suporta. Queria saber o que foi que lhe fiz... Rosalia, dito por Lucia e confirmado por ela mesma, falou que levou três cartas *orgentes* por conta de dona Filumena.

242. DOMENICO *(remoendo, mas seguro das suas suposições)* A quem?

Alfredo se apresta a responder algo, mas se detém vendo entrar, da esquerda, Filumena.

243. FILUMENA *(vestida à vontade, um pouco desarrumada, seguida por Rosalia que traz uns lençóis e faz de conta que não os enxerga. Chama em direção da porta de serviço)* Luci? ... *(Para Rosalia)* Me dê a chave.

244. ROSALIA *(entregando as chaves)* Estão aqui.

245. FILUMENA *(botando-as no bolso, sem paciência, aludindo a Lucia que atrasa)* Vamos ver se aquela vem... *(Chama com um tom de voz mais forte e autoritário)* Luci’!

246. LUCIA *(entra do fundo à esquerda, apressada)* O que foi, senhora?

247. FILUMENA *(cortando)* Pegue estes lençóis. *(Rosalia entrega as roupas)* No quartinho, perto do escritório tem um sofá, prepare a cama.

248. LUCIA *(um pouco surpresa)* “Tá” bem *(começa ir)*.

249. FILUMENA *(parando-a)* Espere. Preciso do seu quarto. *(Lucia cai das nuvens)* Estes são os lençóis limpos: dois pares. Você se ajeite na cozinha.

250. LUCIA *(visivelmente contrariada)* Está bem. E as minhas coisas? Tenho que tirar também as minhas coisas?

251. FILUMENA Já falei que preciso do seu quarto!

252. LUCIA *(aumentando um pouco o tom da voz)* E as minhas coisas as boto onde?
253. FILUMENA Pode ficar com a gaveteira no corredor.
254. LUCIA “Tá” bom. *(Sai pelo fundo a esquerda)*.
255. FILUMENA *(fazendo de conta de, só agora ver Domenico)* Você está aqui?
256. DOMENICO Sim estou aqui na terra... *(Frio)* Posso saber o porquê de todas estas mudanças na minha casa?
257. FILUMENA E como não? Tem segredos entre marido e mulher? Preciso de mais dois quartos.
258. DOMENICO E para quem?
259. FILUMENA *(categórica)* Para os meus filhos. Teriam que ser três, mas sendo que um está casado e tem também quatro filhos, fica na sua casa, cuidando dele mesmo.
260. DOMENICO Ah, veja só?! Tem até netinhos?... *(Provocador)* E como se chama esta tribo que mantinha escondida?
261. FILUMENA *(segura)* Por enquanto têm o meu nome... Mais tarde vão ter o teu.
262. DOMENICO Sem minha permissão, não creio mesmo!
263. FILUMENA Vai dar, Domé’... Vai dar! *(Sai pela porta da esquerda)*.
264. ROSALIA *(para Domenico com ostensivo sentido de respeito)* Com licença. *(Segue Filumena)*.
265. DOMENICO *(com um incontrolável arrebatamento, grita através da porta para Filumena, aludindo aos filhos)* Boto eles no olho da rua! Entendeu? No olho da rua!
266. FILUMENA *(do interior, com voz irônica)* Feche a porta *Rusali’*.
- A porta se fecha na cara de Domenico
267. LUCIA *(entra do fundo, e fala com Domenico com tom reservado)* Senhor, fora está a senhorita Diana, com um outro senhor.
268. DOMENICO *(interessado)* Mandê entrar.
269. LUCIA Não posso. Eu insisti, mas quer que o senhor vá até lá. Tem medo de dona Filumena.
270. DOMENICO *(exasperado)* Meu Deus, estás vendo! Tenho um *mafioso* dentro de casa! *(Aludindo a Diana)* Diga-lhe para entrar que eu estou aqui.

Lucia sai

271. ALFREDO Se a dona a encontrar... *(acompanha a palavra com o gesto, como dizer "Vai apanhar")*... não sei não...

272. DOMENICO *(gritando para ser ouvido também além da porta fechada do quarto, como para prevenir a eventualidade)* Quem vai rolar pau, Alfre"? O que você está dizendo?... Eu sou o dono! *(Aludindo a Filumena)* Aquela não é de nada! Acabo com elas todas dentro desta casa!

273. LUCIA *(volta do fundo, para Domenico)* Senhor, não quis entrar. Falou que "aquela" é doida varrida.

274. DOMENICO Mas quem está com ela?

275. LUCIA Um senhor. Ela o chamou de advogado. *(pensando)* Mas acho que também ele tem medo...

276. DOMENICO Mas como?... Somos três homens!

277. ALFREDO *(sincero)* Não conte comigo... Porque hoje não estou com nada! *(Decidido)* Aliás, vocês têm que falar... Eu vou lavar a cara na cozinha. Se precisar, pode chamar... *(Sem esperar a resposta, sai pelo fundo à esquerda)*.

278. LUCIA Senhor, o que devo fazer?

279. DOMENICO Agora eu vou! *(Lucia sai pelo fundo à esquerda, Domenico pelo fundo à direita, introduzindo, logo após, Diana e o advogado Nocella)* Nem brinquem! Esta é a minha casa.

280. DIANA *(parada na porta, e atrás o advogado, tomada por um evidente orgasmo)* Não querido Domenico, depois do escândalo de ontem não quero absolutamente reencontrar-me cara a cara com aquela mulher.

281. DOMENICO *(reassegurando-a)* Mas por favor, Diana, você me envergonha. Entrem, não têm do que ter medo.

282. DIANA Medo? Eu? Mas nem em sonho! Só não quero chegar aos excessos.

283. DOMENICO Não é o caso. Eu estou aqui.

284. DIANA Também ontem à noite o senhor estava.

285. DOMENICO Mas foi tão de repente... Mas agora pode ter certeza que nada há para temer. Entre advogado, fique à vontade.

286. DIANA *(avançando alguns passos, alude a Filumena)* Onde está?

287. DOMENICO Repito: não se preocupem. Fiquem à vontade, sentem-se. *(Indica as cadeiras. Os três sentam-se ao redor da mesa: Nocella no meio, Domenico à direita, Diana à esquerda. Ela não deixa de olhar o quarto de dormir).* Pois não?

288. NOCELLA *(é um homem de quarenta anos, normal, insignificante. Veste-se com certa elegância contida. Está ali para falar do caso Soriano porque foi empurrado por Diana. Nota-se claramente, na voz, um certo desinteresse)* Eu moro na pensão onde mora a senhorita. Foi lá que nos conhecemos, faz tempo.

289. DIANA O advogado pode dizer quem sou eu e que vida levo.

290. NOCELLA *(que não quer ser envolvido)* Nos encontramos de tardinha no jantar. Eu, pois, na pensão, fico raramente... Tribunal, clientes; e em geral, não me interessa...

291. DIANA *(não conseguindo disfarçar sua apreensão, depois de ter olhado mais uma vez, à esquerda, a porta de onde teme a saída repentina de Filumena, para Domenico)* Desculpe, Domenico... Prefiro sentar no seu lugar. Algum problema?

292. DOMENICO Mas de jeito nenhum...

Os dois trocam de lugares

293. DIANA *(retomando o discurso começado por Nocella)*. Foi ontem à noite mesmo que, ainda na mesa, lhe contei o seu caso e de *Filomena*.

294. NOCELLA Eh... A gente riu bastante...

Olhar significativo de Domenico

295. DIANA Oh, não, não, eu não ri por nada, mesmo.

Nocella a olha com intenção

296. DOMENICO A senhorita está aqui porque eu a fiz passar por enfermeira.

297. DIANA Me fez passar? De jeito nenhum! Eu sou enfermeira de verdade: com diploma e tudo! Nunca lhe falei, Domenico?

298. DOMENICO *(surpreso)* Não, não fazia idéia.

299. DIANA Mas, no fundo, que diferença faria?... *(retomando o discurso)* Falei para ele de como você se sente e da sua preocupação em ter que ficar preso a uma mulher, sem nunca ter tido por isso o mínimo desejo. E o advogado explicou exaustivamente...

Campainha interna

300. DOMENICO *(preocupado)* Desculpem, vocês se incomodariam de passar para o escritório? Tocaram a campainha.

Lucia atravessa o fundo à esquerda

301. DIANA (*levantando-se*) Sim, talvez seja melhor.

Nocella também se levanta

302. DOMENICO (*mostrando para eles o “escritório”*) Por favor.

303. NOCELLA Obrigado (*sai primeiro*)

304. DOMENICO Alguma novidade?

305. DIANA (*para Domenico, com intimidade*) Vai ouvir... (*Domenico está impaciente*). Você está pálido... (*Assim dizendo, Diana acaricia a bochecha dele e sai. Domenico invocado, a segue*).

306. LUCIA (*introduzindo Umberto*) Por favor entre.

307. UMBERTO (*é um jovem alto, de porte. Veste-se com modesta dignidade. Ama convencido os estudos. O seu jeito de falar, o seu olhar agudo de observador, dão um senso de subjeção. Entrando*) Obrigado.

308. LUCIA Se o senhor quiser sentar... não sei se dona Filumena vai demorar.

309. UMBERTO Obrigado, sim, vou sentar com prazer. (*senta-se à esquerda perto do terraço. Começa a escrever em um caderno que trouxera consigo. Lucia encaminha-se para a porta da esquerda mas, ouvindo tocar a campainha da porta, volta atrás e sai pelo fundo à direita. Depois de alguns instantes volta introduzindo Ricardo*). Entre.

310. RICCARDO (*é um jovem esperto, simpático, vestido com vistosa elegância. Quando entra, olha o relógio de pulso*) Vai dar meio-dia... (*Lucia encaminha-se para a porta à esquerda. Ricardo que a olhou, a detém com uma desculpa*) Oi, dá licença ... (*Lucia aproxima-se*) Há quanto tempo você trabalha aqui?

311. LUCIA Faz um ano e meio

312. RICCARDO (*gentil, charmoso*) Você sabia que é uma linda moça?

313. LUCIA (*envaidecida*) Se não estragar com o tempo...

314. RICCARDO Por que não vem conhecer a minha loja?...

315. LUCIA Você tem uma loja?

316. RICCARDO Número 74, em Chiaia, dentro do portão... Vou lhe fazer uma camisa.

317. LUCIA É mesmo? E o que faço com uma camisa de homem? Que coisa!

318. RICCARDO Eh! Eu sirvo homens e mulheres... Aos homens eu visto a camisa, e, às mulheres, a tiro! *(Dizendo esta última, frase tenta abraçar a moça).*

319. LUCIA *(saindo-se, ofendida)* Neh, neh! *(consegue soltar-se)* Você está louco? Você acha que sou o quê? Vou contar tudo para a patroa. *(aludindo para Umberto que olhou a cena sem ligar a mínima)* E tem também aquele...

Campainha interna. Lucia encaminha-se para o fundo

320. RICCARDO *(observando Umberto, divertido)* Ops, é mesmo... Eu nem tinha reparado.

321. LUCIA *(ressentida)* Você não repara nem nas moças de bem que não querem encrencas... *(encaminha-se).*

322. RICCARDO *(insinuante)* Vai vir à loja?

323. LUCIA *(Tentada)* No número 74?... *(Olhando o jovem com admiração, sorri).*

324. RICCARDO *(com um aceno que quer dizer: "vou te esperar")* Em Chiaia...

325. LUCIA Eh... vou sim! *(E sai pelo fundo à direita, lançando para Ricardo uma última olhada de cumplicidade).*

326. RICCARDO *(passeia um pouco pelo quarto, olha para Umberto e sentindo-se indagado sente a necessidade de justificar o seu comportamento em relação a Lucia)* Moça bonita...

327. UMBERTO E eu, o que tenho a ver com isso?

328. RICCARDO *(um pouco ressentido)* Puxa, você é padre?

Umberto não responde e continua escrevendo.

329. LUCIA *(do fundo, introduzindo Michele)* Entre Miche', por aqui.

330. MICHELE *(Com um macacão azul de encanador e com a maleta das ferramentas, avança displicentemente. É um jovem de boa saúde, bem criado e gordinho. Tem um caráter simples e jovial. Tira o gorro)* O que foi Luci'? O sanitário está vazando de novo? Foi a solda que fiz....

331. LUCIA Não, está funcionando.

332. MICHELE E o que mais está vazando?

333. LUCIA Oh Miche', não está vazando nada. Espere, agora vou chamar dona Filumena. *(Sai pela esquerda).*

334. MICHELE *(para Riccardo, com respeito)* Bom dia. *(Riccardo responde à saudação com um ligeiro movimento da cabeça).* Aqui está o cigarro... *(Tira do bolso um cigarro)* Vocês têm fósforo?

335. RICCARDO *(soberbo)* Não, não tenho.

336. MICHELE Não fumam. *(Pausa).* O senhor é parente?

337. RICCARDO E você é promotor de justiça?

338. MICHELE Como assim?

339. RICCARDO Você gosta de falar, eu não.

340. MICHELE Mas um pouco de educação você poderia também ter. Quem você acha que é, Deus?

341. UMBERTO *(intervindo)* Não, não é Deus, é um safado.

342. RICCARDO Como assim?

343. UMBERTO Desculpe, você entrou e nem se tocou de que estava na casa dos outros e começou a paquerar a criada... Me viu e nem deu um bom dia... Agora começa a zombar daquele pobre diabo...

344. MICHELE *(ressentido, para Umberto)* Oh, o que é isso, você acha que sou de me deixar fazer ora na cara.... Meu Deus olha só... Não se pode sair de casa para cuidar da própria vida... *(Para Riccardo)* Você tem razão, não vou mesmo com a sua cara.

345. RICCARDO Você sabia que já encheu meu saco? Quer um soco na cara?...

346. MICHELE *(fica pálido de raiva. Deixa cair a maleta e se aproxima devagar, ameaçador)* Manda ver.

347. RICCARDO *(vá de encontro a ele com a mesma calma aparente)* Vai encarar?...Acha que tenho medo de você?

Umberto aproximou-se dos dois para intervir e prevenir a iniciativa de um ou do outro

348. MICHELE *(raivoso)* Fila da... *(Com um gesto rápido tenta dar um tapa em Riccardo, mas ele o evita, também pela intervenção de Umberto. Para Umberto)* Você não se meta...

Começa uma briga entra Michele e Riccardo, na qual entra também Umberto. Voam tapas e pontapés que nunca chegam no alvo. Os três jovens sempre mais se exaltam, falando, entre os dentes, palavras de raiva e ofensa.

349. FILUMENA (*entrando pela esquerda, , intervém em tom enérgico*) Que é isso?... (*Rosalina que a seguiu, pára atrás dela. Os três jovens, assim chamados, se recompõem assumindo um atitude de indiferença, ficam alinhados na frente da mulher*). Quem vocês acham que são? Acham que estão no meio da rua?

350. UMBERTO (*tocando-se o nariz dolorido*) Eu estava tentando separá-los.

351. RICCARDO Também eu.

352. MICHELE Eu também.

353. FILUMENA E quem foi que começou?

354. OS TRÊS (*juntos*) Eu não...

355. FILUMENA (*censurando*) Porcaria! Um contra o outro! (*Pausa. Filumena retoma a sua postura habitual*) Pois não, rapazes.. (*Não acha o jeito para começar a fala*) Como vão os negócios?

356. MICHELE Graças a Deus!

357. FILUMENA (*para Michele*) E as crianças?

358. MICHELE Bem. Na semana passada, o do meio teve um pouco de febre. Mas agora já está bem. Comeu dois quilos de uva escondido da mãe. Eu não estava. Ficou com uma barriga dura que parecia um tambor. A senhora sabe, quatro crianças... um ou outro sempre dá trabalho. Sorte que todos os quatro gostam do óleo de rícino. Imagine quando purgo um, os outros três revoltam a casa: choros gritos... E se não purgar também eles não acabam mais. Ficam todos quatro, em fila, alinhados... São crianças.

359. UMBERTO Senhora, recebi o seu recado. O seu nome, *sic et simpliciter*, não me dizia nada. Sorte que tinha o endereço e me lembrei que esta tal de dona Filomena a encontro quase todas as noites, quando saio para ir ao jornal, e que, certa vez, tive o prazer de acompanhá-la neste mesmo endereço porque não conseguia andar, por causa de um pé que doía. Assim reconstruí e...

360. FILUMENA É, me doía o pé.

361. RICCARDO (*mais explícito*) Mas qual é o assunto?

362. FILUMENA (*para Riccardo*) A loja vai bem?

363. RICCARDO E por que deveria ir mal? Claro que se todos os clientes fossem como a senhora, no prazo de um mês, teria que fechar. Quando a senhora entra na loja é como se tomasse uma porrada na cabeça. Manda pegar todos os tecidos: este não,

aquela não... preciso pensar... E deixa a loja de um jeito que para arrumar de novo preciso contratar dois ajudantes.

364. FILUMENA (*maternal*) Quer dizer que não irei mais incomodá-lo.

365. RICCARDO Nada disso, a senhora é quem manda, porém me faz suar como um danado!

366. FILUMENA (*quase divertida*) Pois não, mandei chamar vocês, por uma coisa séria. Se, por favor, quiserem entrar um momento por aqui... (*indica a porta a esquerda*) estaremos mais tranqüilos.

367. DOMENICO (*do escritório, seguido pelo advogado Nocella, intervém. Retomou o seu tom normal de homem decidido. Fala com Filumena com energia amistosa*) Deixa pra lá Filume', não é o caso de embaralhar ainda mais as coisas... (*para o advogado*) Eu, sem ser advogado, falei antes que você. Estava claro. (*Filumena o olha duvidosa*). Pois não, aqui está o advogado Nocella que pode lhe esclarecer tudo o que você quiser. (*Aos três moços*) A senhora se enganou. Foram incomodados em vão. Lhes pedimos desculpas e... se quiserem ir...

368. FILUMENA (*parando os três que já iam*) Um momento... Eu não me enganei. Quem os mandou chamar fui eu. O que você quer?

369. DOMENICO (*com intenção*) Temos que falar na frente de todos?

370. FILUMENA (*entendeu que algo de sério aconteceu, e que as coisas mudaram completamente. O tom calmo da voz de Domenico deu-lhe a certeza disso. Fala com os três jovens*) Licença, cinco minutos... Querem esperar no terraço?

Umberto e Michele encaminham-se um pouco tímidos.

371. RICCARDO (*olhando o relógio*) Olha lá! Eu acho que estão abusando da bondade alheia! Eu tenho mais o que fazer...

372. FILUMENA (*perdendo a calma*) Uê, aqui é um assunto sério, já falei! (*Tratando-o como um moleque, com um tom de voz que não admite réplica*) Vá no terraço. Assim como os outros, também você espere.

373. RICCARDO (*desconcertado com o tom decidido de Filumena*) "Tá" Bom! (*Segue os outros dois de má vontade*)

374. FILUMENA (*para Rosalia*) Traga-lhe uma xícara de café.

375. ROSALIA É pra já. (*Aos três*) Vão para o terraço. Fiquem lá no fundo... (*Indica um lugar*) Já vou trazer uma gostosa xícara de café. (*Sai pelo fundo à esquerda enquanto os três jovens saem pelo terraço*).

376. FILUMENA (*para Domenico*) Pois não?

377. DOMENICO (*indiferente*) Aqui está o advogado, está vendo?... Fale com ele.

378. FILUMENA (*sem paciência*) Eu com a lei tenho pouca amizade. Em todo caso, o que foi?

379. NOCELLA É assim, repito senhora, eu não tenho nada a ver com isso.

380. FILUMENA Mas afinal, o que você quer?

381. NOCELLA É assim, eu nada tenho a ver com isso, no de sentido que o senhor aqui não é meu cliente, e nem me mandou chamar.

382. FILUMENA Quer dizer que você veio assim porque quis?

383. NOCELLA Não...

384. FILUMENA (*irônica*) Foi mandado?

385. NOCELLA Não, senhora. É difícil que eu consinta a qualquer um mandar em mim

386. DOMENICO (*para Filumena*) Quer deixar ele falar?

387. NOCELLA A senhorita já me falou deste fato... (*Não a vendo atrás dele, olha no escritório*) Onde está?

388. DOMENICO (*impaciente de voltar com a discussão nos termos essenciais*) Advoga', Eu... ela... seja quem falou não tem importância. Vamos à conclusão.

389. FILUMENA (*aludindo a Diana com sarcasmo feroz mas conteúdo no tom de interrogação*) Está lá dentro, onde mais? Não tem a coragem de sair aqui fora. Vamos em frente advoga'?

390. NOCELLA Pelo caso por ele exposto... do outro lado... todavia... pelos acontecimentos, tem o artigo 122, que eu transcrevi aqui. (*Tira do bolso uma folha e a mostra*) Artigo 122: Casamento em grave perigo de vida. “No caso de grave perigo de vida... ecc...” explica todas as modalidades. Mas o grave perigo de vida não existia, porque o seu, segundo a versão do senhor, foi uma farsa.

391. DOMENICO (*prontamente*) Tenho as testemunhas: Alfredo, Lucia, O porteiro, Rosalia...

392. FILUMENA A enfermeira...

393. DOMENICO A enfermeira! Todo mundo! Logo que o padre se foi, levantou da cama... (*mostra Filumena*) e falou: “Domé’, somos marido e mulher!”

394. NOCELLA (*para Filumena*) E assim ele tem a seu favor o artigo 122: Violência e erro. (*Lê*) “O casamento pode ser impugnado por aquele cônjuge cujo consentimento foi extorquido com violência ou excluído por efeito de erro“. A extorsão teve: na base do artigo 122, o casamento pode ser impugnado.

395. FILUMENA (*sincera*) Não entendi
396. DOMENICO (*convicto de dar uma interpretação correta ao artigo do código, para Filumena, querendo dominá-la*) Eu a espousei porque você tinha que morrer...
397. NOCELLA Não, o casamento não pode ser submetido a condições. Tem o artigo... Agora não lembro... Mas enfim diz: “Se as partes acrescentar sem um termo ou uma condição, o oficial encarregado, ou o sacerdote, não pode proceder à celebração do casamento”.
398. DOMENICO Você falou que não tinha o grave perigo de vida...
399. FILUMENA (*ríspida*) Cale a boca, que também você não entendeu. Advoga’ se explique à napolitana.
400. NOCELLA (*dando a folha para Filumena*) Este é o artigo. Leia você mesma.
401. FILUMENA (*rasga a folha sem nem olhá-la*) Eu não sei ler e por carta não aceito!
402. NOCELLA (*um pouco ofendido*) Senhora, sendo que não esteve em ponto de morte, o casamento pode ser anulado, não valeu.
403. FILUMENA E o padre?
404. NOCELLA Vai dizer a mesma coisa. Ainda mais vai dizer que você desrespeitou o sacramento. Não tem valor!
405. FILUMENA (*lívida*) Não valeu? Tinha que morrer?
406. NOCELLA (*prontamente*) Isso.
407. FILUMENA Se morresse...
408. NOCELLA Aí teria sido validíssimo.
409. FILUMENA (*mostrando Domenico que ficou impassível*) E ele podia se casar de novo, podia ter filhos...
410. NOCELLA Sim, mas como viúvo. Esta outra mulher teria casado o viúvo da defunta senhora Soriano.
411. DOMENICO Ela teria virado a senhora Soriano... Morta!
412. FILUMENA (*irônica, mas com amargura*) Bela satisfação! Assim, eu gastei a minha vida para fazer uma família, e a lei não o permite? Que justiça é essa?

413. NOCELLA Mas a lei não pode sustentar o seu princípio, mesmo que humano, fazendo-se cúmplice de uma trapaça feita em prejuízo para um outro. Domenico Soriano não quer se casar com você.

414. DOMENICO Pode acreditar. Se tiver alguma dúvida, pode chamar um advogado de sua confiança.

415. FILUMENA Não, eu acredito Não porque quem o diz é você e tem todo o interesse... Não porque o diz o advogado, porque o advogado, eu não o conheço... Mas olhando na sua cara, você acha que não te conheço? Está de novo com a mesma cara de dono do mundo. Ficou mais calmo... Uma mentira, você a diria sem olhar nos meus olhos, com a cabeça baixa... porque uma mentira, você nunca soube dizê-la. Está certo...

416. DOMENICO Advoga', pode proceder.

417. NOCELLA Se me der a delega.

418. FILUMENA *(Filumena fica por um momento pensativa. De repente responde à última frase que o Nocella tinha-lhe dito. O seu tom é altivo, mas vai crescendo em fervor, até chegar ao máximo)* Nem eu! *(para Domenico)* Nem eu quero! *(para Nocella)* Advoga' pode ir em frente. Também eu não o quero. Não é verdade que estava morrendo. Queria trapacear mesmo! Queria me apoderar do sobrenome! Mas conhecia só a minha lei: aquela que faz sorrir, não aquela que faz chorar! *(Grita em direção do terraço)* Vocês, venham aqui!

419. DOMENICO *(conciliador)* Quer parar com isso?

420. FILUMENA *(revoltada)* Cale a boca! *(Do terraço reaparecem os três jovens que avançam alguns passos no quarto. Do fundo, quase contemporaneamente, Rosalia entra com uma bandeja com três xícaras de café, entende a delicadeza do momento e, depois de apoiar a bandeja sobre um móvel, fica ouvindo aproximando-se de Filumena, a qual, olhando para os filhos, assim francamente fala)* Rapazes, vocês já são homens! Fiquem ouvindo. *(Mostra Domenico e o Nocella)* Ali estão eles, o mundo. O mundo com todas suas leis e com todos os seus direitos... O mundo que funciona com papel e caneta: Domenico Soriano e o advogado... *(mostrando a si mesma)* E aqui eu: Filumena Marturano, aquela que tem a sua lei, e que não sabe chorar. Porque, senhores, Domenico Soriano, sempre me falou: "Nunca vi uma lágrima nos seus olhos!" E eu sem chorar... Estão vendo?! Os meus olhos estão enxutos como sempre... *(Fixando os três jovens nos olhos)* Vocês são meus filhos!

421. DOMENICO ...Filume'!

422. FILUMENA *(resolvida)* E quem é você, para querer me impedir de dizer, aos meus filhos, que são meus filhos? *(Para Nocella)* Advoga', isso a lei do mundo o permite, ou não?... *(mais agressiva que comovida)* Vocês são filhos meus! E eu sou Filumena Marturano, e não se fala mais nisto. Vocês, mesmo jovens, já devem ter ouvido falar de mim. *(Os três jovens ficam petrificados: Umberto embranquecido no rosto, Riccardo cabisbaixo como se estivesse com vergonha, Michele com o seu jeito de bobão pela maravilha e comoção. Filumena continua decidida)* E sobre o que vocês ouviram nada tenho a acrescentar! Mas até completar dezessete anos, sim. *(Pausa)*

Advoga', você sabe das favelas... (*Marcando a palavra*) A periferia... Em San Giuvanniello, e em Virgene, em Furcella, e em Tribunale, no Pallunetto! Bairros pretos, enfumaçados... onde no verão não se respira pelo calor e porque tem gente demais, e no inverno o frio é de bater o queixo... Onde não se vê o sol nem quando está rachando no centro... Eu falo napolitano, desculpe... Onde não tem luz nem ao meio-dia... Gente demais! Tanta assim que é melhor o frio do que o calor... Lá, na periferia, no beco San Liborio, estava eu com a minha família. Quantos éramos? Uma multidão! Onde a minha família foi parar? Não sei e nem quero saber. Não lembro!... Sempre com as caras amarradas, sempre brigando um com o outro... Íamos dormir sem dizer: "Boa Noite!" Acordávamos sem dizer: "Bom Dia!". Uma palavra boa, lembro que me foi dita por meu pai... e quando lembro me arrepio ainda hoje... Tinha treze anos. E ele me disse: "Você está crescendo, e aqui não tem o que comer, você sabe, né?" E o calor!... A noite quando se fechava a porta, não se podia respirar. De noite, a gente ficava ao redor da mesa... Com um prato grande e nem sei quantos garfos. Talvez não fosse verdade, mas, todas as vezes que metia o garfo dentro do prato, me sentia olhada. Parecia como se estivesse roubando aquela comida!... Tinha dezessete anos. Passavam as senhoritas bem vestidas, com belos sapatos, e eu as olhava... Passavam abraçadas com o namorado. Uma noite encontrei com uma companheira minha, que nem reconheci de tão bem que estava vestida... Talvez, na época, isso me parecesse a mais linda de todas as coisas... Ela disse (*silabando*): "Assim... assim... assim..." Não consegui dormir a noite inteira... E o calor... o calor... E assim conheci você! (*Domenico estremece*). Você lembra?... Aquela "Casa" me parecia um palácio... Voltei anoitecendo, o beco San Liborio, o coração batia forte. Pensava: "Talvez não vão nem olhar para minha cara, vão me jogar no olho da rua!" Ninguém falou nada: quem me oferecia a cadeira, quem me acariciava... E me olhavam como se fosse superior a eles, como alguém a temer... Somente mamãe, quando fui saudá-la, tinha os olhos cheios de lágrimas... Nunca mais voltei pra casa! (*Quase gritando*) Não matei os meus filhos! A família... a família! Vinte e cinco anos pensei nisso! (*Para os jovens*) E criei todos vocês, até serem homens, tenho roubado "disto" (*mostra Domenico*) para fazer crescer vocês!

423. MICHELE (*aproxima-se de sua mãe comovido*) Está bem, agora chega! (*se comove ainda mais*) Está certo, o que você podia ter feito a mais do que você já fez?!

424. UMBERTO (*sério, se aproxima da mãe*) Queria lhe dizer muitas coisas, mas me é difícil falar. Escreverei uma carta para a Senhora.

425.. FILUMENA Não sei ler.

426. UMBERTO Eu mesmo vou ler para a Senhora. (*Pausa*).

427. FILUMENA (*olha Riccardo na espera de que se aproxime. Mas ele sai pelo fundo sem dizer uma palavra*) Ah, ele se foi...

428. UMBERTO (*compreensivo*) É o seu caráter. Não entendeu. Amanhã, eu vou até a loja dele para lhe falar.

429. MICHELE (*para Filumena*) Você pode vir comigo. A casa é pequena, mas a gente cabe. Tem até uma varandinha. (*Com felicidade sincera*) Elas, as crianças, perguntam sempre: Minha avó... minha avó... E eu sempre dizendo uma bobagem ou outra...

Agora vou entrar e dizer: Sua avó! *(como dizendo: “Está aqui!”)* Você vai se sentir feliz! *(Incitando Filumena)* Vamos.

430. FILUMENA *(decidida)* Sim, vou contigo.

431. MICHELE Vamos.

432. FILUMENA Um momento. Você espere lá embaixo. *(Para Umberto)* Desçam juntos. Dez minutos. Tenho que dizer uma coisa para Dom Domenico.

433. MICHELE *(feliz)* “Tá” bom, mas depressa, depressa. *(Para Umberto)* Você vai descer?

434. UMBERTO Sim, desço, vou com você.

435. MICHELE *(sempre alegre)* Senhores, para todos... . *(Encaminhando-se para o fundo)* Eu sentia algo... Por isso queria falar... *(Sai com Umberto)*.

436. FILUMENA Advoga’, com licença, dois minutos... *(indica o “escritório”)*.

437. NOCELLA Não, eu vou embora.

438. FILUMENA Só dois minutos a mais. Faço questão que você esteja presente, após ter falado com Dom Domenico. À vontade. *(Nocella, contrariado, sai pelo “escritório”. Rosalia, sem precisar falar-lhe, sai pela anterior à esquerda. Filumena, pondo as chaves na mesa).* Eu vou embora, Domé’. Diga para o advogado que pode prosseguir como manda a lei. Não vou negar nada, vou te deixar livre.

439. DOMENICO Cruz Credo! Você podia levar um bom dinheirinho sem fazer toda esta zoadá...

440. FILUMENA *(sempre calmíssima)*. Amanhã mando pegar as minhas coisas.

441. DOMENICO *(um pouco perturbado)* Você é uma louca, isto sim. Quis arruinar a paz daqueles três jovens. O que deu em você, porque quis falar?

442. FILUMENA *(fria)* Porque um daqueles três é filho seu!

443. DOMENICO *(fica com o olhar fixo em Filumena pregado com aquela absurda verdade. Depois de uma pausa, buscando reagir à enchente dos seus sentimentos)* E quem acredita em você?

444. FILUMENA Um daqueles três é filho seu!

445. DOMENICO *(não ousando gritar, com gravidade)* Cale a boca!

446. FILUMENA Podia dizer que eram todos três filhos seus, você teria acreditado... Eu podia fazer você acreditar! Mas não é verdade. Podia tê-lo dito antes? Mas você teria desprezado os outros dois... E eu os quero todos do mesmo jeito, sem distinções.

447. DOMENICO Não é verdade!

448. FILUMENA É verdade, Domé', é verdade! Você não lembra. Você viajava, ia para Paris, Londres, e as corridas, as mulheres... Foi uma noite, uma das muitas, que, antes de viajar, você me deu de presente uma nota de cem... naquela noite você falou: "Filume', mostramos um para outro que nos amamos", e apagaste a luz. Eu, naquela noite, amei você de verdade. Você não, você tinha tido o que queria... E quando você acendeu de novo a luz, me deu sempre a mesma nota de cem. Eu anotei a data e o dia: Você sabe que eu sou boa com os números... Depois você foi viajar e eu esperei você como uma santa!... Mas você não lembra quando foi... E eu fiquei calada... Falei que a minha vida era sempre a mesma... E, assim, quando tive certeza de que você não tinha entendido nada, voltei a ser eu mesma.

449. DOMENICO *(com tom peremptório que mascara o seu inconsciente gozo)* E quem é?

450. FILUMENA *(decidida)* É... não, isto não vou dizer! Tem que ser igual para todos os três...

451. DOMENICO *(depois de um momento de hesitação, como obedecendo a um impulso)* Não é verdade... Não pode ser verdade! Você o teria dito na época, para me prender, para me ter firme nas mãos. A sua única arma teria sido um filho... e você, Filumena Marturano, esta arma a teria usado logo.

452. FILUMENA Você me forçaria a matá-lo... Do jeito que você pensava, naquela época... E também agora! Você não mudou! Não uma mas cem vezes me teria feito matá-lo! Tive medo falar! Só por minha causa o seu filho está vivo!

453. DOMENICO E quem é?

454. FILUMENA Tem que ser igual para os três!

455. DOMENICO *(exasperado, mau)* E são iguais!... São filhos seus! E não quero vê-los. Não os conheço... não o conheço... Vá embora!

456. FILUMENA Você lembra, ontem, quando falei: "Não jure, que vai morrer danado, se um dia não for você a pedir esmola para mim"? Por isso falei. Fique quieto, Domé'. E não esqueça: se você disser uma só palavra do que eu falei para você com os meus filhos... Eu mato você! Mas não da boca pra fora como você disse pra mim durante vinte e cinco anos... Mas como digo eu, Filumena Marturano: Mato você! Entendeu!??... *(Em direção ao "escritório" enérgica)* Advoga', pode vir... *(Aludindo a Diana)* Venha também você, não vou fazer nada... Você ganhou o ponto. Vou embora. *(Chamando pela esquerda)* Rosali', venha. Vou embora. *(Abraça Rosalia que entra, e para ela)* Amanhã vou mandar levar as minhas coisas. *(do "escritório" comparece Nocella, seguido por Diana, enquanto do fundo, sem falar, entra Alfredo).* Passar bem, lembranças para todo mundo. Também para você advogado, e desculpe. *(Do fundo entra também Lucia).* Entendeu bem Domé'... *(Com ostentada jovialidade)* Vou repetir na frente de todo mundo: não diga nada daquilo que eu disse a você. A ninguém! Que fique só para você. *(Pega entre os seios um camafeu, abre-o e tira dele, redobrada*

várias vezes, uma gasta nota de cem. Arranca-lhe um pedacinho, depois para Domenico) Tinha anotado um número, um número que eu preciso. Tome. (Apóia a nota na mesa e, com um tom quase alegre, mas com profundo desprezo, lhe fala) Os filhos não se pagam! (Sai pelo fundo à esquerda falando) Um bom dia para todos.

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

TERCEIRO ATO

A mesma cena dos atos anteriores.

Flores espalhados em vários lugares. Não faltam arranjos bem cuidados com, fixados neles, os bilhetes dos doadores. As flores serão de cores delicadas, não vermelhas, mas também não brancas. Um ar de festa se percebe em cada canto da casa. A cortina que divide a sala de estar do escritório está completamente fechada. Passaram-se dez meses do segundo ato. Está anoitecendo.

Rosalia entra do fundo à direita vestida “de festa”. Contemporaneamente, do escritório entra Domenico: está completamente mudado. Nem um gesto, nem uma intonação que caracterizavam a sua natureza autoritária, estão visíveis. Ficou manso, quase humilde. Os cabelos são um pouco mais brancos. Vendo Rosalia, que vai para a esquerda, chama-a.

457. DOMENICO Onde você foi, saiu?

458. ROSALIA Fui fazer uma tarefa para dona Filumena

459. DOMENICO Que tarefa?

460. ROSALIA (*insinuante, amável*) O que é, o senhor está com ciúmes? Fui ao beco San Liborio....

461. DOMENICO Fazer o quê?

462. ROSALIA (*brincalhona*) Olha, está mesmo com ciúmes!

463. DOMENICO Ciúmes que nada.. Não está mais aqui quem falou.

464. ROSALIA Estava brincando. (*Olhando desconfiada na direção do quarto de dona Filumena*) Eu vou contar... mas não diga a dona Filumena, porque não quer que o senhor saiba.

465. DOMENICO Se for assim, não conte.

466. ROSALIA Não... Eu acho que é bom o senhor saber, porque é uma coisa que a honra. Me mandou levar mil contos e cinquenta velas para Nossa Senhora das Rosas no beco San Liborio, e me pediu para acertar com uma velha moradora do beco, que cuida das flores e das lamparinas, para acender sempre as velas às seis em ponto. E sabe o porquê? Porque às seis está marcado o casamento. Enquanto casarem aqui, se acendem as velas em frente a Nossa Senhora das Rosas.

467. DOMENICO Entendo.

468. ROSALIA Uma santa, vai casar com uma santa. E até ficou mais jovem. Parece uma mocinha: como é linda! Eu sempre o dizia: “Que nada, dom Domenico esquecer de você? Quis anular o casamento porque é teimoso... Mas eu a cerimonia, a tinha como em frente aos olhos”.

469. DOMENICO *(um pouco chateado pela falação de Rosalia)* “Tá” bom, dona Rosali’, pode ir com dona Filumena.

470. ROSALIA Estou indo *(Mas quase sem querer, continua falando)* É, se não fosse por ela... eu acabaria mal. Me tomou em casa e aqui fiquei, e aqui fico, e aqui vou morrer.

471. DOMENICO Como você quiser!

472. ROSALIA Eu tenho tudo arrumado. O que posso fazer?... *(Aludindo ao seu último vestido)* A camisola comprida e branca com o babado e o bordado, a calçola, as meias brancas, e a touca. Está tudo dentro da gaveta, arrumado. O sabemos eu e dona Filumena. Ela é que tem que me vestir. É que eu não tenho mais ninguém. Se voltassem os meus filhos, nunca perdi a esperança... Com licença. *(E sai pela esquerda).*

473. DOMENICO *(que ficou sozinho, anda um pouco pelo quarto, observa as flores, lê alguns bilhetes, depois, maquinalmente, completa em voz alta o seu pensamento)* Está bem!

Do fundo à direita se ouvem as vozes confusas de Umberto, Riccardo e Michele.

474. MICHELE *(do interior)* Às seis, a cerimonia é às seis.

475. RICCARDO *(como acima)* Mas quando se toma um compromisso...

476. UMBERTO *(como acima)* Mas eu fui pontual

Os três jovens entram falando

477. MICHELE Mas nós falamos às cinco. Eu atrasei quarenta e cinco minutos.

478. RICCARDO Como dizer nada!

479. MICHELE “Tá” certo, mas os compromissos se entendem sempre meia hora mais tarde. Se for às cinco... das cinco às cinco e meia, quinze para seis...

480. RICCARDO *(irônico)* ... o dia depois, o mês que vêm...

481. MICHELE Olha aqui, eu tenho quatro filhos e não tenho mais relógio... Porque aquele que eu tinha eles o quebraram todinho!

482. UMBERTO *(vendo Domenico o saúda respeitosamente)* Dom Domenico, boa noite.

483. RICCARDO *(com o mesmo tom de respeito)* Dom Domenico...

484. MICHELE Dom Domenico...

Todos três se enfileiram na frente de Soriano, em silêncio.

485. DOMENICO Boa noite. (*Longa pausa*). E aí, não falam mais? Continuem falando.

486. UMBERTO (*um pouco confuso*) Isso...

487. RICCARDO Ou seja... nós falávamos... mais ou menos.

488. MICHELE Já acabou o assunto.

489. DOMENICO Logo que me viram... (*para Michele*) Você chegou atrasado?

490. MICHELE Senhor sim, dom Domé'.

491. DOMENICO (*para Riccardo*) E você chegou no horário.

492. RICCARDO Senhor sim, dom Domé'.

493. DOMENICO (*para Umberto*) E você?

494. UMBERTO Em cima da hora, dom Domé'.

495. DOMENICO (*repete como falando consigo mesmo*) Em cima da hora, dom Domé'... (*pausa*). Podem se sentar. (*Os três jovens se sentam*) A cerimônia é às seis. Tem tempo. Às seis chega o padre. E... nós estamos entre nós. Filomena não quis mais ninguém. Eu queria dizer para vocês... já falei também da outra vez... eu acho que este "dom Domé'"... Eu não gosto.

496. UMBERTO (*tímido*) É.

497. RICCARDO (*como acima*) É.

498. MICHELE (*como acima*) É.

499. UMBERTO Mas o senhor não falou de como gostaria de ser chamado

500. DOMENICO Eu não falei porque queria que entendessem sozinhos. Esta noite vou casar com sua mãe; já falei com o advogado pelos documentos de vocês. Amanhã terão o meu nome: Soriano...

Os três jovens se olham perguntando um para outro sobre como responder. Cada um espera que o outro fale primeiro.

501. UMBERTO (*tomando coragem*) Assim, veja... respondo eu porque acho que todos três temos o mesmo sentimento. Não somos crianças, somos homens... e não podemos, com ligeireza, lhe chamar como, justamente e generosamente, nos propõe de ser chamado. Tem coisas... que precisam vir de dentro.

502. DOMENICO (*com ansiedade interrogativa*) E você, dentro, não sente esta... digamos vontade... esta necessidade de chamar alguém... a mim, por exemplo, de pai?

503. UMBERTO Não saberia mentir e você não o merece. Por enquanto não!
504. DOMENICO *(um pouco decepcionado, para Riccardo)* E você?
505. RICCARDO Não, eu também não
506. DOMENICO *(para Michele)* E você?
507. MICHELE Eu também não, dom Domé'!
508. DOMENICO É, com o tempo, acabam se acostumando. Eu gosto, estou contente de estar com vocês, sobretudo porque são três bons rapazes. Todos trabalham, um em uma coisa, outro em outra; mas com a mesma boa vontade, com a mesma garra. Parabéns. *(para Umberto)* Você é empregado, e pelo que eu sei, faz o seu trabalho com seriedade e orgulho. Escreve artigos.
509. UMBERTO Alguns contos.
510. DOMENICO É... a sua ambição seria de ser um grande escritor.
511. UMBERTO Não tenho esta pretensão.
512. DOMENICO E por que não? É jovem. Entendo que, para conseguir nesta área, tem que ter habilidade, tem que se ter o dom...
513. UMBERTO E eu não acredito em ter este dom. Você não sabe quantas vezes, tomado pelo desânimo, digo entre mim “Umbe’, você errou... O teu caminho é outro”.
514. DOMENICO *(interessado)* E qual mais poderia ser? Quero dizer, que outra coisa gostaria de fazer na vida?
515. UMBERTO Quem sabe: tem tantas aspirações quando somos jovens.
516. RICCARDO Isso, a vida, é toda uma combinação. Eu, por exemplo, como foi que arrumei uma loja em Chiaia? Porque namorava uma costureira!
517. DOMENICO *(colhendo a oportunidade)* Você namorou muitas garotas?
518. RICCARDO Mais ou menos... não posso me queixar... *(Domenico se levanta interessado, observando cada gesto de Riccardo para ver nele um gesto, um acento, que o remita à sua juventude)* Sabe o que é? Não consigo achar o meu tipo. Vejo uma, gosto e digo: “Esta, é ela...” E logo penso: “Vou casar”. Depois vejo outra que acho que gosto ainda mais. Não consigo me decidir: sempre tem uma mulher melhor que aquela que se conheceu antes!
519. DOMENICO *(para Umberto)* Você, ao contrário, é mais calmo, mais reflexivo, falando em mulheres.

520. UMBERTO Até certo ponto. Com as garotas de hoje, tem pouco para ser reflexivo. Na rua, pra onde se olha, tem lindas garotas. A escolha é difícil. O que posso fazer, continuo trocando até encontrar aquela que me agrada.

521. DOMENICO *(fica perturbado ao constatar também em Umberto a mesma tendência de Riccardo. Para Michele)* E você?... Também você gosta de mulheres?

522. MICHELE Eu me amarrei muito cedo. Conheci a minha mulher e... boa noite. Agora tenho que ficar com dois pés em um só sapato, com a minha mulher não se brinca... É assim, entenda, fico na minha. Não porque não gosto de mulheres... mas porque fico com medo!

523. DOMENICO *(desencorajado)* Porque também você gosta de mulheres... *(Pausa. Depois tentando ainda observar)* Eu quando jovem cantava. Nos juntávamos em sete, oito amigos... Era a época das serenatas. No restaurante, se almoçava e depois se acabava sempre cantando: bandolins, violões... Quem de vocês canta?

524. UMBERTO Eu não.

525. RICCARDO Também eu não.

526. MICHELE Eu sim.

527. DOMENICO *(feliz)* Você canta?

528. MICHELE E como! E se não cantasse como faria para trabalhar? Dentro da minha oficina canto sempre.

529. DOMENICO *(ansioso)* Cante algo.

530. MICHELE *(tímido, arrependido pela ostentação)* Eu? E o que vou cantar?

531. DOMENICO O que você quiser.

532. MICHELE Sabe o que é?... Aqui me sinto acanhado.

533. DOMENICO E dentro da oficina você não canta?

534. MICHELE Mas é uma outra coisa... Você conhece: "Monastero 'e Santa Chiara"²³⁴ Como é linda! *(Começa a acenar a canção com voz sem cor e desafinada)* "Monastero 'e Santa Chiara – tengo 'o core scuro scuro – ma pecché pecché ogne sera – penzo a Napule comm'era...".

535. RICCARDO *(interrompendo-o)* Mas assim sei cantar também eu.... Onde está a voz?

536. MICHELE *(quase ofendido)* E esta não é voz, não?...

²³⁴ *Monastero Santa Chiara*: canção popular napolitana muito conhecida na Itália inteira. O autor escolhe esta canção porque provavelmente quer criar uma ponte entre o palco e a platéia. É o equivalente de cantar o Hino ao Senhor do Bonfim em Salvador.

537. UMBERTO Com esta voz até, eu mesmo canto.

538. RICCARDO E eu não?

539. DOMENICO Com esta voz, pode cantar qualquer um. *(Para Riccardo)*. Tente você.

540. RICCARDO Eu não ousou. Não tenho a cara de pau dele. Só se for assim... *(acena o motivo)* “Munastero ‘e Santa Chiara – tengo ‘o core scuro scuro – ma pecché pecché ogne sera – penzo a Napule comm’era...”. *(Umberto continua a frase junto com ele)*. “Penzo a Napule comm’è...” *(Michele também canta)*. “No... nun é overo... No nun ce crero...”.

Assim nasce um coral desafinado e inumano.

541. DOMENICO *(interrompendo-os)* Chega. Chega... *(Os três calam-se)* Fiquem calados: é melhor... Estão emocionados... Não é possível...Três napolitanos que não sabem cantar!

542. FILUMENA *(entra da esquerda em um vistoso vestido novo. Penteadado alto “à napolitana”, duas fileiras de pérolas no pescoço. Brincos “de pressão”. O seu aspecto ficou quase juvenil. Fala com Teresina, a costureira, que a segue com Rosalia e Lucia)* Mas que impressão minha, Teresi’, está com defeito sim!

543. TERESINA *(é uma daquelas costureiras napolitanas que não desistem: no sentido que as queixas das freguesas decepcionadas não a tocam minimamente. A sua calma chega a ser até irritante)*. Mas é só a senhora que vê defeitos, dona Filumena querida. Eu não vejo nada demais, e são muitos anos que costuro para a senhora...

544. FILUMENA Você tem cara de pau! Seria capaz de negar o que está estampado na cara.

545. TERESINA Quer porque quer que diga que está com defeito?

546. MICHELE Boa noite, mamãe.

547. RICCARDO Boa noite e congratulações.

548. UMBERTO Boa noite e congratulações.

549. FILUMENA *(agradavelmente surpresa)* Vocês estão aqui? Boa noite! *(Para Teresina, obstinada)* Quer saber por que está com defeito? Porque quando você cortou o pano achou que podia tirar um pedaço para fazer um vestido para sua filhinha...

550. TERESINA Que é isso!

551. FILUMENA Já fui lá... E vi a pequeninha tua, com o vestido feito com o pano que você fez sobrar do vestido meu.

552. TERESINA Se a senhora falar assim, vou ficar ofendida. *(Em outro tom)* Claro que quando sobra pano... *(Filumena a olha repressiva)* Mas nunca prejudico a cliente. Minha consciência não deixaria.

553. ROSALIA *(admirada)* Dona Filume', Você está linda! Uma linda noiva!

554. TERESINA Mas como devia ser este vestido?

555. FILUMENA *(lívida)* Não tinha que roubar o pano; entendeu?

556. TERESINA *(um pouco ofendida)* Não diga isso... O que acha, faço a bainha? Tenho que ver quanto tem de sobra.... *(faz o gesto para indicar uma quantidade pequena)*.

557. DOMENICO *(que até naquele instante assistiu a cena com impaciência, completamente mergulhado na sua idéia fixa, para Filumena)* Filume' eu tenho que falar com você um instante.

558. FILUMENA *(dá alguns passos em direção de Domenico, mas capenga por causa dos sapatos novos que doem)* Nossa Senhora... estes sapatos...

559. DOMENICO Estão doendo? Tire e bote outro par.

560. FILUMENA O que você tem para me dizer?

561. DOMENICO Teresi', se for embora nós agradecemos.

562. TERESINA Como não? Já estou indo. *(Dobra um pano que tinha consigo e o bota no braço)* Parabéns e boa sorte. *(Para Lucia encaminhando-se para o fundo)* Me diga querida, mas como devia fazê-lo aquele vestido? *(Sai seguida por Lucia)*.

563. DOMENICO *(para os três jovens)* Vocês por favor poderiam ir na sala e entreter o compadre e a comadre. Lhe ofereça algo para beber. Rusali' os acompanhe.

564. ROSALIA *(consentindo)* Senhor sim. *(para os três jovens)* Venham. *(Sai pelo escritório)*.

565. MICHELE *(aos irmãos)* Embora, venham.

566. RICCARDO *(zombando-o)* Você errou de profissão, você devia ser segurança.

Rindo, os três jovens saem pelo escritório.

567. DOMENICO *(olha Filumena, a admira)* Como você está linda Filume'... Voltou de novo a ser moça... E se estivesse tranqüilo, despreocupado, diria que você ainda pode fazer perder a cabeça a um homem.

568. FILUMENA *(quer evitar, a todo custo, o assunto que está perturbando Domenico e do qual ela intuiu o tom. Evasiva)* Acho que não falta nada. Fiquei assim aérea hoje.

569. DOMENICO Eu, pelo contrário não estou por nada tranqüilo, estou preocupado.

570. FILUMENA (*fazendo-se de desentendida*) E como poderia ficar tranqüilo? Aqui só se pode contar com Lucia. Alfredo e Rosalia são dois velhos...

571. DOMENICO (*retoma o discurso começado*) Não mude de assunto, Filume'; não mude de assunto porque você está pensando o mesmo que estou pensando eu... (*continuando*) E a tranqüilidade, a despreocupação, só você pode me dar, Filume'...

572. FILUMENA Eu?

573. DOMENICO Você viu que eu fiz tudo como você queria. Depois da anulação do casamento, fui chamá-la. E não uma só vez, muitas vezes... porque você mandava dizer que não estava. Fui eu que fui até você e falei: "Filume', vamos casar".

574. FILUMENA E esta noite vamos casar.

575. DOMENICO Você está feliz?... Assim eu creio.

576. FILUMENA E por que não deveria?

577. DOMENICO E por isso você tem que me fazer feliz também. Sente-se e escute. (*Filumena senta-se*) Se você soubesse quantas vezes, nestes últimos meses, tentei falar e não consegui. Tentei, com todas as minhas forças, vencer este meu senso de pudor mas não tive coragem. Entendo que o assunto é delicado e faz mal também para mim deixá-la constrangida para responder; mas vamos nos casar. Em breve, estaremos ajoelhados em frente a Deus, não como dois jovens que ali estão para achar que o amor é um sentimento que podia ser satisfeito e exaurido no mais simples e natural dos modos... Filume', nós, a nossa vida a temos vivida... eu tenho cinqüenta e dois anos passados e você tem quarenta e oito: duas consciências formadas que têm o dever de entender com frieza o próprio gesto e enfrentá-lo, assumindo em cheio toda a responsabilidade dele. Você sabe por que vai se casar: mas eu não. Eu sei somente que caso porque você falou que um daqueles três é filho meu...

578. FILUMENA Só por isso?

579. DOMENICO Não... Porque quero o seu bem, ficamos juntos vinte e cinco anos, e vinte e cinco anos representam uma vida: lembranças, saudades, vida a dois... entendi que sozinho ficaria perdido... e também, porque eu acredito nisso; são coisas que se sentem, e eu as sinto. Conheço você muito bem e por isso estou falando assim. (*Grave, com sentimento*) Eu, à noite, não consigo dormir. São dez meses, desde aquela noite, você lembra?... que não acho mais paz. Não durmo, não como, não me distraio... não vivo! Você não sai de dentro deste meu coração... É algo que me prende a respiração... Faço assim... (*como para respirar um bocado de ar*) e o ar fica parado, aqui... (*mostra a garganta*) você não pode me deixar viver assim. Você tem coração, é uma mulher vivida, que me entende e pode até me querer um pouco de bem. Não pode me deixar viver assim! Você lembra de quando falou: "Não jure..." e eu não jurei. E agora, Filume' posso pedir esmola... E a peça como você quer: ajoelhado, beijando as suas mãos, o vestido ... Fale, Filume'.

Filume' diga quem é o meu filho, qual é a minha carne... o meu sangue... Tem que me contar, por vontade própria, para não parecer que está falando por chantagem ... Eu caso com você mesmo assim, juro!

580. FILUMENA *(depois de uma longa pausa, na qual olha demoradamente o homem dela)* Quer saber?... E eu digo. Para mim é bastante dizer: "Seu filho é aquele" e assim você que faria? Vai tentar levá-lo sempre contigo, vai pensar em lhe dar um futuro melhor, e naturalmente, você estudará todos os jeitos para dar mais dinheiro para ele que para os outros dois...

581. DOMENICO E com isso?

582. FILUMENA *(doce, insinuante)* Que assim seja: ele precisa, tem quatro filhos.

583. DOMENICO *(com ânsia interrogativa)* O operário?

584. FILUMENA *(confirmando)* O hidráulico, como fala Rosalia.

585. DOMENICO *(para si mesmo, sempre mais se exaltando em seus raciocínios)* ...Um bom rapaz.... com bom porte... de boa saúde. Por que se casou tão cedo? Com uma pequena oficina quanto pode ganhar?... É uma arte também esta. Com capital à disposição, poderia montar uma oficina bem melhor com operários, ele ser o dono: uma loja de aparelhos hidráulicos modernos... *(De repente olha Filumena com suspeita)* Olha, olha... logo o encanador... o hidráulico! Claro, é aquele casado, quem mais precisa...

586. FILUMENA *(fingindo estar desapontada)* E uma mãe o que devia fazer?... Tem que tentar ajudar o mais fraco... Mas você não acreditou... Você é sabido... É Riccardo, o comerciante.

587. DOMENICO O camiseiro?

588. FILUMENA Não, é Umberto, o escritor.

589. DOMENICO *(exasperado, violento)* Ainda... Ainda quer me botar com a cara na parede?... Até o último!

590. FILUMENA *(comovida pelo tom aflito e abatido com que Domenico pronunciou as suas palavras, tenta recolher todos seus sentimentos mais íntimos para trazer, em síntese, a fórmula de um discurso persuasivo, que finalmente possa dar ao homem umas explicações concretas e definitivas)* Escute com atenção, Domé', e depois não vamos mais falar disso. *(Com um ímpeto de amor há muito tempo contido)* Amei você com todas as forças da minha vida! Aos meus olhos, você foi um Deus... e ainda amo você, e talvez mais do que antes... *(Considerando de repente a surpresa e a dificuldade em compreeder dele)* Ah, o que é que eu fiz, Domé'!... Quis fazer sofrer você à toa... Deus tinha lhe dado tudo para ser feliz: saúde, boa aparência, dinheiro.... e eu: e eu, para não fazer você sofrer, teria ficado calada, nunca teria falado, nem em ponto de morte... e você, você teria sido o homem generoso que teria ajudado a três desgraçados... *(Pausa)* Não me pergunte mais, porque não vou falar. Não posso dizer... E você tem que ser homem honrado e não me perguntar isto nunca mais, porque, pelo bem que te quero,

em um momento de fraqueza, Domé'... e seria a nossa ruína. Você viu que, logo que eu disse que o seu filho era o hidráulico, logo você começou a pensar no dinheiro... o capital... a grande loja... Por que você se preocupa e “ta” certo, porque você diz: “O dinheiro é meu”. E começa a pensar: “E porque não posso lhe dizer que sou o pai?” “E os outros dois quem são?” “Que direitos eles têm?” Seria um inferno!... Você entende que a ganância os botaria um contra outro... São três homens, não são três crianças. Seriam capazes de se matar entre eles... Não pense em você, não pense em mim... pense neles. Domé', O melhor dos filhos nós o perdemos!... Filhos são aqueles que se carregam nos braços, quando são pequenos, que lhe dão preocupação quando ficam doentes e não sabem dizer o que estão sentindo... Que correm a seu encontro com os braçinhos abertos, dizendo: “Papai!”... Aqueles que voltam da escola com as mãozinhas frias e o nariz vermelho e o rodeiam de coisas boas... Mas quando são grandes, quando ficam homens, os são todos filhos juntos, ou são inimigos... Não é ainda tarde demais. Não te quero mal... Vamos deixar as coisas como estão, e cada um vai pela própria estrada!

Internamente vão-se ouvir os primeiros acordes de teste de um órgão

691. ROSALIA *(do “escritório” seguida pelos três jovens)* Chegou... chegou o padre...

692. MICHELE Mamãe!...

693. DOMENICO *(levanta-se da mesa e olha todos demoradamente. Depois, como por uma decisão repentina)* Vamos deixar as coisas como estão, cada um vai pela própria estrada... *(Aos rapazes)* Eu preciso falar com vocês... *(Todos esperam em suspense)* Eu sou um homem de bem e não posso enganar vocês. Ouçam...

594. OS TRÊS Sim, papai!

595. DOMENICO *(comovido olha Filumena e decide)* Obrigado, Não sabem quanto isso me deu prazer... *(Recompondo-se)* Assim... Quando dois se casam é sempre o pai que leva a esposa até o altar. Aqui pais não existem... Há os filhos. Dois acompanham a esposa e um acompanha o esposo.

596. MICHELE A mamãe nós vamos acompanhá-la *(Encaminha-se para Filumena Convidando Riccardo a fazer o mesmo)*.

597. FILUMENA *(lembrando de repente)* Que horas são?

598. RICCARDO Faltam cinco minutos para as seis.

599. FILUMENA *(Aproxima-se de Rosalia)* Rosali'...

600. ROSALIA Fique tranqüila, as seis em ponto vão ser acesas as velas também lá.

601. FILUMENA *(apoiando-se no braço de Michele e no de Riccardo)* Vamos... *(Entram no escritório)*.

602. DOMENICO *(para Umberto)* E você me acompanha...

Formam o curto cortejo e entram no “escritório”. Rosalia comovida, mansa como sempre, fica no seu lugar batendo palmas e segurando a cortina. Internamente, o órgão toca a “Marcha Nupcial”. Agora Rosalia chora. Pouco depois chega Alfredo, e juntos assistem à cerimônia. Também Lucia junta-se a eles. As luzes se apagam em “resistência” até a completa escuridão. Do terraço chega devagar um raio de lua, e bem devagarinho se acende a luz da luminária. Passou algum tempo.

603. FILUMENA *(seguida de Umberto, Michele e Rosalia entra do “escritório” rapidamente, vai para esquerda)* Que cansaço, Nossa Senhora!

604. MICHELE Agora pode descansar. Também nos vamos. Amanhã temos que trabalhar.

605. ROSALIA *(com uma bandeja com alguns copos vazios)* Parabéns, parabéns, parabéns... Que linda função! Cem anos tem que viver, filha minha!

606. RICCARDO *(do “escritório”)* Foi mesmo uma linda função.

607. FILUMENA *(para Rosalia)* Rusali’, um copo de água.

608. ROSALIA *(acentuando)* É pra já, senhora... *(Sai pelo fundo)*.

609. DOMENICO *(do “escritório”, levando uma garrafa de vinho “especial” com a tampa selada com cera)* Nada de convidados, nada de banquete, mas uma garrafinha em família, temos que bebê-la... *Pega o abridor no móvel do fundo)* Esta nos acompanhará para dormir. *(abre a garrafa)*.

610. ROSALIA *(volta com um copo de água em um prato como se usa no napolitano)* Aqui está a água.

611. DOMENICO E o que temos que fazer com a água?

612. ROSALIA *(como para dizer: “Foi dona Filumena quem pediu”)* A senhora.

613. DOMENICO Pode dizer, para senhora, que, esta noite, a água traz azar. E chame também Lucia... Quase esquecia... chame também Alfredo Amoroso: “montador” e guiador além de conhecedor de cavalos de corrida.

614. ROSALIA *(chama para o fundo à direita)* Alfre’... Alfre’, venha, venha tomar um copo de vinho com o senhor... Luci’ venha também você.

615. ALFREDO *(do fundo, seguido por Lucia)* Estou aqui, *presinte*.

616. DOMENICO *(encheu os copos e começa a distribuí-los)* Toma Filume’, beba. *(para os outros)* Bebam.

617. ALFREDO *(bebendo)* À saúde!

618. DOMENICO *(olha o seu fiel amigo com ternura e saudade)* Lembra, Alfre', quando os nossos cavalos corriam?

619. ALFREDO Por Deus!

620. DOMENICO Agora pararam... Pararam muito tempo atrás. E eu não queria acreditar, na minha fantasia os via sempre correndo. Mas agora entendi, que pararam já há muito tempo! *(mostra os jovens)* Agora são eles que têm que correr! Têm que correr estes cavalos aqui, são jovens, são puro-sangue! Que papelão a gente faria se quiséssemos ainda fazer correr os nossos cavalos? Que vexame daríamos, Alfre'!

621. ALFREDO Por Deus!

622. DOMENICO Beba, Alfre'... *(Todos bebem)*. Os filhos são filhos! É a providência. E sempre, sempre... quando, em uma família, se tem três ou quatro, sempre acontece que o pai fica de olho em um em particular, como dizer, um cuidado especial para um dos quatro. Ou porque é mais feio, porque está doente, ou porque é mais arrogante, ou mais cabeçudo... E os outros filhos não ficam de mal... acham justo. É quase um direito do pai. Entre, nós isto não pode acontecer, porque a nossa família se reuniu tarde demais. Talvez seja melhor assim. Quer dizer que aquele amor que eu teria o direito de querer a um dos meus filhos... vou dividi-lo entre os três. *(Bebe)* À saúde! *(Filumena não responde, Retira do seio um pequeno buquê de flores de laranja e, de quando em quando, aspira o perfume. Domenico fala com os três jovens, amistoso)* Rapazes, amanhã vocês vão comer aqui.

623. OS TRÊS Obrigado.

624. RICCARDO *(aproximando-se da mãe)* Agora nós vamos porque é tarde e mamãe quer descansar. Passar bem, mamãe. *(a beija)* Parabéns e nos veremos amanhã.

625. UMBERTO *(imitando o irmão)* Passar bem.

626. MICHELE Boa noite e parabéns...

627. UMBERTO *(aproximando-se de Domenico e sorrindo-lhe docemente)* Boa noite, papai...

628. RICCARDO e MICHELE *(saudando juntos)* Papai, boa noite.

629. DOMENICO *(olha os jovens com gratidão. Pausa)* Dêem-me um beijo! *(Os três, um depois do outro, beijam com carinho Domenico)* Até amanhã.

630. OS TRÊS *(saindo seguidos por Alfredo, Rosalia e Lucia)* Até amanhã.

Domenico os segue com o olhar, pensativo nas suas reflexões sentimentais. Agora aproxima-se da mesa e enche novamente o copo.

631. FILUMENA *(senta-se na poltrona e tira os sapatos)* Nossa Senhora, que cansaço! Estou toda moída!

632. DOMENICO *(com afeto compreensivo)* O dia todo se mexendo... e a emoção... todos os preparativos destes últimos dias... mas agora pode ficar tranqüila e descansar. *(Pega o copo e se aproxima ao terraço)* É mesmo uma linda noite! *(Filumena repara algo na garganta que a faz gemer. Emite sons quase parecidos com uma lamúria. Assim fixa o olhar no vazio como em espera de algo. O rosto se molha de lágrimas como a água pura nas pedras limpas e lisas. Domenico preocupado aproxima-se)* Filume' o que foi?

633. FILUMENA *(feliz)* Domé', estou chorando... Como é lindo chorar...

634. DOMENICO *(apertando-a amorosamente para si)* Não é nada... não é nada Você correu... correu... teve medo... caiu... levantou... se arranhou... Você pensou, e pensar cansa... Mas não tem mais que correr, não tem mais que pensar... Descanse!... *(Volta a mesa para beber, ainda um gole de vinho)* Os filhos são filhos... E são todos iguais... Você tem razão, Filume', Você tem razão!...*(E engole o seu vinho, enquanto cai o pano).*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

ADLER, Stella. *Técnica da representação teatral*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

AMADO, Jorge. *Dona flor e seus dois maridos*. São Paulo: Martins, 1969.

ALMEIDA, Manuel Antonio de. *Memórias de um sargento de milícias*: São Paulo: Ática, 1973.

ANDRADE, Mário. *Macunaíma*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2004

BARBA, Eugênio; SAVARESE, Nicola. *A Arte secreta do ator* São Paulo: Hucitec, 1996.

BARSOTTI, Anna. *Eduardo*. , Torino: Giulio Einaudi, 2003.

BARSOTTI, Anna. *Nota storico-critica*. in: DE FILIPPO E. *Cantata dei giorni pari*. Torino: Einaudi, 1998.

BECKER, T. George. *Realism in modern literature*. New York:Frederick Ungar, 1980

BRECHT, Bertold. *Mae coragem e seus Filhos*: Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

BOAL, Augusto. *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

BONTEMPELLI, Massimo. [Critica teatral]. *Il Mattinol*, NAPOLI, 16 giugno 1932.

BORNHEIM, Gerd A. *A estética do teatro*. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

BORNHEIM, Gerd A. *O sentido e a máscara*. São Paulo: Perspectiva, 1969.

BORNHEIM, Gerd A. *Teatro: a cena dividida*. Porto Alegre: LPM, 1983.

BROCKETT, G. Oscar. *Storia del Teatro*. Venezia: Marsilio, 2000.

CALCAGNO Paolo. *Eduardo. La vita è dispari*. Napoli: Pironti, 1985.

CARLONI, Augusto. *Titina De Filippo, Vita di una donna di teatro*. Milano: Rusconi, 1984.

CARLSON, Marvin. *Teoria do teatro: estudo histórico-critico, dos gregos à atualidade*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CHACRA, Sandra. *Natureza e sentido da improvisação teatral*. São Paulo: Perspectiva, 1983.

D' AJETA, de Miro Barbara. *La figura della donna nel teatro di Eduardo De Filippo*. Nápoles: Liguori, 2002.

- DE CRESCENZO, Luciano. *La Napoli di Bellavista*. Milano: Arnoldo Mondadori, 2002.
- DE FILIPPO, Eduardo. *Bene mio e core mio*. Torino: Giulio Einaudi, 2004a.
- DE FILIPPO, Eduardo. *Cantata de giorni dispari*. Torino: Giulio Einaudi, 1995.
- DE FILIPPO, Eduardo. *Cantata dei giorni pari*. Torino: Giulio Einaudi, 1998a.
- DE FILIPPO, Eduardo. *Chi é cchiú felice 'e me!*. Torino: Giulio Einaudi, 2004b.
- DE FLIPPO, Eduardo. [Citação]. *Cinema*, Roma, 14 apr. 1952.
- DE FILIPPO, Eduardo. Colloqui com Pirandello: *Scenario*, p 163-165, apr. 1937. Nos ensaios de “L’abito nuovo”.
- DE FILIPPO, Eduardo. *De Pretore Vincenzo*. Torino: Giulio Einaudi, 2004c.
- DE FILIPPO, Eduardo.[Citação]. *Discorso all’ accademia dei Lincei*, Roma, dic. 1972.
- DE FILIPPO, Eduardo. *Ditegli sempre di si*. Torino: Giulio Einaudi, 2004d.
- DE FILIPPO, Eduardo. *Filumena Marturano*. Torino: Giulio Einaudi, 2004e.
- DE FILIPPO, Eduardo. *Gli esami non finiscono mai*. Torino: Giulio Einaudi, 2004f.
- DE FILIPPO, Eduardo. *Il figlio di pulcinella*. Torino:Giulio Einaudi, 2004g.
- DE FILIPPO, Eduardo. [Entrevista]. *Il Tempo*, Roma: 13 luglio 1983.
- DE FILIPPO, Eduardo. *Io, l’erede*. Torino: Giulio Einaudi, 2004h.
- DE FILIPPO, Eduardo. [Entrevista]. *La Domenica Del Corriere* , Milano, 23 magg. 1954.
- DE FILIPPO, Eduardo. [Entrevista a Enzo Biagi]. *La Stampa*, Milano, 5 apr. 1959.
- DE FILIPPO, Eduardo. *L’erede di Shylock*. Torino: Giulio Einaudi, 2004i.
- DE FLIPPO, Eduardo. [Citação]. *L’Europeo*, Milano, 1 sett. 1966.
- DE FILIPPO, Eduardo. *Le bugie com le gambe unghie*. Torino: Giulio Einaudi, 1998b.
- DE FILIPPO, Eduardo. *Lezioni di teatro*. Torino: Giulio Einaudi, 1986.
- DE FILIPPO, Eduardo. *Mettiti al passo*. Torino: Giulio Einaudi, 2004j.
- DE FILIPPO, Eduardo. *Mia familia*. Torino:Giulio Einaudi, 2004l.
- DE FILIPPO, Eduardo. *Napoli Milionaria*, Padova:Fabbri, 2005.

- DE FILIPPO, Eduardo. *Natale in casa Cupiello*. Torino: Giulio Einaudi, 2002.
- DE FLIPPO, Eduardo. [Citação]. *Oggi*, Milano, 21, magg, 1980.
- DE FILIPPO, Eduardo. *Peppino Girella*. Torino: Giulio Einaudi, 2004m.
- DE FLIPPO, Eduardo. [Citação]. *Roma*, Roma 7 magg. 1969.
- DE FILIPPO, Eduardo. *Sabato, domenica e lunedì*. Torino: Giulio Einaudi, 2004n.
- DE FILIPPO, Eduardo. *Tommaso d'Amalfi*. Torino: Giulio Einaudi, 2004o.
- DE FILIPPO, Eduardo. *Tre adattamenti teatrali*. Torino: Giulio Einaudi, 2004p.
- DE FILIPPO, Eduardo. *Un punho d'acqua*. Torino: Giulio Einaudi, 2004q.
- DE FILIPPO, Eduardo. *Vita, opere, 1900-1984*, [Catálogo de mostra]. A cura de Quarantotti De Filippo e Martin. Mondadori: Milano, 1985.
- DE FILIPPO, Peppino. *Una Famiglia difficile*. Nápoles: Marotta, 1976.
- DE FILIPPO, Quarantotti. *Eduardo, polemiche, pensieri, pagine inedite*. Milano: Bompiani, 1985a,
- DON MARZIO. *Vita e morte del San Carlino*, 1976 Disponível em: <<http://www.storiain.net> >. Acesso em 14/10/2006.
- EDUARDO racconta Eduardo. Direção Nello Pepe, A cura de Maurizio Giammuso. Torino: Giulio Einaudi. VHS (40 min.), som, cor.
- ENCICLOPEDIA multimediale delle lettere: Poeti e scrittori italiani del novecento. Direção Nello Pepe, A cura de Maurizio Giammuso. Roma: RAI Radio Televisione Italiana. 1 DVD (41 min.), som, cor.
- GARCÍA, Santiago. *Teoria e prática do teatro*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- GASSMAN, Vittorio. *Intervista sul teatro*. Palermo: Sellerio, 2002.
- GIAMMUSSO, Maurizio. *Vita di Eduardo*. Roma: Elleu Multimedia, 2004.
- GIAMMUSSO, Maurizio. *Eduardo racconta Eduardo*. Torino: Giulio Einaudi, 2004.
- GRANDE, Maurizio, *Filumena marturano, in Dodici donne. Figura del destino nella letteratura drammatica*. Parma: Pratiche, 1994.
- HACKLER, Ewald. A mochila de Mascate: *Revista Repertório Teatro & Dança*, v.1, n. 1, p. 107-109,1988.
- KAISER, Wolfgang. *O grotesco*. São Paulo: Pespectiva, 1986.

- MAGALDI, Sábato. *O texto no teatro*. São Paulo: Perspectiva: Edusp, 1989.
- MAGLIUOLO, Gennaro. *Eduardo*. Bologna: Cappelli, 1959.
- MELDOLESI, Claudio. *Fra Totò e Gadda: sei invenzioni sprecate dal teatro italiano*. Roma: Bulzoni, 1987
- PAVIS, Patrice. *Dicionário do teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- PIRANDELLO, Luigi. *L'Umorismo*. Milano: Arnoldo Mondadori, 1992.
- PIRANDELLO, Luigi. *Liola Cosí é (se vi pare)*. Torino: Arnoldo Mondadori, 1992.
- PIRANDELLO, Luigi. *Sei personaggi in cerca di autore*. Torino: Giulio Einaudi, 1994.
- PIRANDELLO, Luigi. *Uno, nessuno e centomila*. Torino: Giulio Einaudi, 1994.
- QUARENGHI, Paola. *Lo spettatore col binocolo*. Milano: Kappa, 1995.
- ROSENFELD, Anatol. *Prismas do teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- SCARPETTA, Eduardo. *Miseria e nobiltá*. Torino: Giulio Einaudi, 1994.
- SIMONI, Renato, I De Filippo interpreti: fra tradizione e novità, *Corriere della Sera*, Milano, 16 mar. 1934.
- SPADARO, Damiana. *Il teatro in televisione*. Firenze: Atheneum, 2004.
- STOLL, Christoph. *Hans Jacob Christoffel von Grimmelshausen 1676/1976*. Munich: Heinz Moos Verlag, 1976.

REFERÊNCIAS DAS FIGURAS

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

Figura 1 TIEPOLO, Giandomenico. **Pulcinella innamorato**. 1797, Affresco strappato , cm. 196 x 147. Venezia, Ca' Rezzonico - Museo del Settecento Veneziano, Villa di Zianigo-Camera dei Pulcinella.

Figura 2 [Anônimo]. **O Almoço de Pulcinella**. [Imagem da Internet], www.google.it/pulcinella.

Figura 3 TIEPOLO, Giandomenico. **L'altalena dei Pulcinella**. 1793, Affresco, Venezia, Ca' Rezzonico - Museo del Settecento Veneziano, Villa di Zianigo-Camera dei Pulcinella.

Figura 4 CALCESE. **Pulcinella**. [Imagem da Internet], www.google.it/pulcinella.

Figura 5 TIEPOLO, Giandomenico. **Mondo Nuovo**. 1791, Affresco. Venezia, Ca' Rezzonico - Museo del Settecento Veneziano, Villa di Zianigo.

Figura 6 TIEPOLO, Giandomenico. **Saltimbanchi e Pulcinella**. 1791-1793, Affresco. Venezia, Ca' Rezzonico - Museo del Settecento Veneziano, Villa di Zianigo-Camera dei Pulcinella.

Figura 7 [Anônimo]. **Pulcinella nos trajes do séc. XVIII**. [Imagem da Internet], www.google.it/pulcinella.

Figura 8 PERRUCCI. **Pulcinella**. 1699, [Imagem da Internet], www.google.it/pulcinella.

Figura 9 [Anônimo]. **Pulcinella apaixonado**. [Imagem da Internet], www.google.it/pulcinella

Figura 10 [Anônimo]. **Pulcinella. Gravura do século XVIII**. [Imagem da Internet], www.google.it/pulcinella.

Figura 11 [Anônimo]. **Punch** [Imagem da Internet], www.google.it/punch.

Figura 12 [Anônimo]. **Simplicissimus Teutsch**. 1668, Gravura sobre cobre.

Figura 13 [Anônimo]. **Der Seltzame Springinsfeld**. 1683 – 1684, Gravura sobre cobre.

Figura 14 [Anônimo]. **[Sem título]**. 1670, Gravura sobre cobre da primeira edição da Courasche de 1670.

Figura 15 ERLER, Erich. **Simplicius Simplicissimus**. 1921, Gravura.

Figura 16 NICOLIN, Diego. **Árvore genealógica da família Scarpetta**. 2004.

Figura 17 [Anônimo]. **Retrato de Eduardo De Filippo**. [Imagem da Internet], www.google.it/Eduardo De Filippo.

Figura 18 [Anônimo]. **De Filippo em Veneza**. [Imagem da Internet], [www.google.it/Eduardo De Filippo](http://www.google.it/Eduardo%20De%20Filippo).

Figura 19 [Anônimo]. **De Filippo com Totó**. [Imagem da Internet], [www.google.it/Eduardo De Filippo](http://www.google.it/Eduardo%20De%20Filippo).

Figura 20 [Anônimo]. **Eduardo De Filippo com Titina**. [Imagem da Internet], [www.google.it/Eduardo De Filippo](http://www.google.it/Eduardo%20De%20Filippo).

Figura 21 [Anônimo]. **Companhia humorística “I De Filippo”**. [Imagem da Internet], [www.google.it/Eduardo De Filippo](http://www.google.it/Eduardo%20De%20Filippo).

Figura 22 [Anônimo]. **Eduardo e Titina De Filippo em “Nápoli milionaria”**. [Imagem da Internet], [www.google.it/Eduardo De Filippo](http://www.google.it/Eduardo%20De%20Filippo).

Figura 23 [Anônimo]. **De Filippo em “Nápoli milionaria”**. [Imagem da Internet], [www.google.it/Eduardo De Filippo](http://www.google.it/Eduardo%20De%20Filippo).

Figura 24 [Anônimo]. **De Filippo em “Natale in casa Cupiello”**. [Imagem da Internet], [www.google.it/Eduardo De Filippo](http://www.google.it/Eduardo%20De%20Filippo).

Figura 25 [Anônimo]. **De Filippo em “Natale em casa Cupiello”**. [Imagem da Internet], [www.google.it/Eduardo De Filippo](http://www.google.it/Eduardo%20De%20Filippo).

Figura 26 [Anônimo]. **Eduardo e Titina De Filippo em “Filumena Marturano”**. [Imagem da Internet], [www.google.it/Eduardo De Filippo](http://www.google.it/Eduardo%20De%20Filippo).

Figura 27 [Anônimo]. **Eduardo e Titina De Filippo em “Filumena Marturano”**. [Imagem da Internet], [www.google.it/Eduardo De Filippo](http://www.google.it/Eduardo%20De%20Filippo).

Figura 28 [Anônimo]. **Eduardo e Titina De Filippo em “Filumena Marturano”**. [Imagem da Internet], [www.google.it/Eduardo De Filippo](http://www.google.it/Eduardo%20De%20Filippo).

Figura 29 [Anônimo]. **Bahia - Movimentada rua entre o velho mercado Modelo e o Elevador Lacerda**. 191-, Coleção: Ewald Hackler. Papel formato e impresso POST CARD c/ marca no anverso ARA, i, e. American Recreation Association. Legenda no anverso: MARKET STREET BAHIA BRASIL

Figura 30 [Anônimo]. **Bahia - Mercado informal na beira da praia**. 193-, Coleção: Ewald Hackler. Papel com marca SATRAP PHOTO, pontilhado no formato de cartão postal.

Figura 31 [Anônimo]. **Bahia - Mercado de rua, venda de panelas de barro**. 194-, Coleção: Ewald Hackler. Cartão fotográfico em formato de cartão postal, sem lay-out. Legenda: BAHIA PANELAS DE BARRO, no anverso.

Figura 32 [Anônimo]. **Bahia - Feira livre avançando da calçada até a rua pública.** 195-, Coleção: Ewald Hackler. Papel com marca WESSEL, pontilhado e formato de cartão postal. Legenda: BAHIA TYPICA – Feira livre, no anverso

Figura 33 [Anônimo]. **Bahia - Feira livre avançando da calçada até a rua pública.** 194-, Coleção: Ewald Hackler. Papel sem marca, cortado em formato de cartão postal. Legenda: BAHIA Feira livre, no anverso.

Figura 34 [Anônimo]. **Bahia - Feira livre no porto.** 193-, Coleção: Ewald Hackler. Editor: Ocean Comfort Company m.b.h., Bremen NORDDEUTSCHER LLOYD, Bremen. Legenda no verso: BAHIA

Figura 35 [Anônimo]. **Bahia - Feira livre.** 194-, Coleção: Ewald Hackler. Papel com marca ferradura, cabeça de cavalo. Pontilhado e formato de cartão postal, sem legenda.

Figura 36 [Anônimo]. **Bahia - Baianas vendendo mercadorias na rua pública.** 193-, Coleção: Ewald Hackler. Cartão fotográfico, copiado em papel com a marca Agfa, em formato e divisão de cartão postal, sem legenda.

Figura 37 [Anônimo]. **Bahia - Antigo Mercado na Praia da Preguiça.** 1913, Coleção: Ewald Hackler. Editor: Edição João Pedroso, Bahia. Legenda: Antigo Mercado na Praia da Preguiça 35.

Figura 38 [Anônimo]. **Bahia - Rua Chile.** 1912, Coleção: Ewald Hackler. Editor: Edição da Miscellanea. Legenda no anverso: N^o 18 Rua Chile.

Figura 39 [Anônimo]. **Bahia - Caes de Ouro. (Praça Deodoro).** 1912, Coleção: Ewald Hackler. Editor: Edição da Miscellanea. Legenda no anverso: N8,8, Caes de Ouro. (Praça Deodoro).

Figura 40 [Anônimo]. **Nápoles - Teatro San Carlo.** 1909, Coleção: Ewald Hackler. Legenda no anverso: 596 – NAPOLI R. Teatro S. Carlo.

Figura 41 [Anônimo]. **Roma - Rua Nazionale com o “Teatro Drammatico Nazionale”.** 193-, Coleção: Ewald Hackler. Editor: STA 7555. Legenda no anverso: Roma – Via Nazionale (ultimo tratto) col Teatro Drammatico Nazionale.

Figura 42 De Luca e C. **Nápoles – Teatros romanos.** 190-, Coleção: Ewald Hackler. Legenda no anverso: De Luca e C. – Napoli.

Figura 43 [Anônimo]. **Nápoles - Rua Santa Lucia.** 1901, Coleção: Ewald Hackler. Editor: 120 E.J.R.N. Legenda no anverso: Napoli

Figura 44 [Anônimo]. **Nápoles – Fábrica de maçaráo.** 1904, Coleção: Ewald Hackler. Editor: Edit. E. Ragozino, Galeria Umberto - Napoli. Legenda no anverso: Fabbrica di Maccheroni.

Figura 45 [Anônimo]. **Nápoles – Napolitanos comendo espaguetes.** 1909, Coleção: Ewald Hackler. Editor: Stab. Deutsche Erfindungen - MILANO. Legenda no anverso: NAPOLI Maccheroniai napoletani presa dal vero.

Figura 46 [Anônimo]. **Nápoles – Rua e Ponte de Chiaia.** 194-, Coleção: Ewald Hackler. Editor: G BLUMLEIN & CO., FRANKFORTES, M. RAPP. C. IMPERIALE – NAPOLI. Legenda no anverso: Napoli – Via e Ponte di Chiaia. 11.

Figura 47 [Anônimo]. **Nápoles – Plano inclinado (Início séc. XIX).** [Imagem da Internet], www.google.it/Napoli Antica.

Figura 48 [Anônimo]. **Nápoles – Rua Caracciolo (Início séc. XIX).** [Imagem da Internet], www.google.it/Napoli Antica.

Figura 49 [Anônimo]. **Nápoles – Torretta (Início séc. XIX).** [Imagem da Internet], www.google.it/Napoli Antica.

Figura 50 [Anônimo]. **Nápoles – Camponeses napolitanos dançando a “Tarantella”.** [Imagem da Internet], www.google.it/Napoli Antica.

Figura 51 [Anônimo]. **Nápoles – Ruela.** [Imagem da Internet], www.google.it/Napoli Antica.

Figura 52 [Anônimo]. **Nápoles – Pescadores em Posillipo (Início séc. XIX).** [Imagem da Internet], www.google.it/Napoli Antica.

Figura 53 DE CRESCENZO, Luciano. **Nápoles - Venda de hortaliças na rua.** 19--. 1 fotografia preto e branco, 15 cm x 10 cm.

Figura 54 NICOLIN, Diego. **Salvador – Venda de hortaliças na rua. 2001.** 1 fotografia, preto e branco, 15 cm x 10 cm.

Figura 55 DE CRESCENZO, Luciano. **Nápoles - Engraxate.** 19--. 1 fotografia preto e branco, 15 cm x 10 cm.

Figura 56 DE CRESCENZO, Luciano. **Nápoles - Fotógrafo de rua (Lambe-lambe).** 19--. 1 fotografia preto e branco, 15 cm x 10 cm.

Figura 57 DE CRESCENZO, Luciano. **Nápoles - Venda de carnes na rua.** 19--. 1 fotografia preto e branco, 15 cm x 10 cm.

Figura 58 NICOLIN, Diego. **Salvador – Venda de carnes na rua. 2001.** 1 fotografia, preto e branco, 15 cm x 10 cm.

Figura 59 DE CRESCENZO, Luciano. **Nápoles - Rua completamente tomada por vendedores irregulares (camelôs).** 19--. 1 fotografia preto e branco, 15 cm x 10 cm.

Figura 60 DE CRESCENZO, Luciano. **Nápoles - Rua completamente tomada por vendedores irregulares (detalhe).** 19--. 1 fotografia preto e branco, 15 cm x 10 cm.

Figura 61 DE CRESCENZO, Luciano. **Nápoles - Nas ruas pode-se comprar qualquer tipo de mercadoria.** 19--. 1 fotografia preto e branco, 15 cm x 10 cm.

Figura 62 NICOLIN, Diego. Salvador – **Tabuleiro de camelô**. 2001. 1 fotografia, preto e branco, 15 cm x 10 cm.

Figura 63 DE CRESCENZO, Luciano. Nápoles - **Venda de cigarros contrabandeados**. 19--. 1 fotografia preto e branco, 15 cm x 10 cm.

Figura 64 DE CRESCENZO, Luciano. **Nápoles - Sobre uma mesinha improvisada, joga-se baralho**. 19--. 1 fotografia preto e branco, 15 cm x 10 cm.

Figura 65 NICOLIN, Diego. **Salvador – Vendedora improvisada na calçada**. 2001. 1 fotografia, preto e branco, 15 cm x 10 cm.

Figura 66 DE CRESCENZO, Luciano. **Nápoles - Carrinho/Empresa**. 19--. 1 fotografia preto e branco, 15 cm x 10 cm.

Figura 67 DE CRESCENZO, Luciano. **Nápoles – Vendedor ambulante de comida**. 19--. 1 fotografia preto e branco, 15 cm x 10 cm.

Figura 68 DE CRESCENZO, Luciano. **Nápoles - Flanelinha**. 19--. 1 fotografia preto e branco, 15 cm x 10 cm.

Figura 69 DE CRESCENZO, Luciano. **Nápoles – Venda de frutas no meio da praça**. 19--. 1 fotografia preto e branco, 15 cm x 10 cm.

Figura 70 NICOLIN, Diego. **Salvador – Nas ruas pode-se encontrar uma variedade incrível de produtos**. 2001. 1 fotografia, preto e branco, 15 cm x 10 cm.

Figura 71 DE CRESCENZO, Luciano. **Nápoles – Venda de roupas**. 19--. 1 fotografia preto e branco, 15 cm x 10 cm.

Figura 72 NICOLIN, Diego. **Salvador – Venda de roupas**. 2001. 1 fotografia, preto e branco, 15 cm x 10 cm.

Figura 73 NICOLIN, Diego. Salvador – **Nas ruas pode-se encontrar peças de tudo**. 2001. 1 fotografia, preto e branco, 15 cm x 10 cm.

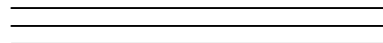
Figura 74 NICOLIN, Diego. **Salvador – Mercado Sete Portas**. 2001. 1 fotografia, preto e branco, 15 cm x 10 cm.

Figura 75 NICOLIN, Diego. Salvador – **Verduras a venda disputam espaço com materiais de construção**. 2001. 1 fotografia, preto e branco, 15 cm x 10 cm.

Figura 76 NICOLIN, Diego. Salvador – **Nos carros de mão vendem-se frutas no meio da rua**. 2001. 1 fotografia, preto e branco, 15 cm x 10 cm.

Figura 77 NICOLIN, Diego. **Salvador – A frente da casa torna-se lugar para se vender de tudo**. 2001. 1 fotografia, preto e branco, 15 cm x 10 cm.

ANEXOS



pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

ANEXOS

Biografia em datas.

1900. Nasce em Nápoles Eduardo De Filippo filho natural de Eduardo Scarpetta, também ator e dramaturgo, e Luisa de Filippo

1904. Estréia como criança japonesa em “La geisha” de autoria do pai.

1909. Os três irmãos De Filippo: Titina, Eduardo e Peppino, estão juntos no palco nas apresentações da peça “Nu ministro mmiez’ e guais” de autoria do pai

1911. É internado em um colégio, mas nos períodos de férias continua a representar. Tenta uma experiência no cinema, mas termina cedo.

1912. Participa da revista “Babilonia” de Rambaldo (Rocco Galdieri), junto a sua irmã Titina.

1913. Recita com Enrico Altieri, considerado o maior ator dramático e popular napolitano depois do sucesso obtido com “Assunta Spina” de Salvador Di Giacomo. A companhia encena dramas na tradição popular, *opere* e “Teatro D’Arte” e, todas sextas feiras uma farsa. Enquanto nos dramas para Eduardo sobram pequenas partes, nas farsas lhe são entregues os papéis principais. O trabalho é duríssimo: ensaio: das 10:00 até às 12:00 almoça-se e às 13:00 começam as apresentações, três por dia. No palco do teatro *Orfeo* Eduardo descobre também o mundo do teatro de *Varietà* e das *Macchiette*, e faz amizade em um camarim “di quello sporco locale” (daquele sujo lugar) que para ele “pare bello e sontuoso” (parece lindo e requintado) com Totó (Antonio De Curtis). Neste período o adolescente Eduardo trabalha também na *Compagnia Italiana de Luigi Cancrini*.

1914. Entra na companhia de Vincenzo Scarpetta.

1917. Os três De Filippo reúnem-se, pela primeira vez, esta experiência têm a duração de alguns meses em uma tournée pela Itália Centro-meridional

1920. Chamado a servir o exercito em Roma, é encarregado de organizar espetáculos para as tropas (A irmã Titina o ajuda nas partes femininas). De noite têm permissão para atuar no teatro *Valle*. É neste período que Eduardo começa sua atividade como autor escrevendo e publicando a peça “Farmacia di turno”.

1921. Estréia na companhia de Vincenzo Scarpetta a peça “Farmacia de turno”.

1922. Dispensado pelo exercito, volta na companhia de Vincenzo. Escreve “Ho fatto il guaio? Ripareró!” comédia em três atos que será montada três anos mais tarde com o titulo “Uomo e Galantuomo”.

1924. Associa-se à companhia de revistas de Peppino Villani.

1926. Junto ao irmão Peppino, assina contrato como ator na companhia de Luigi Carini onde atua junto com Camillo Piloto e Arturo Falconi.

1927. Volta na companhia de Vincenzo onde escreve e monta “Ditegli sempre di si” comédia em dois atos. No mesmo ano, com Michele Galdieri monta o espetáculo “La rivista... che non piacerá”.

1929. Eduardo e Peppino fazem grande sucesso com o espetáculo “Prova generale”, três jeitos de fazer rir (O riso simples, o maldoso e o grotesco).

1931. Com os dois irmãos Titina e Peppino forma a companhia “Teatro Uморistico i De Filippo”. Que durará até 1944. Neste mesmo ano fazem várias montagens mas a mais importante será a estréia de “Natale in casa Cupiello” considerada uma das obras primas de Eduardo. Integram a companhia também: Pietro Carloni, Agostino Salvietti, Dolores Palumbo, Tina Pica, Luigi Di Martino, Alfredo Crispo e Gennaro Pisano.

1932. Eduardo e Peppino conseguem passar do *avanspettacolo* para um teatro “verdadeiro” assinando contrato com o empresário do teatro *Sannazzaro*, Armando

Ar dovino. O *Sannazzaro*, é um teatro elegante, freqüentado por um público refinado, intelectuais e artistas, este ficará como sede estável da companhia até 1934.

Neste período é datado o primeiro encontro da companhia com Luigi Pirandello depois de uma representação de “Chi é cchiú felice ‘e me”.

Seguidamente a companhia faz uma tournée pela Itália: Turim, Ligúria, Bolonha, Roma e Milão, conseguindo sucesso a nível nacional.

1934. Começa o ciclo Pirandelliano a companhia apresenta em dialeto napolitano “Loilá” no *Odeon* de Milão.

1935. Eduardo escreve a comédia “Uno coi capelli bianchi”.

1936. Encenação do “Il berretto a sonagli”. Eduardo, com a colaboração do autor, transforma a novela “L’ abito nuovo” em comédia napolitana em três atos.

1937. Tina deixa, com o esposo Pietro Carloni, a companhia. Estréia “L’ abito nuovo” no teatro *Manzoni* em Milão.

1938. Estréia “Uno coi capelli bianchi” no teatro *Quirino* em Roma.

1940. Entre outras Eduardo escreve “Non ti pago” comédia em três atos.

1942. Com a nova comédia “Io l’erede” a companhia Estréia no teatro *La Pergola* em Florença. No mesmo ano é representada, em Turim, “La fortuna com l’effe maiuscola” comédia escrita com Armando Curcio.

No entanto as relações entre Eduardo e Peppino começam a ficar mais tensas. Mesmo assim foi assinado um contrato de três anos no qual estabelece-se que Eduardo cuidará da parte técnico-artística e Peppino da administração da companhia. No mês outubro, com a ajuda de Renato Simoni, também Titina volta a integrar novamente a companhia.

1944. Os De Filippo regressam em Nápoles de onde faltavam desde 1941.

1945. Escreve “Napoli milionaria”, torna-se definitiva a ruptura com o irmão Peppino. Forma-se a companhia De Filippo.

1946. Estréia “Questi fantasmi”, e logo depois, com grande sucesso, estréia “ Filumena Marturano” que consagrará Titina no papel de protagonista.

1947. Surge a idéia de um teatro próprio o *San Ferdinando* que ficou destruído durante a guerra. Outras obras são escritas e encenadas entre as quais “Le bugie com le gambe lunghe”.

1948. Estréiam “La grande magia” e “Le voci di dentro”. Que vão enriquecer um repertório sempre mais extraordinário.

1951. Estréia “La paura numero uno”. Eduardo compra o terreno onde surgira o antigo *San Ferdinando* Necessitando de recursos para reconstrução Eduardo suspende os trabalhos da companhia e dedica-se ao cinema.

1953. Recusa o convite de Giorgio Strehler para interpretar dom Marzio em “Bottega del caffè” de Goldoni mas volta ao teatro para representar no teatro *Mediterraneo* de Nápoles a peça “Miseria e nobiltá” de Eduardo Scarpetta para celebrar o centenário de nascimento do pai.

1954. Re-inauguração do teatro *San Ferdinando* com “Palummella zompa e vola” de Antonio Peito. Depois de uma longa doença, sempre no *San Ferdinando* Titina volta às cenas com “Monsignor Perelli” de Francesco Gabriele Starace com direção de Roberto Rossellini, este será seu último espetáculo.

1955. Escreve a comédia “Bene mio core mio”.

1956. Mesmo continuando na direção da companhia funda uma outra “La Scarpettiana” dirigida por ele mesmo, porém sem participar como ator. Esta nova companhia que atua no *San Ferdinando* tem como objetivo fazer reviver o repertório paterno, participam desta Beniamino e Pupella Maggio, Salvatore Cafiero, Franco Sportelli, Carla Del Poggio, Franca May, Vera Nandi, Enzo Petito, Pietro De Vico e Ugo D’Alessio. Neste mesmo ano Eduardo começa seus trabalhos para televisão.

1957. Termina a comédia “De Pretore Vincenzo” e trabalha intensamente no cinema onde colabora com Federico Fellini no filme “Fortunella”.

1958. É representada em Moscou, sob direção de R. Simonov, “Filumena Marturano”.

1959. Começa o período das direções “Líricas” com “La pietra di paragone” de G. Rossini. No teatro *Quirino* em Roma é montada a sua nova comédia “Sabato Domenica e Lunedì”.

1962. Estréia “Il sindaco del rione sanitá”.

1963. Estréia “Tommaso D’Amalfi” com a companhia de Domenico Modugno. No ato único “Dolore sotto chiave” atua Franco Parenti.

1964. Escreve “L’ Arte della commedia” comparada com “L’ impromptu” de Molière.

1966. Estréia “Il cilindro”.

1971. Estréia “Ogni anno punto e a capo”, espetáculo de variedade sobre os anos trinta com participação de: Franco Parenti, Ombretta Colli, Ivana Monti, Paolo Graziosi e Luisa Rossi.

1972. Estréia “Na santarella” de Eduardo Scarpetta com Angelica Ippolito. Em Maio participa do *World Theatre Season* de Londres representando com a sua companhia “Napoli Milionaria”. Recebe na *Accademia dei Lincei*, o “Premio Internazionale Feltrinelli”.

1973. Encena “*Gil* esami non finiscono mai” e, no mesmo ano, no *Old Vic* de Londres é representada “Sabato domenica e lunedì” com direção de Franco Zeffirelli e interpretação de Laurence Oliver.

1974. Enquanto representava “Gil esami non finiscono mai” têm os sintomas de um colapso cardíaco e submete-se a uma cirurgia para instalação de um pace-maker. Mesmo assim continua as apresentações da peça.

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

1977. Depois de vários trabalhos para a televisão inaugura o “Festival dei due mondi” de Spoleto com a opera lírica “Napoli milionaria” composta por Nino Rota. Na universidade de Birmingham recebe o diploma *Honoris causa*.

1980. Abre a escola de dramaturgia de Florença e recebe pela universidade *La Sapienza* de Roma o diploma *Honoris Causa* em letras.

1981. Começam no teatro *La Pergola* de Florença as representações da companhia do filho Luca De Filippo. Na universidade *La Sapienza* de Roma lhe é dada a cátedra de dramaturgia. É nomeado senador vitalício.

1982. Participa de uma série de recitais com Carmelo Bene na Itália e no exterior cujo lucro é destinado aos garotos dos reformatórios *Filangeri* de Nápoles e *Fornelli* de Bari.

1983. Cuida das direções de “Bene mio e core mio”, para a companhia de Isa Danieli, “Tre cazune fortunate” e “Nu turco napoletano” para a companhia de Luca De Filippo. Traduz para o dialeto napolitano “A tempestade” de Shakespeare.

1984. Participa do filme “Cuore” de Luigi Comencini. Recebe o prêmio *Taormina-Arte* “Una vita per il teatro”. Falece em Roma em 31 de outubro.

Elenco obras teatrais.

Farmacia di turno ato único, 1920.

Uomo e galantuomo, título original: *Ho fatto il guaio? Riparerò!*, três atos, 1922.

Ditegli sempre di sì. Dois atos, 1927.

Filosoficamente ato único, 1928.

Sik-Sik, l'artefice magico, ato único, 1929.

Quei figuri di trêstnt'anni fa, título original: *La bisca*, ato único, 1929.

È arrivato "o trêstntuno"!, com o pseudónimo Tricot, revista, 1930.

Natale em casa Cupiello, ato único, depois ampliado para três atos, 1931.

Ogni anno punto e da capo emedito, ato único, 1931.

I morti non fanno paura, título original: *Requie all'anema soia*, ato único, 1932.

L'ultimo bottone, ato único, 1932.

La voce del padrone, ato único, 1932.

Una bella trovata, ato único, 1932.

Gennareniello, ato único, 1932.

Noi siamo navigatori, ato único, 1932.

Il thè delle cemque, ato único, 1932.

Cuoco della mala cucema, ato único, 1932.

Il dono di Natale, ato único, 1932.

Parlate al portiere, dois atos, 1933.

Três mesi dopo, ato único, 1934.

Quemto piano ti saluto!, ato único, 1934.

Uno coi capelli bianchi, três atos, 1935.

Occhio alle ragazze, ato único, 1936.

L'abito nuovo, três atos, 1936.

Che scemenza!, ato único, 1937.

Pericolosamente, ato único, 1938.

La parte di Amleto, ato único, 1940.

Basta il succo di limone, revista em dois tempos, 1940.

Non ti pago!, três atos, 1940.

Io, l'erede, três atos, 1942.

La fortuna con la effe maiuscola, três atos, 1942.

Napoli milionaria, três atos, 1945.

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

Questi fantasmi!, três atos, 1946.
Filumena Marturano, três atos, 1946.
Le bugie con le gambe lunghe, três atos, 1947.
La grande magia, três atos, 1948.
Le voci di dentro, três atos, 1948.
La paura numero uno, três atos, 1950.
Amicizia, ato único 1952.
Mia famiglia, três atos, 1955.
Bene mio e core mio, três atos, 1955.
De Pretore Vemcenzo, em duas partes, 1957.
Il figlio di Pulcemella, três atos, 1958.
Dolore sotto chiave, ato único, 1958.
Sabato, domenica e lunedì, três atos, 1959.
Il semdaco del Rione Sanità, três atos, 1960.
Peppemo Girella, comédia para televisão em seis atos, 1963.
Tommaso d'Amalfi, comédia em dois atos, 1963.
L'arte della commedia, prólogo mais de dois atos, 1964.
Il cilemdro, ato único, 1965.
Il contrato, três atos, 1967.
Il monumento, três atos, 1970.
Gli esami non femiscono mai, prólogo e três atos, 1973.
Napoli milionaria, ópera lírica em três atos, 1977.

Filmografia.

1932 “Tre uomini in frack”, direção de Mario Bonnard.

Interpretes: Tito Schipa, Eduardo De Filippo (Gilberto, l'impresario), Peppino De Filippo, Assia Noris, Maria Wronska, Milly, Camillo Pilotto...

1935 “Quei due”, direção de Gennaro Righelli

Tema e enredo de Eduardo De Filippo. (Il filme è parzialmente ispirado do ato único de Eduardo Sik-Sik, l'artefice magico).

Interpretes: Eduardo De Filippo (Sik-Sik), Peppino De Filippo, Assia Noris, Maurizio D'Ancora, Lamberto Picasso, Luigi Almirante, Anna Magnani...

“Il cappello a tre punte”, direção de Mario Camerini.

Interpretes: Eduardo De Filippo (don Teofilo, o governador), Peppino De Filippo, Leda Gloria, Dina Perbellini, Cesarino Barbetti, Enrico Viarisio, Arturo Falconi, Tina Pica...

1937 “Sono stato io!”, direção de Raffaello Matarazzo.

Interpretes: Eduardo De Filippo (Giovannino Apicella), Peppino De Filippo, Alida Valli, Titina De Filippo, Isa Pola, Pietro Carloni...

1938 “L'amor mio non muore”, direção de Giuseppe Amato

Enredo de Eduardo Peppino e Titina De Filippo, Raffaello Matarazzo

Interpretes: Eduardo De Filippo (Lorenzo), Peppino De Filippo, Alida Valli, Titina De Filippo...

1939 “Il marchese de Ruvolito”, direção de Raffaello Matarazzo.

Enredo de Eduardo De Filippo, Ernesto Grassi, Raffaello Matarazzo

Interpretes: Eduardo De Filippo (o marquês de Ruvolito/o professor Bousquez), Peppino De Filippo, Rosina Anselmi, Angelo Pelliccioni, Leda Gloria, Tina Pica...

“In campagna è caduta una stella”, direção de Eduardo De Filippo.

Inspirado na comédia de Peppino De Filippo *A Coperchia è caduta una stella*. Enredo de Eduardo De Filippo, Peppino De Filippo, Riccardo Freda, Ernesto Grassi. Músicas de Cesare Andrea Bixio.

Interpretes: Eduardo De Filippo (Pasquale Montuori), Peppino De Filippo, Rosina Lawrence, Dolores Palumbo, Ruggero Capodaglio...

1940 “Il sogno de tutti”, direção de Oreste Biancoli e Laszlo Kish.

Interpretes: Lia Marini, Paolo Bonocchi, Paola Borboni, Gino Cervi, Cesco Baseggio, Eduardo De Filippo (o professor), Peppino De Filippo, Dina Galli, Paolo Stoppa...

1942 “A che servono questi quattrini?”, direção de Esodo Pratelli.

Interpretes: Eduardo De Filippo (o professor Parascandolo), Peppino De Filippo, Clelia Matania, Paolo Stoppa, Enzo Petito...

“Non ti pago!”, direção de Carlo Ludovico Bragaglia.

Interpretes: Eduardo De Filippo (dom Ferdinando Quagliuolo), Titina De Filippo (sua mulher), Peppino De Filippo (Procopio Bertolini), Vanna Vanni, Giorgio De Rege, Paolo Stoppa...

“Casanova farebbe così”, direção de Carlo Ludovico Bragaglia.

Interpretes: Eduardo De Filippo (dom Ferdinando Cacciuolo), Peppino De Filippo, Clelia Matania, , Giorgio De Rege, Alberto Sordi...

1943 “Non mi muovo!”, direção de Giorgio C. Simonelli

(inspirado na comédia de Diego Petriccione *'O quatto 'e maggio*)

Enredo de Eduardo De Filippo

Interpretes: Eduardo de Filippo (Carlo Mezzetti), Peppino De Filippo, Titina De Filippo, Vanna Varni, Mino Doro, Renao Cialente...

“Il fidanzato di mia moglie”, direção de Carlo Ludovico Bragaglia.

Interpretes: Vera Carmi, Leonardo Cortese, Aroldo Tieri, Sergio Tofano... e com Eduardo De Filippo (empregado municipal)

1944 “Ti conosco, mascherina!”, direção de Eduardo De Filippo.

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

Inspirado na comédia de Eduardo Scarpetta *Il romanzo de un farmacista povero* (1882), adaptação de Eduardo De Filippo. Enredo de Alessandro De Stefani.

Interpretes: Lida Baarova, Eduardo De Filippo (Carmine, criado), Peppino De Filippo, Enzo Gainotti, Titina De Filippo, Paolo Stoppa...

1945 “La vita ricomincia”, direção de Mario Mattoli.

Interpretes: Alida Valli, Fosco Giachetti, Eduardo De Filippo (o professor), Carlo Romano, Maria Donati...

1946 “Uno tra la folla”, direção de Ennio Cerlesi e Piero Tellini.

Interpretes: Eduardo De Filippo (Paolo Bianchi), Titina De Filippo, Adriana, Benetti, Enzo Fiermonte, Carlo Campanini, Enrico Viarisio...

1948 “Assunta Spina”, direção de Mario Mattoliù

(inspirado no drama homônimo de Salvatore de Giacomo)

Enredo de Eduardo De Filippo (com a colaboração de Gino Capriolo)

Interpretes: Anna Magnani, Eduardo de Filippo (Michele Boccadifuoco), Antonio Centa, Titina De Filippo, Aldo Giuffré...

1949 “Campane a martello”, direção de Luigi Zampa.

Interpretes: Gina Lollobrigida, Yvonne Sanson, Eduardo De Filippo (Dom Andrea)...

“Yvonne la Nuit”, direção de Giuseppe Amato.

Interpretes: Olga Villi, Totò, Frank Latimore, Giulio Stival, Eduardo De Filippo (o advogado Rubini), Gino Cervi, Arnoldo Foà, John Strange, Ave Ninchi...

1950 “Napoli milionaria”, direção de Eduardo De Filippo.

Dalla comédia homônima de Eduardo. Enredo de Piero Tellini, Eduardo De Filippo, Amedeo Majuri. Músicas de Nino Rota. Produzido por Dino De Laurentiis-Eduardo De Filippo.

Interpretes: Eduardo De Filippo (Gennaro Jovine), Leda Gloria, Delia Scala, Totò, Titina De Filippo, Carlo Ninchi, Michael Tor, Mario Soldati, Aldo Giuffré, Giacomo Rondinella, Pietro Carloni, Carlo Giuffré

1951 “Cameriera bella presenza offresi...”, direção de Giorgio Pastina.

Interpretes: Elsa Merlini, Gino Cervi, Peppino De Filippo, Delia Scala, Titina De Filippo, Giulietta Masina, Vittorio De Sica, Isa Miranda, Milly Vitale, Aroldo Tieri, Alberto Sordi, Eduardo De Filippo (Raffaele, professor de matemática),...

“Porca miseria!”, direção de Giorgio Bianchi

Tema de Eduardo de Filippo (remake do filme Quei due de Gennaro Righelli)

“Filumena Marturano”, direção de Eduardo De Filippo.

Dalla comédia homônima de Eduardo. Enredo de Eduardo De Filippo, Piero Tellini. Músicas de Nino Rota. Produzido por Luigi De Laurentiis para a Arco Filme.

Interpretes: Titina De Filippo, Eduardo De Filippo (Domenco Soriano), Tamara Lees, Tina Pica, Carlo Pennetti, Aldo Giuffré, Luigi De Filippo,...

1952 “Le ragazze di piazza di Spagna”, direção de Luciano Emmer.

Interpretes: Lucia Bosè, Cosetta Greco, Liliana Bonfatti, Ave Ninchi, Leda Gloria, Renato Salvatori, Marcello Mastroianni, Giorgio Bassani, Galeazzo Benti,... e com Eduardo De Filippo (o senhor Vittorio).

“Marito e moglie”, direção de Eduardo De Filippo.

Filme em dois episódios, o primeiro inspirado na novela de Guy De Maupassant Toine, o segundo do ato único de Eduardo Gennareniello. Enredo de Eduardo De Filippo, Diego Fabbri, Turi Vasile. Músicas de Nino Rota. Produzido por Filme Costellazione.

Interpretes: (primeiro episódio) Eduardo De Filippo (Dom Matteo Cuomo), Tina Pica,...; (segundo episódio) Eduardo De Filippo (dom Gennaro Imperato), Titina De Filippo, Tina Pica,...

“I sette peccati capitali”, direção de Eduardo De Filippo.

Filme *a episodi de cui Eduardo ha diretto il primo Avarizia e ira, inspirado na novela Acte de probità de* Hervé Bazin. Enredo de Eduardo De Filippo e Charles Spaak. Produzido por Filme Costellazione.

Interpretes: (primeiro episódio) Eduardo (Eduardo Germini, professore de clarino), Paolo Stoppa, Isa Miranda.

“Cinque poveri in automobile”, direção de Mario Mattoli

Scenaggiatura de Eduardo De Filippo, Titina De Filippo, Aldo Fabrizi, Ruggero Maccari, Mario Monicelli, Steno, Cesare Zavattini

Interpretes: Eduardo De Filippo (Eduardo Moschettone, gari), Aldo Fabrizi, Titina De Filippo, Walter Chiari, Aldo Giuffrè, Isa Barzizza, Arnoldo Foà, Raimondo Vianello, Luigi Cimara, Pietro Carloni,...

“La macchina ammazzacattivi”, direção de Roberto Rossellini

Tema de Eduardo De Filippo, Fabrizio Sarazani

“Ragazze da marito”, direção de Eduardo De Filippo.

Tema de Steno, Age e Scarpelli. Enredo Age, Scarpelli ed Eduardo De Filippo. Músicas de Nino Rota. Produzido por Domenico Forges Davanzati.

Interpretes: Eduardo De Filippo, Titina De Filippo, Peppino De Filippo, Anna Maria Ferrero, Delia Scala, Carlo Campanini, ...

“Un ladro in Paradiso”, direção de Domenico Paoella

Tema livremente inspirado no poema de Eduardo De Filippo, Vincenzo De Pretore

1953 “Napoletani a Milano”, direção de Eduardo De Filippo.

Tema e enredo de Eduardo De Filippo, Age e Scarpelli. Músicas de Renzo Rossellini. Produzido por Virtus-Volonteri.

Interpretes: Eduardo De Filippo (Salvatore Aianello, o "Sindaco"), Anna Maria Ferrero, Frank Latimore, Vittorio Sanipoli,...

“Traviata '53”, direção de Vittorio Cottafavi.

Interpretes: Barbara Laage, Armando Francioli, Gabrielle Dorziat, Marcello Giorda, ...; e com Eduardo De Filippo

“Villa Borghese”, direção de Gianni Franciolini.

Interpretes: (quarto episódio) Eduardo de Filippo(Donato Ventrella), Margherita Antuori, Leda Gloria,...

1954 “Cento anni d'amore” (filme a episodi), direção de Lionello De Felice

Enredo de Giorgio Prosperi, Lionello De Felice, Leo Benvenuti, Oreste Biancoli, Eduardo De Filippo, Franco Brusati, Suso Cecchi D'Amico, Alba De Cespedes, Giuseppe Marotta, Vittorio Nino Novarese, Guido Rocca, Pietro Paolo Trompeo, Fabrizio Sarazani, Vincenzo Talarico, Gino Visentini, Riccardo Redi, Serge Veber, Fabio Rinaudo

Interpretes: (terceiro episódio) Eduardo De Filippo (o soldado Vincenzo Pagliero), Angiola Faranda, Titina De Filippo, ...

“Tempi nostri” (filme em episódios), direção de Alessandro Blasetti

Enredo de Vasco Pratolini, Giuseppe Marotta, Claude André Puget, Age e Scarpelli, Suso Cecchi D'Amico, Ennio Flaiano, Giorgio Bassani, Alessandro Blasetti, Alessandro Continenza, Eduardo De Filippo

Interpretes: (quinto episódio) Vittorio De Sica, Eduardo De Filippo (o controlador Amedeo Stigliano), Maria Fiore, Vittorio Caprioli, ...

“L'oro de Napoli”, direção de Vittorio De Sica.

Interpretes: (sesto episódio) Eduardo De Filippo (don Ersilio Miccio), Tina Pica, Gianni Crosio, Nino Imperato, ...

Pane, amore e gelosia, direção de Luigi Comencini

Enredo de Ettore Maria Margadonna, Luigi Comencini, Eduardo De Filippo, Vincenzo Talarico

“Questi fantasmi!”, direção de Eduardo De Filippo.

Inspirado na comédia homônima de Eduardo. Enredo de Eduardo De Filippo, Giuseppe Marotta, Mario Soldati. Produzido por Eduardo De Filippo para a San Ferdinando Filme.

1956 “Cortile”, direção de Antonio Petrucci.

Interpretes: Georges Pujouly, Eduardo De Filippo (o senhor Luigi, tocador ambulante), Peppino De Filippo, Marisa Merlini, ...

1957 “L'uomo dai calzoni corti”

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

1958 “Fortunella”, direção de Eduardo De Filippo.

Tema e enredo de Federico Fellini, Ennio Flaiano, Tullio Pinelli ed Eduardo De Filippo. Músicas de Nino Rota. Produzido por Dino De Laurentiis Cinematografica.

Interpretes: Giulietta Masina, Alberto Sordi, Paul Douglas, Franca Marzi, Carlo Dapporto, Carlo Delle Piane, ...; e com Eduardo De Filippo (o cavaleiro Cesare Mattaroni, capocômico da "Tepsi viaggiante").

“Vento de passione”, direção de Richard Wilson.

Interpretes. Esther Williams, Jeff Chandler, Eduardo De Filippo (Urbano),...

“L'amore più bello”, direção de Glauco Pellegrini.

Interpretes: Edoardo Gero, Alida Valli, Eduardo De Filippo (Gennaro, o “puparo”), Francisco Rabal, Memmo Carotenuto, ...

1959 “Sogno de una notte de mezza sbornia”, direção de Eduardo De Filippo.

Inspirada no homônimo espetáculo inspirado de uma comédia de Athos Setti, L'agonia de schizzo, adaptada em napolitano por Eduardo. Produzido por Gilberto Carbone para a Titanus.

Interpretes: Eduardo De Filippo (Pasquale Grifone), Pupella Maggio, Pietro De Vico, ...

“Ferdinando I Re de Napoli”, direção de Gianni Franciolini.

Interpretes: Peppino De Filippo, Eduardo De Filippo (Pulcinella), Titina De Filippo, Vittorio De Sica, Aldo Fabrizi, Marcello Mastroianni, Renato Rascel, ...

1960 “Tutti a casa”, direção de Luigi Comencini.

Alberto Sordi, Serge Reggiani, Martin Balsam, Claudio Gora, Mario Feliciani, Carla Gravina,...; e com Eduardo De Filippo (o pai de Alberto)

1961 “Fantasmi a Roma”, direção de Antonio Pietrangeli.

Interpretes: Marcello Mastroianni, Vittorio Gassman, Sandra Milo, Eduardo De Filippo (o príncipe Annibale de Roviano),...

1963 “Ieri, oggi e domani” (filme em episódios), direção de Vittorio De Sica

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

Tema de Eduardo de Filippo, Alberto Moravia, Cesare Zavattini.

Enredo de Eduardo De Filippo, Isabella Quarantotti, Cesare Zavattini, Billa Billa Zanuso

1965 “Oggi, domani, dopodomani”, direção de Eduardo De Filippo.

Filme em episódios em que Eduardo dirigiu o segundo, L'ora de punta, inspirado no ato único de Eduardo Pericolosamente, ovvero San Carlino 1900... e tanti. Enredo de Eduardo De Filippo e Isabella Quarantotti. Músicas de Nino Rota. Produzido por Carlo Ponti para a Champion (Roma) - Les Filmes Concordia (Parigi).

1966 “Racconti a due piazze” (filme em episódios) Episódio "Morire per vivere", direção de Gianni Puccini. Tema de Eduardo De Filippo

“Spara forte, più forte...Non capisco!”, direção de Eduardo De Filippo.

Da comédia Le voci de dentro de Eduardo De Filippo. Enredo de Eduardo De Filippo e Suso Cecchi D'Amico. Músicas de Nino Rota. Produzido por Pietro Notarianni para a Master Filme.

Interpretes: Marcello Mastroianni, Raquel Welch, Leopoldo Trieste, Regina Bianchi, Franco Parenti,...; e com Eduardo De Filippo (zi' Nicola)

1984 “Cuore”, (filme televisivo), direção de Luigi Comencini.

Interpretes: Johnny Dorelli, Giuliana De Sio, Bernard Blier, Andrea Ferreol, Lina Sastri, ...; e com a participação de Eduardo De Filippo (o maéstro Crosetti)

EDUARDO DE FILIPPO



FILUMENA MARTURANO

Versione in Italiano

EDUARDO DE FILIPPO

FILUMENA MARTURANO

(1946)

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

Personaggi:

Filumena Marturano
Domenico Soriano, ricco dolcere
Alfredo Amoroso, 'o cucchieriello
Rosalia Solimene, confidente de Filumena
Diana, Giovane "fiamma" di Soriano
Lucia, cameriera
Umberto, studente
Riccardo, commerciante
Michele, operaio
L' avvocato Nocella
Teresina, sarta
Primo Facchino
Secondo Facchino

ATTO PRIMO

In casa Soriano.

Spaziosa stanza da pranzo in un deciso "stile 900" sfarzosamente arredata, con gusto, però, alquanto medio. Qualche quadro e qualche ninnolo, che ricordano teneramente l'epoca umbertina e che, evidentemente, un tempo completarono l'arredamento della casa paterna di Domenico Soriano, disposti con cura alle pareti e sui mobili, stridono violentemente con tutto il resto. La porta, in prima quinta a sinistra, è quella che

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

introduce nella camera da letto. In seconda quinta, sempre a sinistra, taglia l'angolo della stanza un grande telaio a vetri che lascia vedere un ampio terrazzo fiorito, protetto da una tenda di tela a strisce colorate. In fondo a destra, la porta di ingresso. A destra, la stanza si spazia inoltrandosi profondamente in quinta e lasciando scorgere, attraverso di un grande vano e l'apertura a metà di una tenda serica, lo "studio" del padrone di casa. Anche per l'arredamento del suo "studio" Domenico Soriano ha preferito lo "stile 900". È di questo stile anche il mobile vetrinato che protegge e mette in mostra una grande quantità di coppe di vario metallo e di differenti dimensioni e forme: "Primi premi" guadagnati dai suoi cavalli da corsa. Due "bandiere" incrociate sulla parete di fronte, dietro uno scrittoio, testimoniano le vittorie conseguite alla festa di Montevergine. Non un libro, non un giornale, non una carta. Quell'angolo, che soltanto Domenico Soriano osa chiamare "lo studio", è ordinato e lindo, ma senza vita. Il tavolo centrale, nella stanza da pranzo, è apparecchiato per due coperti, con un certo gusto ed anche ricercatezza: non vi manca un "centro" di rose rosse freschissime. Primavera inoltrata: quasi estate. È l'imbrunire. Le ultime luci del giorno dileguano per il terrazzo. In piedi, quasi sulla soglia della camera da letto, le braccia conserte, in atto di sfida, sta Filumena Marturano. Indossa una candida e lunga camicia da notte. Capelli in disordine e ravviati in fretta. Piedi nudi nelle pantofole scendiletto. I tratti del volto di questa donna sono tormentati: segno di un passato di lotte e di tristezze. Non ha un aspetto grossolano, Filumena, ma non può nascondere la sua origine plebea: non lo vorrebbe nemmeno. I suoi gesti sono larghi e aperti; il tono della sua voce è sempre franco e deciso, da donna cosciente, ricca d'intelligenza istintiva e di forza morale, da donna che conosce le leggi della vita a modo suo, e a modo suo le affronta. Non ha che quantarantotto anni, denunziati da qualche filo d'argento alle tempie, non già dagli occhi che hanno conservato la vivezza giovanile del "nero" napoletano. Ella è pallida, cadaverica, un po' per la finzione di cui si è fatta protagonista, quella cioè di lasciarsi ritenere prossima alla fine, un po' per la bufera che, ormai, inevitabilmente dovrà affrontare. Ma ella non ha paura: è in atteggiamento, anzi, da belva ferita, pronta a spiccare il salto sull'avversario.

Nell'angolo opposto, precisamente in prima quinta a destra, Domenico Soriano affronta la donna con la decisa volontà di colui il quale non vede limiti né ostacoli, pur di far trionfare la sua sacrosanta ragione, pur di spezzare l'infamia e mettere a nudo, di fronte al mondo, la bassezza con cui fu possibile ingannarlo. Si sente offeso, oltraggiato, colpito in qualche cosa, secondo lui, di sacro, che non può né intende confessare. Il fatto, poi, che egli possa apparire un vinto al cospetto della gente, gli sconvolge addirittura il cervello, gli fa perdere i lumi della ragione. È un uomo robusto, sano, sui cinquant'anni. Cinquant'anni ben vissuti. Gli agi e la cospicua posizione finanziaria lo hanno conservato di spirito acceso e di aspetto giovanile. La "buonanima" di suo padre, Raimondo Soriano, uno tra i più ricchi e furbi dolciieri di Napoli, che aveva fabbriche ai Vergini ed a Forcella, nonché negozi accorsatissimi a Toledo e a Foria, non aveva occhi che per lui. I capricci di don

Domenico (da giovanotto era conosciuto come: " 'O Signurino don Mimí"), non avevano limiti, né per la loro stravaganza, né per la loro originalità. Fecero epoca; si raccontano ancora a Napoli. Appassionato amatore di cavalli, è capace di trascorrere mezze giornate a rievocare con amici le prodezze agonistiche, le "gesta" dei più importanti esemplari equini che passarono per le sue nutrite scuderie. Ora è lì, in pantalone e giacca da pigiama, sommariamente abbottonati, pallido e convulso di fronte a Filumena, a quella donna "da niente" che, per tanti anni, è stata trattata da lui come una schiava e che ora lo tiene in pugno, per schiacciarlo come un pulcino.

A sinistra della stanza, nell' angolo, quasi presso il terrazzo, si scorge, in piedi, la mite ed umile figura di donna Rosalia Solimene. Ha settantacinque anni. Il colore dei suoi capelli è incerto: piú deciso per il bianco che per il grigio. Indossa un vestito scuro, "tinta morta" . Un po' curva, ma ancora piena di vitalità. Abitava in un "basso", al vico San Liborio, di fronte a quello abitato dalla famiglia Marturano, di cui conosce "vita, morte e miracoli". Conobbe, fin dalla piú tenera età, Filumena; le fu vicina nei momenti piú tristi della sua esistenza, senza mai lesinarle quelle parole di conforto, di comprensione, di tenerezza che soltanto le nostre donne del popolo sanno prodigare e che sono un vero balsamo al cuore di chi soffre. Ella segue, ansiosa, i movimenti di Domenico, senza perderlo d'occhio un istante. Conosce, per dura esperienza, gli effetti dell'irascibilità di quell'uolo, per cui, pervasa dal terrore, non batte ciglio, come impietrita.

Nel quarto angolo della stanza si scorge un altro personaggio: Alfredo Amoroso. È un simpatico uomo sui sessant' anni, di struttura solida, nerboruto, vigoroso. Dai compagni gli fu appioppato il nomignolo di "O cucchieriello". Era bravo, infatti, come guidatore di cavalli, per cui fu assunto da Domenico, ed al suo fianco rimase in seguito, ricoprendo il ruolo di uomo di fatica, capro espiatorio, ruffiano, amico. Egli riassume tutto il passato del suo padrone. Basta osservare il modo con cui guarda Domenico, per comprendere fino a qual punto gli sia rimasto fedele e devoto, con la massima abnegazione. Indossa una giacca grigia un po' "risicata" ma di taglio perfetto, pantalone di altro colore e berretto a "scorz' e nucella" messo sul capo un po' a sghembo. Ostenta, al centro del panciotto, una catena d'oro. È in atteggiamento di attesa. È, forse, il piú sereno di tutti. Conosce il suo padrone. Quante volte le ha buscate per lui! Quando va su il sipario, cosí troviamo i quattro personaggi, in questa posizione da "quattro cantoni". Sembra che stiano lí, per divertirsi come dei bimbi; ed è la vita invece che li ha scharaventati cosí, l'uno contro l'altro.

Pausa lunga.

1. DOMENICO (shiaffeggiandosi ripetutamente con veemenza ed esasperazione) Pazzo, pazzo, pazzo! Ciento vote, mille vote!

2. ALFREDO (con un timido gesto interviene) Ma che ffacite?

Rosalia si avvicina a Filumena e le pone sulle spalle uno scialle che avrà preso da una sedia sul fondo.

3. DOMENICO Io songo n' ommo 'e niente! Io m'aggia mettere nnanz' 'o specchio e nun m'aggi' 'a stancà maie 'e me sputà nfaccia. (Con un lampo di odio negli occhi a Filumena) Vicino a tte aggio iattata 'a vita mia: vinticin'anne 'e salute, 'e forza, 'e cervella, 'e giuventú!

E che ato vuò? C'ato t'ha da da' Domenico Soriano? Pure 'o riesto 'e sta pelle, che nn'avite fatto chello ch'avite voluto vuie? (Inveendo contro tutti, come fuori di sè) Tutti hanno fatto chello che hanno voluto! (Contro se stesso con disprezzo) Mentre tu te credive Giesú Cristo sciso nterra, tutte quante facevano chello ca vulevano Domenico d' 'a pella toia! (Mostrando un po' tutti, con atto d'accusa) Tu, tu, tu... 'o vico, 'o quartiere, Napule, 'o munno... Tutte quante m'hanno piglilato pe' fesso, sempe! (Il pesiero del tiro giuocatogli da Filumena gli torna alla mente d'improvviso e gli fa ribollire il sangue) Io nun ce pozzo penzà! Già, me l'avev' 'a aspettà! Sulamente na femmena comm' a tte, puteva arrivà addò si' arrivata tu! Nun te putive smentí! Vinticinnc' annne nun te

putevano cagnà! Ma nun te credere ch' he vinciuto 'o punto: 'o punto nun ll'he vinciuto! Io t'accido e te pavo tre sorde! Na femmena comm' a tte tanto se pava: tre sorde! E a tutte chille ca t'hanno tenuto mano: 'o mièdeco, 'o prèvete... (mostrando Rosalia che trasale e Alfredo che, invece, è tranquillo, con aria minacciosa) ... sti duie schifuse, ca ll'aggio dato a magnà pe' tant'anne... v'accido a tutte quante!... (Risoluto)'O rivòlvete... Dàteme 'o rivòlvete!

4. ALFREDO (calmo) 'E ppurtaie tutt' e dduie addu l'armiere p' 'e ffa' pulezzà. Comme dicísteve vuie.

5. DOMENICO Quanta cose aggio ditto io... e quante me n'hanno fatto dícere afforza! Ma mo è fernuta, 'o vvi'! Me so' scetato, aggio capito! ... (A Filumena) Tu te ne vaie... e si nun te ne vaie tu cu' 'e piede tuoie, overamente morta iesce 'a ccà ddinto. Nun ce sta legge, nun ce sta Padreterno ca pò peigà a Domenico Soriano. Attacco 'e falzo a tutte quante! Ve faccio ji' ngalera 'E denare 'e ttengo e abballammo, Filume'! Te faccio abballà comme dich' io. Quann' aggio fatto sapé chi si' stata tu, e 'a copp' a qua' casa te venette a piglià, m'hann' 'a da' ragione afforza! E te distruggo, Filume', te distruggo! (Pausa).

6. FILUMENA (niente affatto impressionata, sicura del fatto suo) He fernuto? He 'a dícere niente cchiú?

7. DOMENICO (di scatto) Statte zitta, nun parlà, nun me fido 'e te sèntere! (Basta la voce di queila donna per sconvolgerlo).

8. FILUMENA Io quanno t'aggio ditto tutto chello che tengo ccà ncoppo, 'o vvi'? (mostra lo stomaco) nun te guardo cchiú nfaccia, e 'a voce mia nun 'a siente cchiú!

9. DOMENICO (con disprezzo) Malafemmena! Malafemmena si' stata, e tale si'rimasta!

10. FILUMENA E c'è bisogno d' 'o dícere accusí, comm' 'o ddice tu? Ched' è, na nuvità? Nun 'o ssanno tutte quante, io chi so' stata, e addò stevo? Però, addò stev' io, ce venive tu... Tu nzieme all' ate! E comm' all' ate t'aggio trattato. Pecché t'avev' 'a trattà 'e n' ata maniera, a te? Nun songo tutte eguele ll' uommene? Quello che ho fatto, me lo piango io e la mia coscienza. Mo te so' mugliera. E 'a ccà nun me mòveno manco 'e carabinieri!

11. DOMENICO Mugliera? Ma mugliera a chi? Filume', tu me stisse danno 'e númmere, stasera? A chi te si' spusata?

12. FILUMENA (fredda) A te!

13. DOMENICO Ma tu si' pazza! L'inganno è palese. Tengo 'e testimone. (Mostra Alfredo e Rosalia).

14. ROSALIA (pronta) Io nun saccio niente... (Non vuole essere tirata in ballo in una questione tanto grave) Io saccio sulamente ca donna Filumena s'è coricata, s'è aggravata e si è messa in agonia. Niente m'ha ditto e niente agguo capito.

15. DOMENICO (ad Alfredo) Tu nemmeno saie niente? Tu nemmeno sapevi che l'agonia era una finzione?

16. ALFREDO Don Dummi', p'ammor' 'a Madonna! Chella, donna Filumena me tene ncopp' 'o stommaco, faceva 'a cunfidenza a me?

17. ROSALINA (a Domenico) E 'o prèvete?... Il prete, chi m'ha ditto d' 'o ji' a chiammà? Nun me l'avite ditto vuie?

18. DOMENICO Pecché essa... (mostra Filumena) 'o cercava. E io p' 'a fa' cuntenta...

19. FILUMENA Pecché nun te pareva overo ca io me ne iervo all' atu munno. Nun ce stive dint' e panne, penzanno ca finalmente me te levave 'a tuorno!

20. DOMENICO (dispettoso) Brava! Ll' he capito! E quanno 'o prèvete, doppo che aveva parlato cu'te, me dicette: "Sposatela in extremis, povera donna, è l'único suo desiderio; perfezionate questo vincolo con la benedizione del Signore"... io dicette...

21. FILUMENA ... "Tanto che ce perdo? Chella sta murenno. È questione 'e n'atu paro d'ore e m' 'a levo 'a tuorno ". (Beffarda) È rimasto male, don Domenico, quanno, appena se n'è ghiuto 'o prèvete, me so' mmenata 'a dint' 'o lietto e ll'aggio ditto: Don Dummi'tanti auguri: simmo marito e mugliera! "

22. ROSALIA Io aggio fatto chilu zumpo! E m'è venuta chella resata! (Ne ride ancora) Giesú, ma comme l'hà fatta naturale tutta 'a malatia.

23. ALFREDO E pure làgonia!

24. DOMENICO Vuie stateve zitte, si no ve metto in agonia a tutti' 'e duie! (Escludendo qualsiasi probabilità di debolezza da parte sua) Nun pò essere, nun pò essere! (D'un tratto, ricordando un altro persanaggio che, secondo lui, potrebbe essere il solo responsabile) E 'o mièdico? Ma comme, tu si' mièdicco... ! 'A scienza addò è ghiuta a ferní? Tu si' mièdico e nun te nàdduone ca chella sta bona, ca te sta facenno scemo?

25. ALFREDO Forse, secondo me, si è sbagliato.

26. DOMENICO (con disprezzo) Statte zitto, Alfre'. (Deciso) E 'o mièdico pava! Isso pava pe' quant' è certo Dio! Pecché isso à stato d'accordo, nun pò essere in buona fede. (A Filumena, con malizia) Hà mangiato, è ove'?... Ll' he dato denare...

27. FILUMENA (nauseata) E chesto capisce tu: 'e denare! E cu' 'e denare t'he accattato tutto chello ca he voluto! Pure a me t'accattaste cu' 'e denara! Pecché tu ire don Mimí Soriano: 'e megliie sarte, 'e megliie cammesare... 'e cavalle tuoie currevano: tu 'e ffacive correre... Ma Filumena Marturano ha fatto correre essa a te! E currive senza ca te n'addunava... E ancora he 'a correre, ancora he ' a iettà 'o sango a capí comme se campa e se prucece 'a galantomo! 'O mièdico nun sapeva niente. Ce hà creduto purisso, e ce avev' 'a credere! Qualunque femmena, doppo vinticin' anne che hà passato vicino a te, se mette in agonia. T'aggio fatto 'a serva! (A Rosalia e Alfredo) 'A serva ll'aggio fatta pè vinticin' anne, e vuie 'o ssapite. Quanno isso parteva pe' se

spassà: Londra, Parigi, 'e ccorse, io facevo 'a carabbiniera: d' 'a fabbrica a Furcella, a chella d' 'e Vîrgene e dint' 'e magazine a Tuledo e a Furia, pecché si no 'e dipendente suoie ll'averrieno spugliato vivo! (Imitando un tono ipocrita di Domenico) "Si nun tenesse a te..." "Filume', si' na femmena!" Ll'aggio Purtata 'a casa nnanze meglio 'e na mugliera! Ll'aggio lavate 'e piede! E no mo ca so' vacchia, ma quann'erro figliola. E maie ca me fosse sutenta vicin'a isso apprezzata, ricununciuta, maie! Sempe comm'a na cammarera c' 'a nu momento all'ato se pò mettere for' 'a porta!

28. DOMENICO E maie ca t'avesse visto sottomessa, che ssaccio? Compresiva, in fondo, della situazione reale che eisteva tra me e te. Sempe cu'na faccia storta, strafuttente... ca tu dice: "Ma avesse tuorto io?... Ll' avesse fatto quacche cosa?" Avasse visto maie na lagrima dint'a chill'uocchie! Maie! Quant'anne simmo state nzieme, nun ll'aggio vista maie 'e chiagnere!

29. FILUMENA E avev' 'a chiagnere pe' te? Era trppo bello 'o mobile.

30. DOMENICO Lassa sta 'o mobile. Un'anima in pena, senza pace, maie. Una donna che non piange, non mangia, non dorme. T'avesse visto maie 'e durmí. N'ànema dannata, chesto si'.

31. FILUMENA E quanno me vulive vedè 'e durmí, tu? 'A strada d' 'a casa t' 'a scurdave. E mmeglie feste, 'e meglio Natale me ll'aggio passate sola comm'a na cana. Saie quanno se chiagne? Quanno se cunosce 'o bbene e nun se pò avè! Ma Filumena Marturano bene nun ne cunosce... e quanno se cunosce sulo 'o mmale nun se chiagne. 'A suddisfazione 'e chiagnere, Filumena Marturano, nun l'ha pututa maie avè! Comm' all'ultima femmena m'he trattato, sempe! (A Rosalia e Alfredo, unici testimoni delle sacrosante verità che dice) E nun parlammo 'e quann'isso era giovane, che uno puteva dicere:; "Tene 'e sorde, 'a presenza..." Ma mo all'urdemo all'urdemo, a cinquantadue anne, se retira cu' 'e fazzulette spurche 'e russetto, ca me fanno schifo ... (A Rosalia) Addó stanno?

32. ROSALINA Stanno cunservate.

33. FILUMENA Senza nu poco 'e prudenza, senza penzà: "È mmeglio ca'e llevo 'a miezo... si chella 'e ttrova?" Ma già, si chella 'e ttrova, e che ffa? Chi è essa? Che diritto tene? E se nzallanisce appriesso a chella...

34. DOMENICO (come colto in fallo reagisce, furente) A chella chi?... A chella chi?

35. FILUMENA (niente affatto intimidita, con maggiore violenza di Domenico) Appriesso a chella schifosa! Che te cride ca nun l'avevo capito? Tu buscie nun ne saie dicere, e chisto è 'o difetto tuo. Cinquantadue anne, e se permette 'e se mettere cu' na figliola 'e vintidue! Nun se ne mette scuorno! E mm' 'a mette dint' 'a casa, dicenno ca era l'infermiera... Pecché isso se credeva overo ca io stevo murenno...(Come raccontando una cosa incredibile) E nun cchiú tarde 'e n'ora fa, prima ca veneva 'o prèvete pe' ce spusà, se credevano ca io stevo pe'da'll'anema a Dio e nun 'e vvedevo, vicin' 'o lietto mio s'abbracciavano e se vasavano! (Con irrefrenabile senso di nausea) Madonna... quanto me faie schifo! E se io stevo morenno overamente, tu chesto avise

fatto? Già, io murevo, e 'a tavola apparcchiata (la indica) pe' isso a chella morta allerta...

36. DOMENICO Ma peccché, tu murive e io nun avev' 'a magnà cchiù? Nun m'avev' 'a sustené?

37. FILUMENA Ch'e rose mmiez' 'a tavola?

38. DOMENICO Ch'e rose mmiez' 'a tavola!

39. FILUMENA Rosse?

40. DOMENICO (esasperato) Rosse, verde, paunazze. Ma peccché, nun ero padrone d'e mmettere? Nun ero padrone 'e me fa piacere ca tu murive?

41. FILUMENA Ma io nun so'morta! (Dispettosa) E nun moro pe' mo, Dummi'.

42. DOMENICO E questo è il piccolo contrattempo. (Pausa). Ma io nun me faccio capace. Si tu m'he trattato sempre comm'a tutte quante ll'ate, peccché, secondo te, ll'uommene so' tutte eguale, che te mpurtava 'e te spusà a mme? E se io me so' nmammurato 'e n'ata femmena e mm' 'a vulevo spusà... e mm' 'a sposo, peccché io a Diana m' 'a sposo, che te ne mporta si tene o nun tene vintidue anne?

43. FILUMENA (ironica) Quanto me faie ridere! E quanto me faie pena! Ma che me ne mporta 'e te d' 'a figliola che t'ha fatto perdere 'a capa, 'e tutto chello ca me dice? Ma tu te cride overo ca io ll'aggio fatto pe'te? Ma io nun te curo, nun t'aggio maie curato. Na femmena comm'a mme, ll'he ditto tu e mm' 'o stai dicenno 'a vinticinc'anne, se fa 'e cunte. Me sierve... Tu, me sierve! Tu te credive ca doppo vinticinc'anne c'aggiu fatto 'a vaiassa vicino a tte, me ne iervo accusi, cu'na mano nnanze e n'ata areto?

44. DOMENICO (con aria trionfante, credendo di aver compresa la ragione recondita della beffa di Filumena) 'E denare! E nun te l'avarrìa date? Socondo te, Domenico Soriano, figlio a Raimondo Soriano (borioso) uno dei piú importanti e seri dolciieri di Napoli, nun avarrìa penzato a te mettere na casa, e a nun te fa' avé cchiú bisogno 'e nisciuno?

45. FILUMENA (avvilita per l'incomprensione, con disprezzo) Ma statte zitto! Ma è possibile ca vuiate uommene nun capite maie niente?... Qua' denare, Dummi'? Astipatille cu bbona salute 'e denare. È n'ata cosa che voglio 'a te... e m' 'a daie! Tengo tre figlie, Dummi'!

Domenico e Alfredo rimangono sbalorditi. Rosalia rimane, invence, impassibile.

46. DOMENICO Tre figlie?! Filume', ma che staie dicenno?

47. FILUMENA (macchinalmente, ripete) Tengo tre figlie, Dummi'!

48. DOMENICO (smarrito) E... a chi so' figlie?

49. FILUMENA (a cui non è sfuggito il timore di Domenico, fredda) A ll' uommene comm' a tte!
50. DOMENICO Filume'... Filume', tu staie pazzianno c' 'o ffuoco! Che vo' dicere: "A ll' uommene comm' a tte"?
51. FILUMENA Pecché site tutte eguale.
52. DOMENICO (a Rosalia) Vuie 'o ssapíveve?
53. ROSALIA Gnorsí, chesto 'o ssapevo.
54. DOMENICO (ad Alfredo) E tu?
55. ALFREDO (pronto per scagionarsi) No. Donna Filunmena mi odia, ve l'ho detto.
56. DOMENICO (non ancora convinto della realtà dei fatti, come a se stesso) Tre figlie! (A Filumena) E quante anne tèneo?
57. FILUMENA 'O cchiú gruosso tene vintisei anne.
58. DOMENICO Vintisei anne?
59. FILUMENA E nun fa' sta faccia! Nun te mettere paura: nun so'figlie a te.
60. DOMENICO (alquanto rinfrancato) E te cunòsceno? Ve parlate, sanno che tu si' 'a mamma?
61. FILUMENA No. Ma'e vveco sempe e ce parlo.
62. DOMENICO Addò stanno? Che ffanno? Comme càmpano?
63. FILUMENA Cu' 'e denare tuoie!
64. DOMENICO (sorpreso) Ch' 'e denare mieie?
65. FILUMENA Eh, cu' 'e denare tuoie. T'aggio arrubbato! T'arrubbavo 'e denare 'a dint' 'o portafoglio! T'arrubbavo dint' all' uocchie.
66. DOMENICO (con disprezzo) Mariola!
67. FILUMENA (imperterrita) T'aggio arrubbato! Te vennevo 'e vestite, 'e scarpe! E nun te ne si' maie accorto! Chill'aniello c' 'o brillante, t' 'o ricuarde? Te dicette ca ll'avevo perduto: m' 'o vennette. Cu' 'e denare tuoie, aggio crisciuto 'e figlie mieie.
68. DOMENICO (disgustato) Io tenevo 'a mariola dint' 'a casa! Ma che femmena si'tu?
69. FILUMENA (come se non lo avesse ascoltato, continua) Uno tene 'a puteca 'o vicolo appriesso: fa 'o stagnaro.

70. ROSALIA (alla quale non sembra vero di parlarne, corregge) L'idrauliche...

71. DOMENICO (che non ha capito) Comme?

72. ROSALIA (cercando di pronunziare meglio la parola) L'idraulico. Comme se dice: acconcia 'e rubinette, spila 'e ffuntane... (Poi alludendo al secondo figlio) L'altro... comme se chiamma? (Ricordando a volo il nome) Riccardo. Quant'è bello! Nu piezz' 'e guaglione! Sta a Chiaia, tene 'o magazzino dint' 'o purtone 'a nnumero 74, fa 'o cammesaro... le camicie. E tene na bella clientela. Umberto poi...

73. FILUMENA ... ha studiato, ha vuluto studià. Fa 'o ragioniere e scrive pure ncopp' 'e ggurnale.

74. DOMENICO (Ironico) Ci abbiamo pure lo scrittore in famiglia!

75. ROSALIA (esaltando i sentimenti materni di Filumena) E che mamma ch'è stata! Nun ll'ha fatto mancà maie niente! E io mo nce vo', so' vecchia e , al piú presto possibile, mi devo trovare davanti alla presenza dell'Ente Supremo, che tutto vede, considera e perdona, e ca chiacchiere nun se ne mmocca... Da quando erano piccoli, in fasce, nun ll'ha fatto mancare il latte delle formícole...

76. DOMENICO ...cu' 'e denare 'e don Dummineco!

77. ROSALIA (spontanea, con istintivo senso di giustizia) Vuie 'e ghittàveve 'e denare!

78. DOMENICO E avev' 'a da' cunto a quaccheduno?

79. ROSALIA Gnernò, cu' ssalute! Ma manco ve ne site accorto...

80. FILUMENA (sprezzante) Ma nun 'o date retta! Vuie 'o rispunnite pure?

81. DOMENICO (dominando i suoi nervi) Filume', tu afforza me vuó pògnere? Avimm'ascí all'impossibile? Ma tu 'o ccapisce chello c'he fatto? Tu m'he miso in condizioni 'e me fa'trattà comm' a n' ommo 'e paglia! Insomma sti tre signure, ca nun 'e ccunosco manco pe' prossimo, ca nun saccio 'a do' so' asciute, a nu certo punto me ponno ridere pure nfaccia! Pecché penzano: " Va buo', ce stanno 'e denare 'e don Dummineco"!

82. ROSALIA (escludendo questa ipotesi) Gnernò, chesto no! E che ne sanno lloro?... Donna Filumena ha fatto sempe 'e ccose comme ll'avev' 'a fa': cu' prudenza e cu' 'a capa ncapo. 'O nutaro cunsignaie 'e sorde all'idraulico, quann' arapette 'a puteca 'o viculo appriesso, condicendo che una signora ca non si voleva fare accandòscere... E accusí facette pure c' 'o cammesaro. E 'o nutaro tiene l'incombenza di passare il mensile a Umberto p' 'o fa studià. No, no... voi non c'entrate proprio!

83. DOMENICO (amaro) Io aggio pavato sulamente!

84. FILUMENA (con uno scatto improvviso) E ll'avev' 'a accidere?... Chesto avev' 'a fa', neh, Dummi? Ll'avev' 'a accidere comme fanno tant'ati ffemmene? Allora sí, è ove', allora Filumena sarría stata bbona? (Incalzando) Rispunne!... E chesto me cunzigliavano tutt'e ccumpagne meie 'e llà ncoppo... (Allude al lupanare) " A chi aspettí? Ti togli il pensiero! " (Cosciente) M' 'avarria miso 'o penziero! E chi avesse pututo campà cu' nu rimorso 'e chillo? E po', io parlaie c' 'a Madonna. (A Rosalia) 'A madunnella d' 'e rose, v' 'a ricurdate?

85. ROSALIA Comme, 'a Madonna d' 'e rose! Chella fa na grazia 'o giorno!

86. FILUMENA (rievocando il suo incontro mistico) Erano 'e tre doppo mezanotte. P' 'a strada cammenavo io sola. D' 'a casa mia già me n'ero iuta 'a sei mise. (Alludendo alla sua prima sensazione di maternità) Era 'a primma vota! E che ffaccio? A chi 'o ddico? Sentevo ncapo a me 'e vvoce d' 'e ccumpagne meie: " A chi aspettí! Ti togli il pensiero! Io cunosco a uno molto bravo..." Senza vulè, cammenannocammenanno, me truvaie dint' 'o vico mio, nanz' all'altarino d' 'a Madonna d' 'e rose. L'affruntaie accusí (Punta i pugni sui fianchi e solleva lo sguardo verso una immaginaria effige, come per parlare alla Vergine da donna a donna): "C'aggi' 'a fa'? Tu saie tutto... Saie pure pecché me trovo int' 'o peccato. C'aggi' 'a fa'? " Ma essa zitto, nun rispunneva. (Eccitata) " E accusí ffaie, è ove'? Cchiú nun parle e cchiú 'a gente te crede?.. Sto parlanno cu'te! (Con arroganza vibrante) Rispunne!" (Rifacendo macchinalmente il tono di voce di qualcuno a lei sconosciuto che, in quel momento, parlò da ignota provenienza) 'E figlie so' ffiglie!" Me gelaie. Rummanette accusí, ferma. (S'irrigidisce fissando l'effige immaginaria) Forse si m'avutavo avarria visto o capito 'a do' veneva 'a voce: 'a so, 'a copp' a na fenesta... Ma penzaie: "E pecché proprio a chistu mumento? Che ne sape 'a ggente d' 'e fatte mieie? È stata Essa, allora... È stata 'a Madonna! S'è vista affruntata a tu per tu, e ha voluto parlà... Ma, allora, 'a Madonna pe' parlà se serve 'e nuie... E quanno m'hanno ditto: "Ti togli il pensiero!", è stata pur'essa ca m' 'ha ditto, pe' me mettere 'a prova!... E nun saccio si fuie io o 'a Madonna d' 'e rose ca facette c' 'a capa accusí! (Fa un cenno col capo come dire: "Sí, hai compreso") 'E figlie so' ffiglie! "E giuraie. Ca perciò so' rimasta tant'anne vicino a te ... Pe' lloro aggio suppurtato tutto chello ca m' he fatto e comme m'he trattato! E quanno chillu giovane se nnammuraie 'e me, ca me vuleva spusà, te ricuorde? Stevemo già nzieme 'a cinc'anne: tu, ammogliato, 'a casa toia, e io a San Putito, dint' 'a chelli tre cammere e cucina... 'a primma casarella ca me mettiste quanno, doppo quatt'anne ca ce cunuscévamo, finalmente, me levaste 'a llà ncoppo! (Allude al lupanare) E mme vuleva spusà, 'o povero giovane... Ma tu faciste 'o geluso. Te tengo dint' 'e rrecchie: "Io so' ammogliato, nun te pozzo spusà. Si chisto te sposa..." E te mettiste a chiagnere. Pecché

saie chiagnere, tu ...Tutt' 'o cuntrario 'e me: tu, saie chiagnere! E io dicette: "Va buo', chisto è 'o destino mio! Dummineco me vo' bbene, cu tutt' 'a bbona volontà nun me pò spusà; è ammogliato.. E ghiammo nnanze a San Putino dint' 'e tre cammere!" Ma, po', doppo duie anne, tua moglie murette. 'O tiempo passava... e io sempre a San Putino. E penzavo: "È giovane, nun se vo' attaccà pe' tutt' 'a vita cu n'ata femmena. Venarrà 'o mumento ca se calma, e cunsidera 'e sacrificie c'aggiu fatto! "E aspettavo. E quann'io, 'e vvote, dicevo: "Dummi', saie chi s'è spusato?... Chella figliola ca steva 'e rimpetto a me dint' 'e fenestelle...", tu redive, te mettime a ridere, tale e quale comm'a quanno saglive, cull'amice tuoie, ncopp' addò stevo io, primma 'e San Putito. Chella resata ca nun è

overa. Chella resata c'accumencia 'a miez' 'e scale... Chella resata ca è sempe 'a stessa, chiunque 'a fa! T'avarría acciso, quanno redive accussí! (Paziente) E aspettammo. E aggio aspettato vinticin'anne! E aspettammo 'e grazie 'e don Dummineco! Oramaie tene cinquantadue anne: è vecchio! Addò? Ca pozza iettà 'o sango, chillo se crede sempe nu giuvinuttiello! Corre appriesso 'e nennelle, se nfessisce, porta 'e fazzulette spuarce 'e russetto, m' 'a mette dint' 'a casa ! (Minacciosa) Miettammélla mo dint' 'a casa, mo ca te so' mugliera. Te ne caccio a te e a essa. Ce simmo spusate. 'O prèvete ce ha spusate. Chesta è casa mia!

Campanello interno. Alfredo esce per il fondo a destra.

87. DOMENICO Casa toia? (Ride forzatamente ironico) Mo me staie facenno ridere tu a me !

88. FILUMENA (invogliandolo, con perfidia) E ride... Ride! Ca, oramaie, me fa piacere 'e te sentire 'e ridere... Pecché, comm' a tanno, nun saie ridere cchiú.

Alfredo torna, guarda un po' tutti, preoccupato per quanto dovrà dire.

89. DOMENICO (scorgendolo, sgarbatamente lo apostrofa) Tu che vuò?

90. ALFREDO Eh... che voglio?... Hanno purtat' 'a cena!

91. DOMENICO Ma pecché nun avev' 'a mangià, secondo voi?

92. ALFREDO (come per dire: " io non c'entro") Eh... don Dummi! (Parlando verso il fondo a destra) Trase!

Entrano due facchini, garzoni di un ristorante, che recano un portavivande e un cesto con la cena.

93. PRIMO FACCHINO (sevizievole, strisciante) Qua sta 'a cena. (All'altro) Miette ccà. (Poggiano a terra il cesto nel punto indicato dal facchino). Signo', il pollastro è uno solo perché è grande e può saziare pure a quattro persone. Tutto quello che avete ordinato è di prima qualità. (Si accinge ad aprire la vivandiera).

94. DOMENICO (fermando il garzone con un gesto irritato) Oini', mo sa' c'he 'a fa'? Te n'he 'a ji'.

95. PRIMO FACCHINO Gnorsí, signo'. (Prende dal cesto un dolce e poggiandolo sul tavolo) Questo è il dolce che piace alla signorina...(E posando una bottiglia) E chesto è 'o vino. (Le parole del fachino cadono nel piú profondo silenzio. Ma l'uomo non si dà per vinto: parla ancora. Questa volta per chiedere qualcosa, con tono mellifluido) E ... ve site scurdato?

96. DOMENICO 'E che?

97. PRIMO FACCHINO Comme? Quanno site venuto ogge p'urdinà 'a cena, ve ricurdate? Io v'aggio cercato si teníveve nu cazone vecchio. E vuie avite ditto: "Viene

stasera, e si cchiú tarde succede na cosa che dich'i', si aggio avuta na bella nutizia, tengo nu vestito nuovo nuovo... 'o piglio e t' 'o regalo". (Il silenzio degli altri è cupo. Pausa. Il facchino è ingenuamente dispiaciuto). Nun è succiesa 'a cosa ca dicíveve vuie? (Attende risposta. Domenico tace). Nun l'avite avuta 'a bbona nutizia?

98. DOMENICO (aggressivo) T'aggiu ditto vattènne!

99. PRIMO FACCHINO (meravigliato pel tono di Domenico) Ce ne stiamo andando...(Guarda ancora Domenico, poi con tristezza) Iammuncenne, Carlu', nun l'ha avuta 'a bbona nutizia... 'A furtuna mia! (Sospira) Bbona serata. (Esce per il fondo a destra seguíto dal compagno).

100. FILUMENA (dopo pausa, sarcastica a Domenico) Mangia. Ched'è, nun mange? T'è passat' 'appetito?

101. DOMENICO (impacciato, rabbioso) Mangio! Cchiú tarde bevo e mangio!

102. FILUMENA (alludendo alla giovane donna nominata poco prima) Già: quanno vene 'a morta allerta.

103. DIANA (entra dalla comune. È una bella giovane di ventidue anni, o meglio, si sforza di dimostrarne ventidue, ma ne ha ventisette, È di una eleganza affettata, un po' snobistica. Guarda tutti dall'alto in basso. Nell'incedere parla un po' con tutti senza rivolgersi direttamente ad alcuno dei presenti che mostra di disprezzare in blocco. Non s'accorge, quindi, della presenza di Filumena. Reca dei pacchetti di medicinali che poggia, macchinalmente, sul tavolo. Prende da una sedia un càmicce bianco da infermiera e lo indossa) Folla, folla in farmacia. (Sgarbata, con fare da padrona) Rosalia, preparatemi un bagno. (Scorge le rose sul tavolo) Oh, le rose rosse...! Grazie, Domenico. (Annusando le vivande) Che profumino: ho un po' di appetito. (Prendendo dal tavolo una scatola di fiale) Ho trovato la canfora e l'adrenalina. Ossigeno niente. (Domenico è come fulminato. Filumena non batte ciglio: attende. Rosalia e Alfredo sono quasi divertiti. Diana siede accanto al tavolo di fronte al pubblico e accende una sigaretta) Pensavo: se... mio Dio, non vorrei dirla la parola, ma ormai... se muore stanotte, domattina parto di buon'ora. Ho trovato un posto nella macchina di una mia amica. Qui darei piú fastidio che altro. A Bologna, invece, ho certe cosette da fare, tanti affarucci da mettere a posto. Tornerò fra dieci giorni. Verrò a vedervi, Domenico. (Alludendo a Filumena) E... come sta?... Sempre in agonia?... È venuto il prete?

104. FILUMENA (dominandosi con affettata cortesia, s'avvicina lentamente alla giovane) Il prete è venute... (Diana sorpresa si alza e indietreggia di qualche passo)... e confromme ha visto che stavo in agonizzazione... (Felina) Lèvate 'o càmmese!

105. DIANA (che veramente non ha compreso) Come?

106. FILUMENA (c. s.) Lèvate 'o càmmese!

107. ROSALIA (s'accorge che Diana neanche questa volta ha compreso e per evitare il peggio, le consiglia prudentemente) Levatevi questo. (E su se stessa scuote, con due

dita, la comiciola del suo abito, perché, finalmente, Diana possa comprendere a volo che Filumena allude al cànice d'infermiera).

Diana, con timore istintivo, si toglie il cànice.

108. FILUMENA (che ha seguito il gesto di Diana, senza staccarle gli occhi di dosso) Pòsalo ncopp' 'a seggia.. Pòsalo ncopp' 'a seggia.

109. ROSALIA (prevedendo l'incompresione di Diana) Mettetelo sopra la sedia.

Diana esegue.

110. FILUMENA (riprende il tono cortese di prima) Ha visto che agonizzavo e ha consigliato a don Domenico Soriano di perfezionare il vincolo in estremità. (Allude al prete. Diana per darsi un contegno, non sapendo che fare, prende dal "centro" una rosa e finge di aspirarne il profumo. Filumena la fulmina con il tono opaco della sua voce) Pos' 'a rosa!

111. ROSALIA (pronta) Posate la rosa.

Diana, come obbedendo a un ordine teutonico, la rimette sul tavolo.

112. FILUMENA (ridiventa cortese) E don Domenico l'ha trovato giusto perché ha penzato: " È giusto, sta disgraziata sta vicino a mme 'a vinticin'anne..." E tante altre conseguenze e sconsigliate che non abbiamo il dovere di spiegarvi. È venuto vicino al letto (sempre alludendo al prete) e ci siamo sposati... con due testimoni e la benedizione del saciardote. Saranno i matrimoni che fanno bene, cert'è che mi sono sentita subito meglio. Mi sono alzata e abbiamo rimandata la morte. Naturalmente, dove non ci sono infermi malati non ci possono essere infermieri... e le schifezze... (con l'indice della mano destra teso assesta a Diana dei misurati colpetti sul mento, che costringono la donna e dire repentini e involontari: "No" col capo)... le purcarie... (ripete il gesto) davanti a una che sta murenno... pecché tu sapive che io stavo murenno...'e vaie a ffa' 'a casa 'e sòreta! (Diana sorride come un'ebete, come per dire: "Non la conosco") Andatevene con i piedi vostri e truvàteve n'ata casa, no chesta.

113. DIANA (sempre ridendo indietreggia fino al limitare della porta d'ingresso) Va bene.

114. FILUMENA E se vi volete trovare veramente bene, dovete andare sopra addò stevo io... (Allude al lupanare).

115. DIANA Dove?

116. FILUMENA Ve lo fate dire da don Domenico, che quelle case le frequenteggiava e le frequenteggia ancora. Andate.

117. DIANA (dominata dallo sguardo rovente di Filumena, quasi presa da un subito orgasmo) Grazie. (Si avvia per il fondo a destra).

118. FILUMENA Non c'è di che. (E ritorna al suo posto a sinistra).

119. DIANA Buonanotte. (Esce).

120. DOMENICO (che fino a quel momento è rimasto pensoso, assorto in strane elucubrazioni, alludendo a Diana, si rivolge a Filumena) Accussí l'he trattata, è ove'?

121. FILUMMENA Comme se mmèreta. (Gli fa un gesto di dispetto).

122. DOMENICO Ma 'assamme sèntere na cosa. Tu si' na diavula... Uno cu' te ha da sta' cu' tantu nu paro d'uocchie apierte... 'E pparole toie s'hann' 'a tènere a mente, s'hann' 'a pesà. Te cunosco, mo. Si comm' a na tarla. Na tarla velenosa c'addò se posa,, distrugge. Tu poco primma he ditto na cosa e io mo ce stevo penzanno. He ditto: "...È n'ata cosa ca voglio 'a te... e mm' 'a daie! 'E denare no, pecché 'o ssaie ca te ll'avarríe date... (Come ossessionato) Che ato vuó 'a me? Che te si' mmise ncapo? C'he penzato, e nun m'he ditto ancora?...Rispunne!

123. FILUMENA (con semplicità) Dummi', 'a saie chella canzone?... (Ne accenna l'aria con allusione) "Me sto criscenno nu bello cardillo... quanta cose ca l'aggia mparà"...

124. ROSALIA (alzando gli occhi al cielo) Ah, Madonna!

125. DOMENICO (guardingo, sospettoso, pavido a Filumena) E che significa?

126. FILUMENA (precisa) 'O cardillo si' tu!

127. DOMENICO Filume', parla chiaro... Nun pazzià cchiú cu' mme... Me faie piglià 'a freva, Filume'...

128. FILUMENA (seria) 'E figlie so'ffiglie!

129. DOMENICO E che vou' dicere?

130. FILUMENA Hann' 'a sapè chi è 'a mamma... Hann' 'a sapé chello c'ha fatto pe' lloro... M'hann' 'a vulé bene!(Infervorata) Nun s'hann' 'a mettere scuorno vicino all'at'uommene: nun s'hann' 'a sentí avvilitate quanno vanno pe' caccia na carta, nu documento: 'a fimiglia, 'a casa... 'a fimiglia ca s'aunisce pe' nu cunziglio, pe' nu sfogo... S'hann' 'a chiammà comm' a mme!

131. DOMENICO Comm' a me che?

132. FILUMENA Comme me chiamm' io...Simmo spusate: Soriano!

133. DOMENICO (sconvolto) E io l'avevo capito! Ma 'o vvulevo sentere 'a te... 'o vvulevo sentere 'a sta vocca sacrilega, pe', e fa' capace ca, pure si te ne caccio a càuce, pure si te scamazzo 'a capa, è come si 'a scamazzasse a na serpe: na serpa velenosa ca se distrugge pe' liberazione d' 'e povere cristiane ca ce ponno capità. (Alludendo al piano di Filumena) Ccà, ccà? Dint' 'a casa mia? C' 'o nomme mio? Chille figlie 'e...

134. FILUMENA (aggressiva per impedirgli di pronunciare la parola) 'E che?

135. DOMENICO Tuoie!... Si m'addimanne: 'e che? te pozzo risponnere: tuoie! Si m'addimanne: 'e chi? nun te pozzo risponnere, perché nun 'o ssaccio! E manco tu 'o ssaie! Ah!, te credive d'accuncià 'a facenna, 'e te mettere a posto cu' 'a cuscienza, 'e te salvà d' 'o peccato, purtanno dint' 'a casa mia tre estranei?... S'hann' 'a nzerrà ll'uocchie mieie! Nun ce mettarranno pede ccà dinto! (Solenne) Ncopp' all'anema 'e pàtemo...

136. FILUMENA (repentinamente con uno scatto sincero lo interrompe come per metterlo sull'avviso di un castigo che gli potrebbe venire da un sacrilegio commesso per cause imponnderabili) Nun giurà! Ca io, p'avè fatto nu giuramento, te sto cercanno 'a lemmòsena 'a vinticinc'anne... Nun giurà pecché è nu giuramento ca nun putisse mantené... E murrarisse dannato, si nu iuorno nun me putarrisse cercà 'a lemmòsena tu a me...

137. DOMENICO (suggestionato dalle parole di Filumena, come uscendo di senno) Che ato staie penzanno?... Strega che si! Ma io nun te temo! Nun me faie paura!

138. FILUMENA (sfidandolo) E pecché 'o ddice!

139. DOMENICO Statte zitta! (Ad Alfredo, togliendosi il pigiama) Damme 'a giacchetta! (Alfredo esce per lo "studio" senza parlare). Dimane te ne vaie! Me metto mmano all'avvocato, te denunzio. È stato nu traniello. Tengo 'e testimone... E si 'a legge m'avess' 'a da' tuorto, t'accido Filume! Te levo d' 'o munno!

140. FILUMENA (ironica) E addò me miette?

141. DOMENICO Addó stive! (È esasperato, offensivo. Alfredo ritorna recando la giacca, Domenico gliela strappa di mano e la indossa, dicendogli) Tu, dimane, vaie a chiammà l'avvocato mio, 'o saie?... (Alfredo fa cenno di sí col capo). E parlammo, Filume!

142. FILUMENA E parlammo!

143. DOMENICO Te faccio cunoscere chi è Domenico Soriano e di che panne veste (Si avvia verso il fondo).

144. FILUMENA (indicando la tavola) Rosali', asséttate... ca he 'a tènere famma pure tu! (Siede vicino al tavolo di fronte al pubblico).

145. DOMENICO Statte bbona... Filumena 'a napulitana!...

146. FILUMENA (canticchia) "Me sto criscenno nu bello cardillo"...

147. DOMENICO (sul canticchiare di Filumena, ride sghignazzando come per schernire e oltraggiare volutamente Filumena) T'arricorde sta resata... Filumena Marturano!... (Ed esce seguito da Alfredo, dal fondo a destra, mentre cade la tela sul primo atto).

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

ATTO SECONDO

L'indomani. La medesima scena del primo atto.

Per pulire il pavimento la serva ha spostato tutte le sedie: qualcuna portandola sul terrazzo, altre adagiandole, capovolte, sul tavolo, altre, ancora, confinandole nello "studio" di Domenico.

Il tappeto, sul quale fa centro il tavolo da pranzo, è piegato su se stesso ai quattro lati. Luci normali di una bella mattina di sole.

Lucia è la serva di casa: simpatica e sana ragazza sui ventitré anni. Ha completato il suo lavoro. Strizza per l'ultima volta lo strofinaccio nel secchio dell'acqua sudicia, quindi va a riporre tutti gli arnesi di pulizia sul terrazzo.

148. ALFREDO (stanco, assonnato, entra dalla comune, mentre Lucia si accinge a rimettere a posto il tappeto) Luci', buongiorno.

149. LUCIA (fermandolo con il tono risentito della voce e col gesto) Nun accumuliate a cammenà cu' 'e piede!

150. ALFREDO E mo cammino cu 'e mmane!

151. LUCIA Io, mo ho finito di buttare il sangue... (Mostra il pavimento ancora in parte bagnato) Vuie ve presentate cu sti ppedagne!

152. ALFREDO 'E ppedagne?... Io sto acciso! (Siede presso il tavolo) He capito che significa acciso? Tutt' 'a notte appriesso a don Dummineco, senza chiudere uocchie, assettato ncopp' 'o parapetto d' 'a Caracciolo. Mo accumuliate a fa' pure frischetto... Ca il Padreterno mi doveva far capitare proprio a me alle dipendenze di lui! No ca mi lamento, p'ammor' 'a Madonna! Io ho campato mi ha dato a vivere, e abbiamo avuto anche momenti di fasti, io con lui e lui con me. 'O Signore lo deve far campare mille anni, ma cuieto, tranquillo! Tengo sissant'anne, mica un giorno! Chi 'e pò ffa' cchiù 'e nnutate appriesso a isso... Luci', damme na tazzulella 'e caffè.

153. LUCIA (che ha rimesso a posto le sedie, senza dare ascolto allo sfogo di Alfredo, con semplicità) Non ce n'è!

154. ALFREDO (contrariato) Non ce n'è?

155. LUCIA Non ce n'è. C'era quello di ieri: una tazza me la sono presa io, un'altra donna Rosalia non l'ha voluta e l'ha portata a donna Filumena, e un'altra l'ho conservata a don Domenico, caso mai viene...

156. ALFREDO (fissandola poco convinto) Caso mai viene?

157. LUCIA Eh, caso mai viene. Donna Rosalia 'o ccaffè nun l'ha fatto.

158. ALFREDO E nun 'o pputive fa' tu?

159. LUCIA E ssaccio fa' 'o ccaffè, io?

160. ALFREDO (sprezzante) Manco 'o ccaffè saie fa'. E peché nun l'ha fatto Rosalia?

161. LUCIA È uscita presto. Dice che doveva portare tre lettere urgenti di donna Filumena

162. ALFREDO (sospettoso) ... Di Donna Filumena? Tre lettere?

163. LUCIA Eh, tre: una, due e tre.

164. ALFREDO (considerando il suo stato di esaurimento) Ma io nu surzo 'e caffè me ll'aggia piglià. Sa' che vuó fa'. Luci'?... 'A tazza 'e don Domenico la dividi in due e dint' 'o ssuio ce miette ll'acqua.

165. LUCIA E si se n'addona?

166. ALFREDO Chillo è difficile ca vene. Steva nquartato 'e chella manera... E po', si vene, aggio cchiú abbisugno io ca so' vecchioso, ca lui. Chi ce l'ha fatto fa' 'e sta' mmiez' 'a via tutti' 'a nuttata?

167. LUCIA Io mo v' 'o scarfo e v' 'o pporto. (S'avvia per la comune a sinistra, ma vedendo giungere Rosalia dal lato destro, si ferma e avverte Alfredo) Donna Rosalia... (Vedendo che Alfredo la guarda senza parlare) Che ffaccio? V' 'o pporto 'o ccaffè?

168. ALFREDO Tanto piú che sta veneno donna Rosalia! Fa il caffè fresco per don Domenico. Meza tazza ne voglio! (Lucia esce. Rosalia entra dalla comune e s'accorge della presenza di Alfredo. Finge però di non averlo visto e, tutta compresa in una missione, s'avvia alla camera da letto di donna Filumena. Alfredo a cui non è sfuggito l'atteggiamento di Rosalia, la fa giungere fin quasi al limitare della porta sinistra, poi, ironicamente, la richiama). Rosali', ched'è... he perza 'a lingua?

169. ROSALIA (indifferente) Nun t'aggio visto

170. ALFREDO Nun t'aggio visto? E che sso' nu pólice ncopp' 'a sta seggia?

171. ROSALIA (ambigua) Eh, nu pólice c' 'a tosse... (Tossicchia)

172. ALFREDO (che non ha compreso l'allusione) C' 'a tosse?... (Cercando di indagare) Si' asciuta ampresa?

173. ROSALIA (enigmatica) Già.

174. ALFREDO E addó si' ghiuta?

175. ROSALIA A messa.

176. ALFREDO (incredulo) A messa?! E po' he purtato tre lettere 'e donna Filumena...

177. ROSALIA (come colta in fallo, dominandosi) E una volta che lo sapevi, perché hai domandato?

178. ALFREDO (simulando anch'egli indifferenza) Così, a titolo di esportazione. E a chi ll'he purtate?

179. ROSALIA Te l'ho detto prima: si' nu pólice c' 'a tosse.

180. ALFREDO (impermalito, per non aver compreso, torvo) 'A tosse? Ma che ce trase sta tosse?

181. ROSALIA (come per dire: "Non sai mantenere un segreto") Parle, vaie parlanno. E po': si' spione!

182. ALFREDO Pecché, qualche vota aggio spiunato atte?

183. ROSALIA A me? E a me nun ce sta niente 'a spiunà. Limpida comm' all'acqua surgiva surgente. 'E fatte mieie so' chiare, titò. (Come una cantinela che, ormai, per averla ripetuta chissà quante volte, conosce a memoria) Nata il '70. Fatt' 'o cunto quant'anne tengo. Da poveri ed onesti genitori. Mia madre, Sofia Trombetta, faceva 'a lavannara, e mio padre, Procapio Solimene, 'o maniscalco. Rosalia Solimene, ca sono io, e Vincenzo Bagliore che aggiustava mbrelle e cufenatore, contrassero regolare matrimonio addí due novembre 1887...

184. ALFREDO 'O iurno d' 'e muorte?

185. ROSALIA Avévem' 'a da' cunto a te?

186. ALFREDO (divertito) No. (Invogliandola a parlare) Iamme nnanze.

187. ROSALIA Da questa riunione vennero al mondo tre figli in una sola volta. Quando la lavatrice portò la notizia a mio marito che stava al vicolo appresso, intento al suo lavoro, 'o truvaie c' 'a capa dint' a na scafaréa...

188. ALFREDO S' 'a steva sciacquanno!

189. ROSALIA (con tono marcato, ripete la frase, come per fargli intendere l'inopportunità dello scherzo) ... cu 'a capa dint' a na scafaréa per sincope sopravvenuta che, immaturamente, lo rapiva. Orfana di genitori, ambodue...

190. ALFREDO E terno 'e tre...

191. ROSALIA (c. s.) ... ambodue e con tre figli da crescere, andai ad abitare al vicolo San Liborio, basso numero 80, e mi missi a vendere sciosciamosche, cascettelle p' 'e muorte e cappielle 'e Piererotta'. 'E sciosciamosche li fabbricavo io stessa e guadagnavo quel poco per portare avanti i miei figli. Al vivolo San Liborio ebbi a conoscere donna Filumena, che, bambina, giocava ch' 'e tre ffiglie mieie. Doppo vintun'anno, 'e figlie mieie, nun truvanno lavoro, se 'andaiene uno in Australia e duie in America... e nun aggio avuto cchiú nutizie. Rimanette io sola; io, 'e sciosciamosche e 'e capielle 'e Piererotta. E nun ne parlammo, si no me va 'o sango ncapo! E si nun fosse stato pe' donna

Filumena che mi prese con lei, in casa, quando si arriuní con don Domenico, sarei finita a chiedere l' elemosina sopra le scale di una chiesa! Arrivederci e grazie, è fernuta 'a pellicola.

192. ALFREDO (sorridente) Domani nuovo programma! Ma a chi he purtato 'e tre lettere, nun s'è pututo sapé!

193. ROSALIA Questa incombenza delicata che mi è stata profferta, non la posso sprofferire per farla diventare di dominio pubblico.

194. ALFREDO (deluso, con dispetto) Quanto si' antipatica! 'A malignatà t'ha sturzellata tutta quanta. E quanta vote si' brutta!

195. ROSALIA (sostenuta) Non devo trovare il partito!

196. ALFREDO (dimenticando lo scambio di offese, col tono abituale di confidenza) M'he 'a còsere stu bottone vicino a sta giacchetta. (Mostra il punto).

197. ROSALIA (avviandosi in camera da letto, con lieve senso di ritorsione) Domani, se tengo tempo.

198. ALFREDO E m'he 'a còsere pure na fettuccia mpont' 'a mutanda!

199. ROSALIA Comprate la fettuccia e ve la còso. Permesso. (Dignitosa esce per la porta di sinistra).

Dal fondo a sinistra entra Lucia recando una tazzina riempita a metà di caffè. Si ode il campanello. Ella, che era diretta verso Alfredo, torna indietro ed esce per la comune.

200. DOMENICO (dopo una pausa, pallido, assonnato, entra dal fondo seguito da Lucia. Scorge il caffè) È ccafè, chesto?

201. LUCIA (dando un'occhiata d'intenzione ad Alfredo che, alla venuta di don Domenico, si è alzato) Sissignore.

202. DOMENICO Damme ccà. (Lucia porge la tazza a Domenico che ne beve il contenuto quasi d'un fiato) 'O ddesideravo nu poco 'e cafè!

203. ALFREDO (rabbuiato) Io pure.

204. DOMENICO (a Lucia) Portale na tazza 'e cafè. (Siede al tavolo, il volto tra le mani, assorto in cupi pensieri).

Lucia fa comprendere ad Alfredo, con i gesti, che l'altra metà della tazza di caffè che dovrà portargli, è stata già stata diluita in acqua.

205. ALFREDO (spazientito, rabbioso) Portalo 'o stesso.

Lucia esce per il fondo a sinistra.

206. DOMENICO Ch'è stato?

207. ALFREDO (sorridente forzatamente) Ha ditto c' 'o ccafè è friddo. Aggio ditto: portalo 'o stesso.

208. DOMENICO Lo riscalda e lo porta. (Tornando al suo pensiero) Si' stato dall'avvocato?

209. ALFREDO Comme no.

210. DOMENICO E quanno vene?

211. ALFREDO Appena tene tempo. Ma in giornata senz'altro.

Lucia entra dal fondo recando un'altra tazza di caffè. Si avvicina ad Alfredo e gliela porge guardandolo ironicamente, quindi, divertita, esce per il fondo. Alfredo, sfiduciato, si accinge a sorbire la bevanda.

212. DOMENICO (completando ad alta voce il suo pensiero, con apprensione) ... E si è malamente?

213. ALFREDO (credendo che Domenico alluda al suo caffè, con rassegnazione) C'aggia fa', don Dummi', nun m' 'o ppiglio. Vo' dicere ca quanno scengo m' 'o ppiglio 'o bar.

214. DOMENICO (disorientato) Che cosa?

215. ALFREDO (convinto) 'O ccafè.

216. DOMENICO Che me ne mporta d' 'o ccafè, Alfre'. Io dico: si è malamente chello ca sto facenno... nel senso che l'avvocato me dice ca nun se pò ffa' niente...

217. ALFREDO (dopo di aver sorbito un sorso di caffè con una smorfia di disgusto) Non è possibile... (Va a deporre la tazza su di un mobile, in fondo).

218. DOMENICO Che ne sai, tu?

219. ALFREDO (da intenditore) Comme che ne saccio? È una schifezza!

220. DOMENICO Bravo: è una schifezza. Proprio così. L'ha fatto male. Nun l'ha saputo fa'...

221. ALFREDO Don Dummi', nun l'ha saputo maie fa'!

222. DOMENICO Ma io ricorro in tribunale, in appello, 'a Corte suprema!

223. ALFREDO (sbalordito) Don Dummi', p'ammor' 'a Madonna! Pe' nu surzo 'e caffè!

224. DOMENICO Ma tu che vvuó cu' stu ccafè? Io sto parlanno d' 'o fatto mio!
225. ALFREDO (non ha ancora compreso, vago) Ecco... (comprende divertito l'equivoco) Ah!... (Ride) Eh... (Poi temendo l'ira di don Domenico, diviene d'un tratto compartecipe alla gravità dello stato d'animo del padrone) Ah.. eh.. Perdíó!
226. DOMENICO (al quale non è sfuggita la metamorfosi spirituale del suo interlocutore, s'intenerisce, rassegnato ad accettare l'incompresione di Alfredo) Che parlo a ffa'cu'te ? 'E che pozzo parlá cu' te? D' 'o ppassato...Ma te pozzo parlà d' 'o ppresente?... (Lo guarda come se allora lo avesse conosciuto. La sua voce assume un tono di sconforto) Guarda llà, gua'... Alfredo Amoroso, come sei ridotto! 'A faccia appesa, 'e capille ianche, ll'uocchie appannate, miezo rimbambito...
227. ALFREDO (ammettendo tutto, anche perché non oserebbe mai contraddire il padrone e come rassegnandosi ad una fatalità) Perdíó!
228. DOMENICO (considerando che anch'egli, in fondo, ha subito le metamorfosi dell'età e delle vicende umane, rievoca) Gli anni passano e passano per tutti quanti... T' 'o ricuorde a Mimí Soriano, don Mimí, t' 'o ricuorde?
229. ALFREDO (colto soprappensiero, falsamente interessato) Gnernò, don Dommi'. è muorto?
230. DOMENICO (con amarezza) È muorto, proprio accusí. Don Mimí Soriano è morto!
231. ALFREDO (comprendendo a volo la gaffe) Ah...vuie dicíveve... Don Mimí... (Serio) Ma... perdíó!
232. DOMENICO (come rivedendo la sua immagine giovanile) 'E mustaccielle nire! Sicco comm' a nu iunco! 'A notte 'a facevo iuorno... Chi durmeva maie?
233. ALFREDO (sbadigliando) M' 'o ddicite a me?
234. DOMENICO T' 'a ricuorde chella figliola ncoppo Capemonte?... Che bella guagliona: Gesummina! - " Fuimmencenne", - 'a tengo dint' 'e rrecchie... E 'a mugliera d' 'o veterinario?
235. ALFREDO Comme... Ah, che me facite ricurdà! Chella po' teneva na cainata ca faceva 'a capera. Io mi ci misi appresso ma nun se facevano 'e carattere...
236. DOMENICO 'E meglio attacche, quanno scennevo abbascio 'a Villa! Tanno ce steva ancora 'o truttuarre.
237. ALFREDO Iveve nu figurino!
238. DOMENICO O "nuasetto" o grigio: chille erano 'e culure mieie. Cappello duro, 'a cravascia mmano... 'E meglie cavalle erano 'e mieie. T'arricuorde "Uocchie 'argiento"?

239. ALFREDO Co}me nun m' 'a ricordo?... Perdío! "Uocchie 'argiento", 'a storna? ... (Con nostalgia) Che grande cavalla! Ci aveva un di dietro che era una luna piena! Quando se guardava 'e faccia il di dentro, sembrava una luna piena nel momento del risorgimento! Io me n'anammuraie 'e chella cavalla! E pirciò me lassaie cu 'a capera. E quando v' 'a vennísteve, Alfredo Amoroso ebbe un grande dolore.

240. DOMENICO (abbandonandosi al volo dei suoi ricordi) Parigi, Londra... 'e ccorse... Me sentevo nu Padreterno! Me sentevo ca putevo fa' chello ca vulevo io: senza règula, senza cuntrollo... (Infervorandosi) Ca nisciuno, maie, manco Dio, me puteva levà 'a copp' 'o munno! Me sentevo padrone d' 'e muntagne, d' 'o mare, d' 'a vita mia stessa... E mo? Mo me sento finito, senza vuluntà, senza entusiasmo! E chello che ffaccio, 'o ffaccio pè dimustrà a me stesso ca nun è overo, ca songo ancora forte, ca pozzo ancora vincere l'uommene, 'e ccose, 'a morte... E 'o ffaccio accusí naturale, ca se credo, me cunvinco, me stono,,, e cumbatto! (Risoluto) Aggia cumbattere! Domenico Soriano non si piega. (Ripigliando il suo tono deciso) Ch'è succieso ccà? He saputo niente?

241. ALFREDO (reticente) Eh... "He saputo niente?" Qua mi tengono all'oscuro. Donna Filumena, 'o ssapite, nun me pò vedé. Vulesse sapé che ll'aggio fatto... Rosalia, pe' ditto 'e Lucia e confermato da Rosalia medesima, dice che la purtato tre lettere orgente pe' cunto 'e donna Filumena.

242. DOMENICO (ruminando, ma sicuro delle sue supposizioni) A chi?

Alfredo fa per rispondere qualcosa, ma si arresta vedendo entrare, da sinistra, Filumena.

243. FILUMENA (in abito da casa, un po' in disordine, seguíta da Rosalia che reca delle lenzuola e finge di non vederli. Chiama verso la comune) Luci'... (A Rosalia) Dateme 'a chiave.

244. ROSALIA (porgendo le chiavi) Eccomi a voi.

245. FILUMENA (intascandole, spazientita, alludendo a Lucia che ritarda) E vvi' si vene chella... (Chiama con un tono di voce un po' pii forte e perentorio) Luci'!

246. LUCIA (entra dal fondo a sinistra, premurosa) Ch'è stato, signo'?

247. FILUMENA (tagliando corto) Pigliete sti lenzole. (Rosalia consegna la biancheria). 'O salutino, vicino 'o studio, se sta n'ottomana, l'accuonce a lietto.

248. LUCIA (un po' sorpresa) Va bene. (Fa per andare).

249. FILUMENA (fermandola) Aspetta. 'A cammera toia me serve. (Lucia cade dalle nuvole). Cheste so' 'e llenzole pulite: doie mute. Tu te faie 'a branda dint' 'a cucina.

250. LUCIA (visibilmente contrariata) Va bene. E 'a rrobba mia? Aggi' 'a levà pure 'a rrobba mia?

251. FILUMMENA T'aggio ditto ca me serve 'a cammera!
252. LUCIA (alzando un po' il tono della voce) E 'a rroba mia addó 'a metto?
253. FILUMENA Te piglie 'o stipo dint' 'o curridore.
254. LUCIA Va bene. (Esce per il fondo a sinistra).
255. FILUMMENA (fingendo di scorgere solo allora Domenico) Tu stive lloco?
256. DOMENICO Sí, stevo ccà nterra... (Freddo) Se pò ssapé ched'è sta trasformazione in casa mia?
257. FILUMENA Comme no? E che ci sono sicreti fra marito e moglie? Mi servono altre due camere da letto.
258. DOMENICO E pe' chi servono?
259. FILUMENA (categorica) P' 'e figlie mieie. Sarebbero state tre, ma siccome uno 'e ammogliato e tene pure quatto guagliune, se sta 'a casa soia, p' 'e fatte suoie.
260. DOMENICO Ah, mbè?! Ce stanno pure 'e niputine?... (Provocatore) E comme se chamma sta tribú che tenive astipata?
261. FILUMENA (sicura del fatto suo) Pe' mo portano 'o nomme mio... Piú in là purtarranno 'o nomme tuoio.
262. DOMENICO Senza 'o cunsenzo mio, nun credo!
263. FILUMENA Ce 'o daie, Dummi!... ce'o daie! (Esce per la porta di sinistra).
264. ROSALIA (a Domenico con ostentato senso di rispetto) Permesso. (Segue Filumena).
265. DOMENICO (con un incontenibile scatto grida attraverso la porta a Filumena, alludendo ai figli) N' 'e ccaccio! He capito? N' 'e ccaccio!
266. FILUMENA (dall'interno, con voce ironica) Nchiudite 'a porta, Rusali'.
- La porta si chiude sul muso di Domenico.
267. LUCIA (entra dal fondo e si rivolge a Domenico con tono riservato) Signo', fore ce sta 'a signurina Diana, con un altro signore.
268. DOMENICO (interessandosi) E falla trasí.
269. LUCIA Nun vo' trasí. Io ho insistito, ma ha ditto che andate voi for' 'a sala. Se mette appaura 'e donna Filumena.

270. DOMENICO (esasperato) Vuie vedite 'o Pateterno! Aggio miso 'o cammurrista dint' 'a casa! (Alludendo a Diana) Dincello che tràseno perché ci sono io qua.

Lucia esce.

271. ALFREDO Chella si 'a vede... (accompagnando la parola col gesto, come per dire: "la picchia")... 'a scutuléa...

272. DOMENICO (gridando in modo da farsi ascoltare anche oltra la porta chiusa della camera da letto, come per prevenire il caso) C'ha dda scutulià, Alfre'?! Ma ccà, overamente facimmo?... Io songo 'o padrone! (Alludendo a Filumena) Essa nun è niente! Facimmece capace tutte quante dint' a sta casa!

273. LUCIA (ritorna dal fondo e a Domenico) Signo', non ha voluto entrare. Dice che lei non risponde dei suoi nervi.

274. DOMENICO Ma chi ce sta cu essa?

275. LUCIA Nu signore. Essa l'ha chiamato avvocato. (Considerando) Ma me pare ca se mette appaura pur'isso...

276. DOMENICO Ma comme?... Siamo tre uomini!

277. ALFREDO (sincero) A me non mi contate... Pecché, comme stongo stammatina, vaco tre sorde! (Deciso) Anzi, vuie avit' 'a parlà... Me vaco a ffà na sciacquata 'e faccia dint' 'a cucina. Se mi volete, mi chiamate... (Senza attendere risposta, esce per il fondo a sinistra).

278. LUCIA Signo', c'aggi 'a fa'?

279. DOMENICO Mo ce vaco io! (Lucia esce per il fondo a sinistra, Domenico per il fondo a destra, introducendo subito dopo, Diana e l'avvocato Nocella) Non lo dite neanche per ischerzo! Questa è casa mia.

280. DIANA (ferma sotto la soglia, con alle spalle l'avvocato, in preda ad evidente orgasmo) No, caro Domenico, dopo la scenata di ieri non intendo assolutamente di ritrovarmi a faccia a faccia con quella donna.

281. DOMENICO (rassicurandola) Ma vi prego, Diana, mi mortificate. Entrate, non dovete avere paura.

282. DIANA Paura, io? Ma neanche per sogno! Non voglio giungere a degli eccessi.

283. DOMENICO Non è il caso. Ci sono io qua.

284. DIANA Ieri sera pure, c'era lei.

285. DOMENICO Ma fu così all'improvviso... Ma vi assicuro che non dovete temere niente. Entrate, avvoca', accomodatevi.

286. DIANA (avanzando di qualche passo, allude a Filumena) Dov'è?

287. DOMENICO Vi ripeto: non vi preoccupate. Accomodatevi, sedetevi. (Porge le sedie. I tre seggono intorno al tavolo: Nocella nel mezzo, Domenico a destra, Diana a sinistra. Ella non perde d'occhio la camera da letto). Dunque?

288. NOCELLA (è un uomo sui quarant'anni, normale, insignificante. Veste con una certa eleganza sobria. Si trova lì a parlare del caso Soriano perché vi è stato trascinato da Diana. Si nota, infatti, nel tono della voce, un certo disinteresse) Io abito nella pensione dove abita la signorina. E là ci siamo conosciuti tempo fa.

289. DIANA L'avvocato può dire chi sono e che vita faccio.

290. NOCELLA (che non vuole immischiarsi) Ci vediamo la sera, a tavola. Io, poi, in pensine ci sto raramente... Tribunale, clienti; e, di solito, non m'interesso.

291. DIANA (non riuscendo a trattenere la sua apprensione, dopo aver guardato ancora una volta a sinistra la porta donde ha timore debba uscire Filumena da un momento all'altro, a Domenico) Scusi, Domenico... Preferisco sedere al posto suo. Ha difficoltà?...

292. DOMENICO Vi pare...

I due cambiano posto.

293. DIANA (ripigliando il discorso iniziato da Nocella) E proprio a tavola, ieri sera, io raccontai il caso suo e di Filomena.

294. NOCELLA Già... ci facemmo un sacco di risate...

Sguardo significativo di Domenico.

295. DIANA Oh, no, no, io non ne risi per niente.

Nocella la guarda con intenzione.

296. DOMENICO La signorina si trovava qua, perché io la feci fingere infermiera.

297. DIANA Mi fece fingere? Ma neanche per sogno! Sono infermiera, e come: con tanto di diploma! Non gliel'ho mai detto, Domenico?

298. DOMENICO (sorpreso) No, veramente.

299. DIANA Bah, in fondo, perché avrei dovuto dirglielo?... (Ripigliando il discorso) Dissi il suo stato d'animo e la sua preoccupazione di dover rimanere legato ad una donna, senza averne avuto mai il minimo desiderio. E l'avvocato spiegò esaurientemente...

Campanello interno.

300. DOMENICO (preoccupato) Scusate, vi dispiace di passare nello studio? Hanno suonato il campanello.

Lucia attraversa il fondo da sinistra a destra.

301. DIANA (alzandosi) Sí, forse è meglio.

Nocella si alza anche lui.

302. DOMENICO (mostrando loro la "studio") Accomodatevi.

303. NOCELLA Grazie. (Esce per primo).

304. DOMENICO Ci sono novità?

305. DIANA (a Domenico con intimità) Sentirai... (Domenico è impaziente). Sei palliduccio... (Così dicendo, Diana accarezza la guancia di lui ed esce. Domenico interdetto, la segue).

306. LUCIA (introducendo Umberto) Accomodatevi.

307. UMBERTO (è un giovane alto, ben piantato. Veste con dignitosa modestia. Ama lo studio con convinzione. Il suo modo di parlare, il suo sguardo acuto da osservatore, danno un senso di soggezione. Entrando) Grazie.

308. LUCIA Se vi volete sedere... nun saccio si donna Filumena esce subito.

309. UMBERTO Grazie, sí, mi seggo volentieri. (Siede a sinistra al limitare del terrazzo. Si mette a scribacchiare su di un quaderno che ha recato con sé. Lucia si avvia verso la porta di sinistra ma santendo trillare il campanello d'ingresso torna sui suoi passi ed esce dal fondo a destra. Dopo una breve pausa ritorna introducendo Riccardo) Entrate.

310. RICCARDO (è un giovane svelto, simpatico, vestito con vistosa eleganza. Nell'entrare guarda l'orologio da polso) Nenne', na cosa 'e ggiorno... (Lucia fa per raggiungere la porta di sinistra. Riccardo che l'ha sbirciata, la ferma con una scusa) Neh, guè, siente... (Lucia gli si avvicina). 'A quanto tempo staie ccà?

311. LUCIA È un anno e mezzo.

312. RICCARDO (galante alla buona) 'O ssaie ca si' na bella piccerella?

313. LUCIA (lusingata) Si nun me guasto c' 'o tiempo...

314. RICCARDO Viene 'a part' 'o magazzino mio...

315. LUCIA Tenite 'o magazzino?

316. RICCARDO Numero 74, a Chiaia, dint' 'o purtone... Te faccio 'e ccammise.

317. LUCIA Overo? E che mme mettite 'e ccammise 'a ommo? Iatevenne!

318. RICCARDO Eh! Io servo uomini e donne... All'uommene, ce metto 'e cammise, a 'e ffemmene comm'a tte... ce le levo! (Dicendo quest'ultima battuta fa per abbracciare la ragazza).

319. LUCIA (divincolandosi, offesa) Neh, neh! (Riesce a liberarsi) Vuie fússeve pazzo? Pe' chi m'avite pigliata? Io ce 'o ddico 'a signora. (Alludendo ad Umberto che ha seguíto la scena senza attribuire ad essa alcun peso) Cu' chillo llà...

Campanello interno. Lucia si avvia verso il fondo.

320. RICCARDO (osservando Umberto, divertito) Guè, overo... Io non l'avevo visto.

321. LUCIA (risentita) E vuie nun vedite manco 'e ffigliole per bene ca se fanno 'e fatte lloro... (Si avvia).

322. RICCARDO (insinuante) Ce viene 'o magazzino?

323. LUCIA (sostenuta) A' nnumero 74?... (Guardando il giovane con ammirazione, sorride).

324. RICCARDO (con un cenno che vuol significare: "ti aspetto") A Chiaia...

325. LUCIA Eh... e ce vengo! (Ed esce per il fondo a destra lanciando a Riccardo un ultimo sorriso d'intesa).

326. RICCARDO (passegia un po' per la camera, guarda Umberto e vistosi fissato sente il bisogno di giustificare il suo modo di comportarsi nei riguardi di Lucia) È carina...

327. UMBERTO E a me che me n'importa?

328. RICCARDO (un po' risentito) Ma pecché, facite 'o prevete, vuie?

Umberto non risponde e continua a scribacchiare.

329. LUCIA (dal fondo, introducendo Michele) Trase Miche', 'a chesta parte.

330. MICHELE (in tuta blu da stagnino e con la borsa dei ferri, avanza semplicemente. È un giovane di buona salute, florido e grassoccio. Ha un carattere semplice e gioviale. Si sberretta) Luci', ma ch'è stato? 'O bagno scorre n'ata vota? Io ce facette chella saldatura...

332. LUCIA No, funziona.

332. MICHELE E allora che ato ve scorre?

333. LUCIA Oi ni', a nuie nun ce scorre niente. Aspetta, mo vaco a chiammà a donna Filumena. (Esce a sinistra).

334. MICHELE (a Riccardo, rispettoso) Servo. (Riccardo risponde al saluto con un lieve cenno del capo). Tengo 'a puteca sola... (Trae dalla tasca una cicca) Tenete un cerino?

335. RICCARDO (superbo) Nun 'o tengo.

336. MICHELE E nun fumammo. (Pausa). Voi siete parente?

337. RICCARDO E voi siete 'o giudice istruttore?

338. MICHELE Come sarebbe?

339. RICCARDO Vuie tenite genio 'e parlà, io no.

340. MICHELE Ma nu poco 'e maniera 'a putarísseve pure tené. Fússeve o' Pateterno?

341. UMBERTO (intervenendo) No, nun è 'o Pateterno... è scostumato.

342. RICCARDO Come sarebbe?

343. UMBERTO E scusate, voi siete entrato e, senza badare che vi trovate in casa d'altri, ve site menato ncuoll' 'a cammarera... Truvate a mme, manco p' 'a capa ... Mo ve mettite a sfottere a chillu povero dio...

344. MICHELE (risentito, a Umberto) Oh, ma pecché, secondo te, io songo 'o tipo 'e me fa' sfottere.. Tu vide 'o Pateterno... Uno iesce d' 'a casa pè fatte suoie... (A Riccardo) Avite ragione ca stammo ccà ncoppa.

345. RICCARDO 'O ssaie ca m'he scucciato? Mo te dongo nu bbuffo ccà ncoppo stesso...

346. MICHELE (diviene pallido d'ira. Lascia cadere in terra la borsa e si avvicina lentamente, minaccioso) Famme vedé.

347. RICCARDO (gli va incontro con la stessa calma apparente) Ma pecché?... Me mettesse appaura 'e te?

Umberto si è avvicinato ai due per intervenire e prevenire l'iniziativa dell'uno o dell'altro.

348. MICHELE (rabbioso) Stu piezz' 'e... (Con gesto rapido fa per dare un manrovescio a Riccardo, ma costui lo previene, anche per l'intervento di Umberto. Ad Umberto) Let' 'a miezo, tu...

Ha inizio la zuffa fra Michele e Riccardo, nella quale si trova coinvolto Umberto. Volano calci e manrovesci che non raggiungono mai gli obiettivi. I tre giovani piú si accaniscono, mormorando, fra i denti, parole d'ira e di offesa.

349. FILUMENA (dalla sinistra, entrando, interviene in tono energico) Ch'è stato?... (Rosalia che l'ha seguita si ferma alle sue spalle. I tre giovanotti, al richiamo, si compongono assumendo un atteggiamento d'indifferenza, si schierano al cospetto della donna). Che ve credite? Che state mmiez' 'a via?

350. UMBERTO (toccandosi il naso dolorante) Io dividevo!

351. RICCARDO Io pure.

352. MICHELE Anch'io.

353. FILUMENA E chi deva?

354. I TRE (all'unisono) Io no...

355. FILUMENA (deprecando) Purcarie! L'uno contro all'ato! (Pausa. Filumena ripiglia il suo atteggiamento abituale) Dunque, guagliu'... (Non trova il modo per iniziare il suo dire) Gli affari come vanno?

356. MICHELE Ringraziammo a Dio!

357. FILUMENA (a Michele) E i bambini?

358. MICHELE Bene. 'A settimana scorsa ci ebbi il mezzano con un poco di febbre. Ma mo sta bene. Se mangiaie duie chile d'uva 'e nascosto d' 'a mamma. Io non c'ero. Fece una panza tosta che sembrava un tamburo. Sapete, quattro bambini... o l'uno o l'altro vi dànno sempre da fare. Pè fortuna ca l'olio di ricino piace a tutt'e quatto. Figuràteve ca, quando purgo a uno, ll'ati tre arrevòtano 'a casa : pianti, strilli... E si nun purgo pure a l'loro nun 'a fernésceno. Se mettono tutt'e quatto, in fila, sopra 'e rinalielle... So' bambini.

359. UMBERTO Signora, io ho ricevuto un suo biglietto. Il suo nome, sic et simpliciter, non mi diceva niente. Per fortuna c'era l'indirizzo e mi sono ricordato che, questa donna Filomena, l'incontro quasi ogni sera, quando esco per andare al giornale, e che, una volta, ebbi il piacere di accompagnarla proprio a questo indirizzo perché non ce la faceva a camminare, a causa di un piede che le doleva. Cosí ho ricostruito e...

360. FILUMENA Già, me faceva male 'o pede.

361. RICCARDO (piú esplicito) 'E che se tratta?

362. FILUMENA (a Riccardo) 'O negozio va bene?

363. RICCARDO E peccché avess' 'a ji' malamente? Certo che se avessi tutte clienti come voi, dopo un mese, dovrei chiudere. Quando vinite voi dentr' 'o magazzino mio aggio na mazzata ncapo. Mi fate prendere tutte le pezze di stoffa: questa no, quella no... ci debbo pensare... E la sciate un negozio ca p' 'o mettere a posto ce vonno 'e facchine.

364. FILUMENA (materna) Vuol dire che non vi darò piú fastidio.

365. RICCARDO Che c'entra, voi siete la padrona, ma io sudo na cammisa 'a vota!

366. FILUMENA (quasi divertita) Dunque, io vi ho mandato a chiamare per una cosa seria. Se volete entrare un momento qua... (indica la prima a sinistra) stiamo piú tranquilli.

367. DOMENICO (dallo studio, seguító dall'avvocato Nocella, interviene. Ha ripreso il suo tono normale di uomo sicuro del fatto suo. Si rivolge a Filumena con energia bonaria) Lascia sta' Filume', non è il caso d'imbrogliare maggiormente le tue cose... (All'avvocato) Io, senza essere avvocato, lo dissi prima di voi. Era chiaro. (Filumena lo guarda dubbiosa). Dunque, qua c'è l'avvocato Nocella che può darti tutti gli schiarimenti che vuoi. (Ai tre ragazzi) La signora si è sbagliata. Vi ha incomodati inutilmente. Vi chiediamo scusa e se volete andare...

368. FILUMENA (fermando i tre che si avviano) Nu mumento... Io nun me so' sbagliata. Ll'aggio mannate a chiammà io. Che c'entri tu?

369. DOMENICO (con intenzione) Avimm' 'a parlà nanz' 'a gente?

370. FILUMENA (ha compreso che qualcosa di serio è avvenuto, per cui l'andamento delle cose è completamente mutato. Il tono calmo della voce di Domenico le ha dato conferma di ciò. Si rivolge ai tre giovanotti) Scusate, cinque minuti... Volete aspettare for' 'a loggia.

Umberto e Michele si avviano un po' interdetti.

371. RICCARDO (consultndo l'orologio) Sentite! Ma a me mi pare che si abusi della cortesia altrui! Io ho da fare...

372. FILUMENA (perdendo la calma) Guè, ccà se tratta 'e na cosa seria, t'aggio ditto! (Trattandolo da moccioso, con un tono che non ammette replica) Cammina for' 'a loggia. Comme aspettano ll'ate, aspiette pure tu.

373. RICCARDO (sconcertato dal tono deciso di Filumena) Va bene! (Segue gli altri due, sempre, però, a malincuore).

374. FILUMENA (a Rosalia) Dalle na tazza 'e caffè.

375. ROSALIA Subito. (Ai tre) Iate for' 'a loggia. Ve mettite là bbascio... (Indica un punto) Mo ve porto na bella tazza 'e caffè. (Esce per il fondo a sinistra mentre i tre giovanotti escono fuori al terrazzo).

376. FILUMENA (a Domenico) Dunque?
377. DOMENICO (indifferente) Qua sta l'avvocato, 'o vi'?... Parla cu isso.
378. FILUMENA (spazientita) Io cu 'a legge ce tengo poca amicizia. Ad ogni modo, 'e che se tratta?
379. NOCELLA Ecco qua, signora. Ripeto, io in questa faccenda non c'entro.
380. FILUMENA E allora, che ce site venuto a ffa'?
381. NOCELLA Ecco, non c'entro, nel senso che il signore qua non è mio cliente, né mi ha mandato a chiamare.
382. FILUMENA Allora ce site venuto?
383. NOCELLA No...
384. FILUMENA (ironica) Ve ce hanno mannato?
385. NOCELLA No, signo'. È difficile ch'io consenta a qualcheduno di mandarmivici.
386. DOMENICO (a Filumena) 'O vuò fa'parlà?
387. NOCELLA Di questo fatto me ne ha parlato la signorina... (Non vedendola dietro di sé, guarda verso lo studio) Dove sta?
388. DOMENICO (impaziente di riportare la discussione nei suoi termini essenziali) Avvoca', io... lei... chi ve ne ha parlato, non ha importanza. Venite alla conclusione.
389. FILUMENA (alludendo a Diana con sarcasmo feroce ma contenuto nel tono dell'interrogazione) Sta llà dintu, è ove'? Nun tene 'o curaggio d'ascí ccà fore. Iammo nnanze, avvoca'.
390. NOCELLA Per il caso espostomi da lui... dall'altra... insomma... p' 'o fatto ch'è succieso, c'è l'articolo IOI, che io ho trascritto qua. (Trae di tasca un foglio e lo mostra) Articolo IOI: Matrimonio in imminente pericolo di vita. "Nel caso di imminente pericolo di vita... ecc..." spiega tutte le modalità. Ma l'imminente pericolo di vita non c'è stato, perché la vostra, secondo la versione del signore qua, è stata una finzione.
391. DOMENICO (pronto) Tengo i testimoni: Alfredo, Lucia, 'o guardaporta, Rosalia...
392. FILUMENA L'infermiera...
393. DOMENICO L'infermiera! Tutte quante! Appena 'o prèvete se n'è ghiuto, s'è alzata dal letto... (mostra Filumena) e ha detto: "Dummi', simmo marito e mugliera!"
394. NOCELLA (a Filumena) E allora c'è a suo vantaggio l'articolo 122: Violenza ed errore. (Legge) "Il matrimonio può essere impugnato da quello degli sposi il cui

consenso è stato estorto con violenza o escluso per effetto di errore". L'estorsione c'è stata: in base all'articolo 122, il matrimonio viene impugnato.

395. FILUMENA (sincera) Io nun aggio capito.

396. DOMENICO (convinto di dare una interpretazione giusta all'articolo del codice, a Filumena, volendo soverchiarla) Io ti ho sposata perché dovevi morire...

397. NOCELLA No, il matrimonio non può essere sottoposto a condizioni, C'è l'articolo... mo nun m' 'o ricordo... Insomma dice: " Se le parti aggiungono un termine o una condizione, l'ufficiale di stato civile, o il sacerdote, non può procedere alla celebrazione del matrimonio".

398. DOMENICO Voi avete detto che l'imminente pericolo di vita non c'è stato...

399. FILUMENA (brusca) Statte zitto, ca manco tu he capito. Avvoca', spiegateve 'a napulitana.

400. NOCELLA (porgendo il foglio a Filumena) Questo è l'articolo. Leggetelo voi stessa.

401. FILUMENA (strappa il foglio senza neanche guardarlo) Io nun saccio leggere e po' carte nun n'accetto!

402. NOCELLA (un po' offeso) Signo', siccome nun site stata mpunt' 'e morte, 'o matrimonio s'annulla, nun vale.

403. FILUMENA E 'o prèvete?

404. NOCELLA Ve dice 'o stesso. Anze, ve dice ch'avite oltraggiato il sacramento. Non vale!

405. FILUMENA (livida) Nun vale? Avev' 'a muri?

406. NOCELLA (pronto) Eco.

407. FILUMENA Si murevo...

408. NOCELLA Allora sarebbe stato validissimo.

409. FILUMENA (mostrando Domenico che è rimmasto impassibile) E lui si poteva ammogliare un'altra volta, poteva avere dei figli...

410. NOCELLA Già, ma sempre da vedovo. Quest'altra probabile donna avrebbe sposato il vedovo della defunta signora Soriano.

411. DOMENICO Lei sarebbe diventata la signora Soriano... Morta!

412. FILUMENA (ironica, ma con amarezza) Bella soddisfazione! Allora io aggio spiso na vita pè furmà na famiglia, e 'a legge nun m' 'o permette? E chesta è giustizia?

413. NOCELLA Ma la legge non può sostenere un vostro principio, sia pure umano, rendendosi complice di un espediente perpetrato ai danni di un terzo. Domenico Soriano non intende unirsi in matrimonio con voi.

414. DOMENICO E ci devi credere. Se hai qualche dubbio, chiama un avvocato di tua fiducia.

415. FILUMENA No, ce credo. No pecché m' 'o ddice tu che hai tutto l'interesse... No pecché m' 'o ddice l'avvocato, pecché io ll'avvocate nun 'e ccunosco... Ma guardànnote nfaccia. Te pienze ca nun te cunosco? He pigliato n'ata vota 'a stess'aria 'e padrone. Te si' calmato... Na buscia me l'avarrisce ditta senza me guardà nfaccia, cu ll'uocchie nterra... pecché tu buscie nun n' he sapute maie dicere. È overo...

416. DOMENICO Avvoca', voi procedete.

417. NOCELLA Se mi date mandato.

418. FILUMENA (rimane per nun attimo assorta. D'un tratto risponde all'ultima frase che le aveva rivolto Nocella. Il suo tono è altero, ma va crescendo di fervore, fino allo scatto) E io manco! (A Domenico) Io nemmeno te voglio! (A Nocella) Avvoca', procedete. Nun 'o voglio nemmeno io. Nun è overo ca stevo mpunt' 'e morte. Vulevo fa'na truffa! Me vulevo arrubà nu cognome! Ma cunuscevo sulo 'a legge mia: chella legge ca fa ridere, no chella ca fa chiagnere! (Grida verso il terrazzo) A vvuie, venite 'a ccà!

419. DOMENICO (accomodante) Ma 'a vuó ferní?

420. FILUMENA (Inviperita) Statte zitto! (Dal terrazzo ricompaiono i tre giovanotti un po' disorientati ed avanzano di qualche passo nella camera. Dal fondo, quasi contemporaneamente, Rosalia entra recando un vassoio con tre tazze de caffè, comprende la delicatezza del momento e, dopo aver appoggiato il vassoio su di un mobili, si pone in ascolto avvicinandosi quindi a Filumena, la quale, rivolta ai figli, così apertamente parla loro) Guagliu', vuie site uommene! Stateme a sentí. (Mostra Domenico e Nocella) Ccà sta 'a ggente: 'o munno. 'O munno cu' tutt' 'e llege e cu' tutt' 'e diritte... 'O munno ca se difende c' 'a carta e c' 'a penna. Domenico Soriano e l'avvocato... (Mostrando se stessa) E ccà ce sto io: Filumena Marturano, chella ca 'a leggìa soia è ca nun sape chiagnere. Pecché 'a ggente, Domenico Soriano, me l'ha ditto sempe: " Avesse visto maie na lacrema dint' a chill'uocchie!" e io senza chiagnere... "o vvedite?! ll'uocchie mieie so' asciutte comm' all'esca... (Fissando in volto i tre giovani) Vuie me site figlie!

421. DOMENICO ... Filume'!

422. FILUMENA (risoluta) E chi si' tu, ca me vuó mpedí 'e dicere, vicin' 'e figlie mieie, ca me so' ffiglie? (A Nocella) Avvoca', chesto 'a legge d' 'o munno m' 'o permette, no?... (Piú aggressiva che commossa) Me site figlie! E io so' Filumena Marturano, e nun aggio bisogno 'e parlà. Vuie site giuvinotte e avite ntiso parlà 'e me.

(I tre giovani rimangono impietriti: Umberto sbiancato in volto, Riccardo gli occhi a terra come vergognoso, Michele con la sua aria imbambolata per la meraviglia e la commozione. Filumena innalza) 'E me nun aggi' 'a dicere niente! Ma 'e fino a quanno tenevo diciassett'anne, sí. (Pausa). Avvoca', 'e ssapite chilli vascie... (Marca la parola) I bassi... A San Giovanniello, a 'e Virgine, a Furcella, 'e Tribunale, 'o Pallunetto! Nire, affummate... addó 'a stagione nun se respira p' 'o calore pecché 'a gente è assaie, e 'a vvverno 'o friddo fa sbattere 'e diente... Addò nun ce sta luce manco a mieziurno... Io parlo napoletano, scusate... Dove non c'è luce nemmeno a mezzogiorno... Chin' 'e ggente! Addó è meglio 'o friddo c' 'o calore... Dint' a nu vascio 'e chille, 'o vico San Liborio, ce stev'io c' 'a famiglia mia. Quant'èramo? Na folla!

Io 'a famiglia mia nun saccio che fine ha fatto. Nun 'o vvoglio sapé. Nun m' 'o rricordo!... Sempe ch' 'e ffacie avutate, sempe in urto ll'uno cu'll'ato... Ce coricàvemo senza di': "Buonanotte!" Ce scetàvemo senza di: "Bongiorno!" Una parola bbona, me ricordo ca m' 'a dicette pàtemo... e quanno m' 'arricordo tremmo mo pè tanno... Tenevo tridece anne. Me dicette: " Te staie facenno grossa, e ccà nun ce sta che magnà, 'o ssaje? " E 'o calore!... 'A notte, quanno se chiudeva 'a porta, nun se puteva respirà. 'A sera ce mettèvemo atturno 'a tavula... Unu piatto guosso e nun saccio quanta furchette. Forse nun era overo, ma ogne vota ca mettevo 'a furchetta dint' 'o piatto, me sentevo 'e guardà. Pareva comme si m' 'avesse arrubbato, chellu magnà!... Tenevo diciassett'anne. Passàveno 'e ssignurine vestire bbene, cu' belli scarpe, e io 'e guardavo..... Passàveno sott' 'o braccio d' 'e fidanzate. Na sera ncontraie na cumpagna d' 'a mia, che manco 'a cunuscette talmente steva vestuta bbona... Forse, allora, me pareva cchiú bello tutte cose... Me dicette (sillabando): "Cosí... cosí... cosí...." Nun durmette tutt' 'a notte... E 'o calore... 'o calore... E cunuscette a tte! (Domenico trasale). Là, te ricuorde?... Chella "casa" me pareva na reggia... Turnaie na sera 'o vico San Liborio, 'o core me sbatteva. Pensavo: "Forse nun me guardaranno nfaccia, me mettarranno for' 'a porta!" Nessuno mi disse niente: chi me deva 'a seggia, chi m'accarezzava... E me guardavano nomm' a una superiore a loro, che dà soggezione... Sulo mammà, quanno 'a iette a salutà, teneva ll'uocchie chin' 'e lagreme... 'A casa mia nun ce turnaie cchiú! (Quasi gridando) Nun ll'aggio accice 'e figlie! 'A famiglia... 'a famiglia! Vinticin'anne ce aggio penzato! (Ai giovanotti) E v'aggio crisciuto, v'aggio fatto uommene, aggio arrubbato a isso (mostra Domenico) pè ve crescere!

423. MICHELE (si avvicina alla madre commosso) E va bbuono, mo basta! (Si commuove sempre piú) Certo ch'avivev' 'a fa' cchiú 'e chello ch'avite fatto?!

424. UMBERTO (serio, si avvicina alla madre) Vorrei dirvi tante cose, ma mi riesce difficile parlare. Vi scriverò una lettera.

425. FILUMENA Nun saccio leggere.

426. UMBERTO E ve la leggerò io stesso. (Pausa)

427. FILUMENA (guarda Riccardo in attesa che le si avvicini. Ma egli esce per il fondo senza dire parola) Ah, se n'è andato...

428. UMBERTO (comprensivo) È carattere. Non ha capito. Domani, passo io per il suo negozio e gli parlo.

429. MICHELE (a Filumena) Voi ve ne potete venire con me. 'A casa è piccola, ma c'entriamo. Ce sta pure 'a luggetella. (Con gioia sincera) Chille, 'e bambine, domandavano sempe: 'A nonna... 'a nonna... e io mo dicevo na fessaria, mo ne dicevo n'ata... Io quanno arrivo e dico: 'a nonna! (come dire: "Eccola!") Ilà siente Piererotta! (Invogliando Filumena) Iammo.

430. FILUMENA (decisa) Sí, vengo cu'tte.

431. MICHELE E ghiammo.

432. FILUMENA Nu mumento. Tu aspettame sott' 'o purtone. (A Umberto) Scendetevene insieme. Dieci minuti. Aggia dicere na cosa a don Domenico.

433. MICHELE (felice) Allora, ampresa ampresa. (A Umberto) Voi scendente?

434. UMBERTO Sí, scendo, ti accompagno.

435. MICHELE (sempre allegro) Signori a tutti. (Avvindosi verso il fondo) Io mi sentivo una cosa... Perciò volevo parlare... (Esce con Umberto).

436. FILUMENA Avvoca', scusate, duie minute... (Mostra lo "studio").

437. NOCELLA No, io me ne vado.

438. FILUMENA Duie minute sulamente. Me fa piacere che ci siete pure voi, dopo che ho parlato con don Domenico. Accomodatevi. (Nocella, a malincuore, esce per lo "studio". Rosalia, senza lasciarselo dire, esce per prima a sinistra. Filumena, posando le chiavi sul tavolo) Io me ne vaco, Dummi'. Di' all'avvocato che procedesse per vie legali. Io non nego niente e ti lascio libero.

439. DOMENICO 'O ccredo! Te pigliave na somma 'e denare senza fa tutte sti storie...

440. FILUMENA (sempre calmissima) Dimane me manno a piglià 'a rrobba mia.

441. DOMENICO (un po' turbato) Si', na pazza, chesto si'. Hai voluto guastare la pace di quei tre poveri giovani. Chi te l'ha fatto fa'? Perché glielo hai detto?

442. FILUMENA (fredda) Pecché uno 'e chilli tre è figlio a te!

443. DOMENICO (rimane con lo sguardo fisso su Filumena inchiodato a quell'assurda verità. Dopo una pausa, cercando di reagire alla piena dei suoi sentimenti) E chi te crede?

444. FILUMENA Uno 'e chilli tre è figlio a te!

445. DOMENICO (non osando gridare, con gravità) Statte zitta!

446. FILUMENA Te putevo dicere ca tutt'e tre t'erano figlie, ce avarrisse creduto... T' 'o ffacevo credere! Ma nun è overo. T' 'o pputevo dicere primma? Ma tu ll'avarrisse disprezzate all'ati duie... E io e'vvulevo tutte eguale, senza particolarità.

447. DOMENICO Nun è overo!

448. FILUMENA È overo, Dummi', è overo! Tu nun te ricuorde. Tu partive, ive a Londra, Parigge, 'e ccorse, 'e ffemmene... Na sera, una 'e chelli tante, ca, quando te ne ive, me regalave na cart' 'e ciento lire... na sera me diciste: "Filume", facimm' avvedé ca ce vulimmo bene", e stutaste 'a luce. Io, chella sera te vulette benne overamente. Tu, no, tu avive fatto avvedé...

E quanno appicciaste 'a luce n' ata vota, me diste 'a soleta carta 'e ciento lire. Io ce segnaie 'a data e 'o giorno: 'o ssaie ca 'e nummere 'e ssaccio fa... Tu po' partiste e io t'aspettaie comm'a na santa!... Ma tu nun te ricuorde quanno fuie... E nun te dicette niente... Te dicette c' a vita mia era stata sempe' a stessa... E, infatti, quanno me n'addunaie ca nun avive capito niente, fuie n'ata vota 'a stessa.

449. DOMENICO (con tono perentorio che maschera il suo inconsapevole orgasmo) E chi è!

450. FILUMENA (decisa) E... no, chesto nun t' 'o ddico! Hann' 'a essere eguale tutt' 'e tre...

451. DOMENICO (dopo un attimo di esitazione, come obbedendo ad un impulso) Nun è overo... Nun pò essere overo! Me l'avresti detto allora, per legarmi, pe' ,e tené stritto dint' a na mano. L'unica arma sarrìa stata nu figlio... e tu Filumena Marturano, di quest'arma te ne saresti servita subito.

452. FILUMENA Me l'avarrisse fatto accidere... Comm' 'a penzave tu, allora... E pure mo! Tu nun te si' cagnato! No una, ma ciento vote, me l'avarrisse fatto accidere! Me mettette appaura 'e t' 'o ddicere! Sulo per me, è vivo 'o figlio tuo!

453. DOMENICO E chi è?

454. FILUMENA Hann' 'a essere eguale tutt' 'e tre!

455. DOMENICO (esasperato, cattivo) E songo eguale!... So' ffiglie tuoie! E nun 'e vvoglio vedé. Nun 'e ccunosco... nun 'o cunosco... Vatténne!

456. FILUMENA Te ricuorde, aiere, quanno te dicette: "Nun giurà, ca murarrisse dannato, si nu iuorno nun me putisse cercà 'a lemmòsena tu a mme" ? Perciò t' 'o ddicette. Statte bbuono, Dummi'. E ricuórdate: si chello ca t'aggio ditto 'o ddice a 'e figlie mieie... t'accido! Ma no comm' 'o ddice tu, ca me l'he ditto pe' venticinc'anne... comme t' 'o ddice Filumena Marturano: t'accido! He capito!??...(Verso lo "studio" energica) Avvoca', venite... (Alludendo a Diana) Viene pure tu, nun te faccio niente... He vinciuto 'o punto. Me ne vaco. (Chiamando verso sinistra) Rosali', viene. Me ne vaco. (Abbraccia Rosalia che entra e a lei) Dimane me manno a piglià 'a rrobba mia. (Dallo "studio" compare Nocella, seguító da Diana, mentre dal fondo, senza parlare,

entra Alfredo). Statevi bene, ve saluto a tutte quante. Pure a vvuie, avvoca', e scusate. (Dal fondo viene anche Lucia). He capito, Dummi'!... (Con ostentata giovialità) T' 'o ddico nnnanz' 'a ggente: nun dicere niente 'e chello che t'aggio ditto. A nisciuno! Tienatello pe' te. (Prende dal seno un medaglione, lo apre e ne estrae, ripiegato diverse volte, un consunto biglietto da cento. Ne strappa un pezzetto, poi a Domenico) Ci avevo segnato sopra un conticino mio, nu cunticiello ca me serve. Tiene. (Poggia il biglietto sul tavolo e, con tono quasi allegro, ma profondamente sprezzante, gli dice) 'E figlie nun se pàvano! (Esce per il fondo a sinistra dicendo) Bona iurnata a tutte quante.

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

ATTO TERZO

La medesima scena degli atti precedenti.

Fiori un po' da per tutto. Non mancano cesti ben confezionati com, appuntati in cima, i biglietti dei donatori. I fiori saranno di colore delicato, non rossi, ma nemmeno bianchi. Un'aria di festa traspira da ogni angolo della casa. La tenda, che divide la camera da pranzo dallo studio, è completamente chiusa. Sono trascorsi dieci mesi dal secondo atto. È quasi sera.

Rosalia entra dal fondo a destra in abito da festa. Contemporaneamente dallo studio entra Domenico: è completamente mutato. Non un gesto, non una intonazione che caratterizzavano la sua natura autorevole, si scorgono in lui. È divenuto mite, quasi umile. I capelli sono un po' più bianchi. Vedendo Rosalia che si avvia a sinistra, la ferma.

457. DOMENICO Ched'è, site asciuta, vuie?

458. ROSALIA Sono andata a fare una commissione per donna Filumena.

459. DOMENICO Che commissione?

460. ROSALIA (insinuante, bonaria) Ched'è, site geluso? Sono andata al vicolo San Liborio...

461. DOMENICO A ffa' che?

462. ROSALIA (scherzosa) Guè, chillo overamente è geluso!

463. DOMENICO Ma che geluso. Me ne so' addunato ampresa.

464. ROSALIA Io scherzo. (Guardando con circospezione verso la stanza di Filumena) Io v' 'o ddico... ma nun dicite niente a donna Filumena, pecché nun 'o vo' fa' sapé.

465. DOMENICO E allora nun m' 'o ddicite.

466. ROSALIA E no... Io, po', penso che faccio bene a dirvelo, perché è una cosa che le fa onore. M'ha fatto purtà mille lire e cinquanta candele 'a Madonna d' 'e rrose 'o vico San Liborio. E m'ha fatto da l'incarico a na vecchia d' 'o vico, che provvede sempre p' 'e fiore, p' 'a lampa, p' 'a cerca, di accendere le candelle alle sei precise. E sapite pecché? Pecché alle sei è fissato 'o matrimonio. Mentre spusate ccà, s'accendono 'e candele nnanz' 'a Madonna d' 'e rrose.

467. DOMENICO Ho capito.

468. ROSALIA Na santa, ve pigliate, na santa. E s'è anche ringiovanita. Pare na figliulella: quant'è bella! E io ce 'o dicevo: "Ve pare che don Dumminéco se scorda 'e vuie? Ha voluto annullà 'o matrimonio pe' puntiglio... Ma io 'a funzione è comme si 'a tenesse nnanz' all'uocchie".

469. DOMENICO (un poco infastidito dalla cicalata di Rosalia) Va buo', donna Rosali', iate dint'addu Filumena.

470. ROSALIA Sto andando. (Ma, quasi suo malgrado, continua a parlare) E si nun era per lei... finivo male, io. Mi prese in casa e qua so' rimasta, e qua resto, e qua moro.

471. DOMENICO Fate voi!

472. ROSALIA Io tengo tutto pronto. C'aggi' 'a fa'?... (Alludendo al suo ultimo abbigliamento) 'A camicia bianca lunga cu' 'o pezzotto 'e merletto, 'a mutanda, 'e ccalze bianche, 'cuffia. Sta tutto dint' a nu tiretto conservato. E lo sappiamo io e donna Filumena. Essa mi deve vestire. Embè, io nun tengo a nisciuno. Si turnassero 'e figlie miei, che io ci tengo sempre la speranza... Permettete. (Ed esce a sinistra).

473. DOMENICO (rimasto solo, gira un po' per la stanza, osserva i fiori, legge qualche biglietto, poi, macchinalmente, completa ad alta voce il suo pensiero) E va bene!

Dal fondo a destra si udranno le voci confuse di Umberto, Riccardo e Michele.

474. MICHELE (dall'interno) Alle sei. La funzione è alle sei.

475. RICARDO (c. s.) Ma quando uno dà un appuntamento...

476. UMBERTO (c. s.) Ma io sono stato puntuale.

I tre giovanotti entrano sempre parlando.

477. MICHELE Ma noi abbiamo detto alle cinque. Io tre quarti d'ora ho tardato.

478. RICCARDO E he ditto niente!

479. MICHELE E va bene, ma l'appuntamento s'intende sempre una mezz'ora dopo. Se è alle cinque... alle cinque per le cinque e mezza, le sei meno un quarto...

480. RICCARDO (ironico) ... 'o giorno appresso, 'o mese che trase...

481. MICHELE Oi ni', io tengo quattro figlie e orologge nun n'accatto cchiú... Pecché chille ca tenevo l'hanno scassato tuttu quante!

482. UMBERTO (scorgendo Domenico saluta rispettosamente) Don Domenico, buonasera.

483. RICCARDO (con lo stesso tono rispettoso) Don Domenico...

484. MICHELE Don Domenico

E tutti e tre si schierano di fronte a Soriano, in silenzio.

485. DOMENICO Buonasera. (Lunga pausa). Mbè, e non parlate piú? Stíveve parlanno.

486. UMBERTO (un po' confuso) Già...

487. RICCARDO Embè... si parlava e poi... cosí.

488. MICHELE Na vota avévem' 'a ferní 'e parlà.

489. DOMENICO Appena m'avite visto... (A Michele) Si'arrivato tarde all'appuntamento?

490. MICHELE Sissignore, don Dome'.

491. DOMENICO (a Riccardo) E tu si' arrivato in orario.

492. RICCARDO Sissignore, don Dome'.

493. DOMENICO (a Umberto) E tu?

494. UMBERTO In orario, don Dome'.

495. DOMENICO (ripete come parlando a se stesso) In orario, don Dome'... (Pausa) . E sedetevi. (I tre giovanotti seggono). La funzione è alle sei. Il tempo c'è. Alle sei viene il sacerdote. E... noi siamo fra di noi. Filomena non ha voluto nessuno. Vi volevo dire... io ve l'ho detto pure un'altra volta... Mi sembra che questo "don Dome"... A me nun me piace.

496. UMBERTO (timido) Già.

497. RICCARDO (c. s.) Già.

498. MICHELE (c. s.) Già.

499. UMBERTO Ma non ci avete detto come vorreste essere chiamato.

500. DOMENICO E non ve l'ho detto perché avrei voluto che l'avísseve capito vuie. Stasera sposo vostra madre; ho già preso l'appuntamento con l'avvocato per la pratica che vi riguarda . Domani vi chiamerete come me: Soriano...

I tre giovani si guardano interrogandosi vicendevolmente sul modo di come risponderne. Ciascuno aspetta che l'altro si decida a parlare per primo.

501. UMBERTO (facendosi coraggio) Ecco, vedete... rispondo io, perché penso che tutti e tre siamo pervasi dallo stesso sentimento. Non siamo dei bambini, siamo degli uomini... e non possiamo, con disinvoltura, chiamarvi come, giustamente e generosamente, ci proponete di chiamarvi. Certe cose... bisogna sentirle dentro.

502. DOMENICO (con ansia interrogativa) E tu, dentro, non senti questo... diciamo bisogno... questa necessità di chiamare a uno... a me, per esempio, papà?

503. UMBERTO Non vi saprei mentire e non lo meritereste. Almeno per il momento: no!

504. DOMENICO (un po' deluso, rivolgendosi a Riccardo) E tu?

505. RICCARDO No, io nemmeno.

506. DOMENICO (a Michele) Allora tu?

507. MICHELE Io nemmeno, don Dome'!

508. DOMENICO Già, col tempo, uno ce fa l'abitudine. Mi fa piacere, sono contento di trovarmi con voi, sopra tutto perché siete tre bravi ragazzi. Ognuno di voi lavora, chi in nu campo, chi in un altro; ma con la stessa buona volontà, con la stessa tenacia. Bravi. (A Umberto) Tu sei impiegato e, per quanto mi risulta, svolgi il tuo lavoro con serietà ed orgoglio. Scrivi degli articoli.

509. UMBERTO Qualche novellotta.

510. DOMENICO Già... la tua ambizione sarebbe quella di diventare un grande scrittore.

511. UMBERTO Non ho questa pretesa.

512. DOMENICO E perché? Sei giovane. Capisco che per riuscire in questo campo si deve avere trasporto, ci si deve nascere...

513. UMBERTO E io non credo di esserci nato. Sapeste quante volte, preso dalla sfiducia, dico fra me e me: "Umbe', hai sbagliato... La tua strata è un'altra".

514. DOMENICO (interessato) E quale altra potev'essere? Voglio dire, che ata cosa te sarria piaciuto 'e fa' nella vita?

515. UMBERTO Chi lo sa: sono tante le aspirazioni di quando si è ragazzi.

516. RICCARDO Quella poi, la vita, è tutta una combinazione. Io, per esempio, comme me trovo 'o negozio a Chiaia? Perché facevo l'amore con una camiciaia!

517. DOMENICO (cogliendo a volo) He fatt' 'ammore con molte ragazze, tu?

518. RICCARDO Così... non c'è male... (Domenico si alza interessato, scrutando ogni atteggiamento di Riccardo per scorgere in lui un gesto, un accento, ricollegabile alla sua giovinezza) Sapite ched'è? Non arrivo a trovare il tipo mio. Veco a una, me piace e dico: "Chesta è essa..." E subito penzo: "M' 'a sposo". Poi, veco a n'ata e me pare ca me piace cchiú assaie. Nun me faccio capace: ce sta sempe na femmena meglio 'e chella ca uno ha cunosciuto primma!

519. DOMENICO (a Umberto) Tu, invece, sei piú calmo, piú riflessivo, in materia di donne.

520. UMBERTO Fino ad un certo punto. Con le ragazze di oggi, c'è poco da essere riflessivo. Vuie, p' 'a strada, addó v'avutate vedete belle ragazze. La scelta è difficile. C'aggi' 'a fa', tante ne cambio fino a che trovo chella che dich'i'.

521. DOMENICO (rimane turbato nel constatare anche in Umberto la medesima tendenza di Riccardo. A Michele) E tu?... A te pure te piàceno 'e ffemmene?

522. MICHELE Io me nguaiate ampresa ampresa. Conobbi a mia moglie e... ti saluto. Adesso devo stare con due piedi in una scarpa, con mia moglie non si scherza... E allora, capite, mi faccio i fatti miei. Non perché le ragazze non mi piacessero... ma perché mi metto paura!

523. DOMENICO (scoraggiato) Perché pure a te te piàceno 'e ffemmene... (Pausa. Poi tentando ancora di scrutare) Io quando ero giovane cantavo. Ci univamo sette, otto amici... Allora era l'epoca delle serenate. For' 'a loggia, si cenava e poi finiva sempre a canzone: mandolini, chitarre... Chi canta 'e vuie?

524. UMBERTO Io no.

525. RICCARDO Io nemmeno.

526. MICHELE Io sí.

527. DOMENICO (felice) Tu cante?

528. MICHELE Comme! E si no, comme facesse a lavorà? Dint' 'a bottega canto sempe.

529. DOMENICO (ancioso) Famme sentí quacche cosa.

530. MICHELE (schivo, pentito della sua ostentazione) Io? E che ve faccio sentí?

531. DOMENICO Chello che vuó tu.

532. MICHELE Sapete ched'è?... Ca me metto scuorno.

533. DOMENICO E tu dint' 'a puteca nun cante?

534. MICHELE Ma è n'ata cosa... 'A sapite: "Munastero 'e Santa Chiara"? Quant'è bella! (Comincia ad accennare la canzone con voce incolore e stonata) "Munastero 'e Santa Chiera - tengo 'o core scuro scuro- ma pecché pecché ogne sera- penzo a Napule comm'era..."

535. RICCARDO (interrompendolo) E accusí saccio cantà pur'io... Addó 'a tiene 'a voce?

536. MICHELE (quasi offeso) Chesta nun è voce?

537. UMBERTO Con questa voce posso cantare anch'io.

538. RICCARDO E io no?

539. DOMENICO Con questa voce può cantare chiunque. (A Riccardo) Famme sentí tu.

540. RICCARDO Ma io non mi permetto. Nun tengo 'a faccia tosta 'e chisto. Appena, appena... (Accenna il motivo) "Munastero 'e Santa Chiara - tengo 'o core scuro... Ma pecché, pecché ogne sera - penzo a Napule comm'era..." (Umberto continua la frase insieme a lui) Penzo a Napule comm'è... (Michele canta anche lui). No... nun overo... No nun ce crero...

Ne nasce un coro scordato e inumano.

541. DOMENICO (interrompendoli) Basta, basta... (I tre zittiscono). Stateve zitte: è meglio... State emozionati... Non è possibile... Tre napulitane ca nun sanno cantà!

542. FILUMENA (entra da sinistra in un vistosissimo abito nuovo. Pettinatura alta "alla napolitana", due file di perle al collo. Orecchini a "toppa". Il suo aspetto è diventato quasi giovanile. Parla a Teresina, la sarta, che la segue con Rosalia e Lucia) Tu qua' impressione, Teresi', 'o difetto ce sta!

543. TERESINA (è una di quelle sarte napoletane che non disarmano: nel senso che le offese delle clienti deluse non la sfiorano nemmeno. La sua calma è addirittura irritante) Ma 'o vedite vuie stu difetto, donna Filumena mia. Io, mo nce vo, so' tant'anne ca ve servo...

544. FILUMENA Tu tiene 'a faccia tosta! Si' capace 'e negà a ffaccia a ffaccia.

545. TERESINA Allora aggi' 'a dicere ca ce sta 'o difetto?

546. MICHELE Buonasera, mamma.

547. RICCARDO Buonasera e auguri.

548. UMBERTO Buonasera e auguri.

549. FILUMENA (lietamente sorpresa) Vuie state lloco? Bonnasera! (A Teresina, cocciuta) E ssaie pecché ce sta 'o difetto? Pecché quanno haie nu taglio 'e stoffa mmano, he 'a fa' ascí 'o vestetiello p' 'a piccerella toia...

550. TERESINA Uh, guardate!

551. FILUMENA Io già ce capitaie... 'A vedette io, 'a piccerella toia, cu' nu vestito fatto cu' 'a stoffa ca faciste rimmané 'a nu vestito mio.

552. TERESINA Si dicite accusí, me facite piglià collera. (Con altro tono) Certo quanno 'a stoffa resta... (Filumena la guarda con rimprovero). Ma nun sacrifico maie 'a cliente. Nun sarría cuscienza.

553. ROSALIA (ammirata) Donna Filume', vuie state na bellezza! Site proprio 'a sposa!

554. TERESINA Ma comme avev' 'a vení stu vestito?

555. FILUMENA (livida) Nun t'aviv' 'a arrubà 'a rrobba; he capito?

556. TERESINA (un po' offesa) E accusí nun avit' 'a dícere... Allora faccio 'a mariola? Aggio avé 'a mala nutizia si è rimasta tanto 'e rrobba... (Fa il gesto per indicare una quantità irrisoria)

557. DOMENICO (che fino a quel momento ha assistito alla scena com impazienza, tutto assorto in una sua idea fissa e corruciante, a Filumena) Filume', io t'aggi' 'a parlà nu mumento.

558. FILUMENA (fa qualche passo verso Domenico, ma zoppica a causa delle scarpe nuove che le fanno dolore) Madonna... sti scarpe...

559. DOMENICO Te fanno male? Levatelle e te miette n'atu paro.

560. FILUMENA Che m'he 'a dícere?

561. DOMENICO Teresi' se ve ne andate ci fate piacere.

562. TERESINA Comme no? Mo me ne vado. (Piega un panno nero che aveva con sé e lo mette sul braccio) Auguri e buona fortuna. (A Lucia avviandosi per il fondo) Neh, e comme avev' 'a ji', chillu vestito? (Esce seguita da Lucia).

563. DOMENICO (ai tre giovanotti) Vuie iate dint' 'o salotto a trattené 'o cumpare e 'a cummara. 'E ddate a bere qualche cosa. Rusali', accumpàgnale.

564. ROSALIA (annuisce) Gnorsí. (Ai tre giovanotti) Venite.. (Esce per lo studio)

565. MICHELE (ai fratelli) Iammo, venite.

566. RICCARDO (irridendolo) Tu he sbagliato professione. A viv' 'a ji' a San Carlo.

Ridendo, i tre giovanotti escono per lo studio.

567. DOMENICO (guarda Filumena, l'ammira) Comme staie benne, Filume'... Si' turnata n'ata vota figliola... E si stesse tranquillo, sereno, te diciarría che tu puo' fa' ancora perdere 'a capa a n'ommo.

568. FILUMENA (vuole evitare, a tutti i costi, l'argomento che sta a cuore a Domenico e del quale ella ha intuito il tenore. Evade) Me pare ca nun manca niente. So' stata accusí stunata, oggi.

569. DOMENICO Io invece nun stongo tranquillo e nun stongo sereno.

570. FILUMENA (frintendendo ad arte) E che vuó sta' tranquillo? Uno pò fa' affidamento sulo su Lucia. Alfredo e Rosalia so' duie vecchie...

571. DOMENICO (riprende il discorso iniziato) Nun cagnà discorso, Filume'; nun cagnà discorso pecché tu staie penzanno chello che sto pensanno io... (Continuando) E sta tranquillità, sta serenità, m' 'a puo' da' tu sola, Filume'...

572. FILUMENA Io?

573. DOMENICO Tu he visto c'aggio fatto chello ca vulive tu. Dopo l'annullamento del matrimonio te venette a chiammà. E no una vota ma tanta vote ... pecché tu facive dicere ca nun ce stive. So' stato io, ca so' venuto addu te e t'aggio ditto: "Filume', spusammece".

574. FILUMENA E stasera ce spusammo.

575. DOMENICO E si' felice?... Almeno, credo.

576. FILUMENA Comme no?

577. DOMENICO E allora m'he 'a fa' sta' felice pure a me. Asséttate, stamme a sentí. (Filumena siede). Si tu sapisse quanta vote, in questi ultimi mesi, ho cercato di parlarti e non ci sono riuscito. Ho tentato con tutte le mie forze di vincere questo senso di pudore e me n'è mancato il coraggio. Capisco, l'argomento è delicato e fa male a me stesso metterti di fronte all'imbarazzo delle risposte; ma nuie ce avimm' 'a spusà. Tra poco ci troveremo inginocchiati davanti a Dio, non come due giovani che ci si trovano per aver creduto amore un sentimento che poteva essere soddisfatto ed esaurito nel piú semplice e naturale dei modi... Filume', nuie 'a vita nosta ll'avimmo campata... io tengo cinquantadue anne passate e tu ne tiene quarantotto: due coscienze formate che hanno il dovere di comprendere con crudezza e fino in fondo il loro gesto e di affrontarlo, assumendone in pieno tutta la responsabilità. Tu saie pecché me spuse: ma io no. Io saccio sulamente che ti sposo pecché m'he dito che uno 'e chilli tre è figlio a me...

578. FILUMENA Sulo pe' chesto?

579. DOMENICO No... Pecché te voglio bene, simme state nzieme vinticin'anne, e vinticin'anne rappresentano una vita: ricordi, nostalgie, vita in comune... l'ho capito da me che mi troverei sbandato... e po', pecché ce credo; sono cose che si sentono, e io lo sento. Ti conosco bene e perciò te sto parlanno accusí. (Grave, accorato) Io 'a notte nun dormo. So' diece mise, 'a chella sera, te ricuorde?... che nun aggio trovato cchiú pace. Nun dormo, nun mangio, nun me spasso... nun campo! Tu nun saie dint' a stu core che tengo... Na cosa ca me ferma 'o respiro... Faccio accusí... (come per respirare una boccata d'aria) e 'o respiro se ferma ccà... (mostra la gola) e tu nun me può fa' campà accusí. Tu tiene core, si' na femmena c'ha campato, che capisce e m'aviss' 'a vulé pure nu poco 'e bbene. Nun me pò fa' campà accusí! Te ricuorde quanno me diciste: "Nun giurà..." e io nun giuraie. E, allora, Filume', t' 'a pozzo cercà l'elemosina... E t' 'a cerco comme vuó tu: inginocchiato, baciannote 'e mmane, 'a vesta... Dimmello, Filume'

dimme chi è figliemo, 'a carne mia... 'o sango mio... E me l'he 'a dicere, pe' te stessa, pe' nun da' l'impressione che staie facenno nu ricatto... Io te sposo 'o stesso, t' 'o giuro!

580. FILUMENA (dopo una lunga pausa, durante la quale ha lungamente guardato il suo uomo) 'O vvuó sapè?... E io t' 'o ddico. A me basta che te dico: "Tuo figlio è chillu là". Allora tu che faie? Cercherai di portartelo sempre con te, penserai a dargli un avvenire migliore e, naturalmente, studierai tutti i modi per dare piú denaro a lui che agli altri due...

581. DOMENICO Bè?

582. FILUMENA (dolce, insinuante) E aiutalo allora: ha bisogno, tene quatto figlie.

583. DOMENICO (con ansì interrogativa) L'operaio?

584. FILUMENA (assentendo) L'idraulico, comme dice Rosalia.

585. DOMENICO (a se stesso, man mano esaltandosi nei suoi ragionamenti) ... Un buon ragazzo... ben piantato... di buona salute. Perché si è ammogliato cosí presto? Con una piccola bottega che pò guadagnà?... È un'arte anche quella. Con un capitale a dispisizione pò mettere una piccola officina con operai, lui fa da padrone: un negozio di apparecchi idraulici moderni... (D'un tratto guarda Filumena con sospetto) Guarda, guarda... proprio 'o stagnaro... l'idraulico! E già, quallo ammogliato, il piú bisognoso...

586. FILUMENA (fingendo disappunto) E na mamma ch' da fa'?... Deve cercare di aiutare il piú debole... Ma tu nun l'he creduto... Tu, si' furbo, tu... È Riccardo, 'o commerciante.

587. DOMENICO 'O camiciaio?

588. FILUMENA No, è Umberto, 'o scrittore.

589. DOMENICO (esasperato, violento) Ancora... ancora me vuó mettere cu' 'e spalle nfaccia 'o muro?... Fino all'ultimo!

590. FILUMENA (commossa per il tono accorato e affranto con cui Domenico ha pronunciato le sue parole, cerca di raccogliere tutti i suoi sentimenti piú intimi per trarne, in sintesi, la formula di un discorso persuasivo, che finalmente dia all'uomo delle spiegazioni concrete e definitive) Siénteme buono, Dummi', e po' nun ce turnammo cchiú ncoppa. (Con uno slancio d'amore da lungo tempo contenuto) T'aggio voluto bene cu' tutt' 'e fforze d' 'a vita mia! All'uocchie mieie tu ire nu Dio... e ancora te voglio bene, e forse meglio 'e primma... (Considerando d'un tratto l'inavvedutezza e l'incompresione di lui) Ah, c'he fatto, Dummi'!... 'E voluto suffrí afforza... 'O padreterno t'aveva dato tutto p'essere felice: salute, presenza, denaro... a me: a me, ca pe' nun te da' nu dolore, me sarría stata zitta, nun avarría parlatu manco mpunt' 'e morte... e tu, tu sarrisce stato ll'ommo generoso c'aveva fatto bene a tre disgraziate... (Pausa). Nun m' 'addimannà cchiú pecché nun t' 'o ddico. Nun t' 'o pozzo dicere... E tu devi essere galantuomo a non domandarmelo mai, pecché, p' 'o bbene che te voglio, in un momento

di debolezza, Dummi'... e sarebbe la nostra rovina. Ma nun he visto che, non appena io ti ho detto c' 'o figlio tuo era l'idraulico, subito he cominciato a penzà ai denari... 'o capitale... il grande negozio... Pecché tu ti preoccupi e giustamente, pecché tu dice: "E denare so' 'e mieie". E accumie a penzà: "E pecché nun ce 'o ppozzo dicere ca songo 'o pate?" " E ll'ati duie chi songo?" "Che diritto tèneno?" L'inferno!... Tu capisci che l'interesse li metterebbe l'uno contro l'altro... Sono tre uomini, nun no' tre guagliune. Sarriano capace 'e s'accidere fra di loro... Nun penzà a te, nun penzà a mme... pienz' a loro. Dummi', 'o bello d' 'e figlie l'avimmo perduto!... 'E figlie so' chille che se teneno mbraccia, quando so' piccerille, ca te dànno preoccupazione quando stanno malate e nun te sanno dicere che se sènteno... Che te corrono incontro cu' 'e braccelle aperte, dicenno: "Papà!"... Chille ca 'e vvide 'e veni d' 'a scola cu' 'e manelle fredde e 'o nasillo russo e te cercano 'a bella cosa... Ma quando so' gruosse, quando song'uommene, o so' figlie tutte quante, o so' nemice... Tu si' ancora a tempo. Male nun te ne voglio... Lasciammo sta 'e ccose comme stanno, e ognuno va p' 'a strada soia!

Internamente si udranno i primi accordi di prova di un organo.

591. ROSALIA (dallo "studio" seguita dai tre giovani) È venuto... è venuto 'o ricco sacerdote...

592. MICHELE Mammà!...

593. DOMENICO (si alza dal tavolo e guarda tutti lungamente. Poi, come una decisione immediata) Lasciammo sta' 'e ccose comme stanno, e ognuno va p' 'a strada soia... (Ai ragazzi) Io vi devo parlare... (Tutti attendono sospesi). Sono un galantuomo e non mi sento d'ingannarvi. Stateme a sentì...

594. I TRE Sí, papà!

595. DOMENICO (commosso guarda Filumena e decide) Grazie. Quanto m'avite fatto piacere... (Riprendendosi) Allora... Quando due si sposano è sempre il padre che accompagna la sposa all'altare. Qua genitori non ce ne sono... Ci sono i figli. Due accompagnano la sposa, e uno accompagna lo sposo.

596. MICHELE A mammà 'accumpnammo nuie. (Si avvia verso Filumena e invita Riccardo a fare altrettanto).

597. FILUMENA (improvvisamente ricordando) Che ore songo?

598. RICCARDO Mancano cinque minuti alle sei.

599. FILUMENA (si avvicina a Rosalia) Rosali'...

600. ROSALIA Nun ce penzate. Alle sei precise s'appicceno 'e ccannéle pure llà.

601. FILUMENA (appoggiandosi al braccio di Michele e a quello di Riccardo) Iammo... (Ed entrano nello studio).

602. DOMENICO (a Umberto) E a me m'accumpagne tu...

Formano il breve corteo ed entrano nello "studio". Rosalia commossa, mite come sempre, rimane al suo posto battendo le mani e guardando la tenda. Internamente, l'organo intona la "Marcia Nuziale". Ora Rosalia piange. Poco dopo la raggiunge Alfredo, ed insieme seguono la cerimonia. Anche Lucia si unisce a loro. Le luci scendono in "resistenza" fino al buio completo. Dal terrazzo giunge lentamente un raggio lunare, e pian piano si accende la luce del lampadario. È passato del tempo.

603. FILUMENA (seguita da Umberto, Michele e Rosalia entra dallo "studio" difilato, va verso sinistra) Che stanchezza, Madonna!

604. MICHELE E mo v'arrepusate. Ce ne iammo pure nuie. Dimane tengo 'a puteca.

605. ROSALIA (con una guantiera contenente dei bicchieri vuoti, verso Filumena) Augurî, augurî, augurî... Che bella funzione! Cient'anne he 'a campà, figlia mia, ca figlia me puo' essere!

606. RICCARDO (dallo "studio") È stata proprio na bella funzione.

607. FILUMENA (A Rosalia) Rusali', nu bicchiere d'acqua.

608. ROSALIA (marcando) Subito, signora.... (Esce dal fondo)

609. DOMENICO (dallo "studio", recando una bottiglia di vino "speciale" con il tappo cosparso di ceralacca) Niente invitati, niente banchetto, ma na butteglia in famiglia, ce l'avimm' 'a vévere... (Prende il cavatappi sul mobile di fondo) Questo ci accompagnerà a dormire. (Stappa la bottiglia).

610. ROSALIA (ritorna con un bicchiere d'acqua in un piatto all'uso napoletano) Ecco l'acqua.

611. DOMENICO C'avimm' 'a fa' cu ll'acqua?

612. ROSALIA (come per dire "Me l'ha chiesto donna Filumena") 'A signora.

613. DOMENICO Dincello, 'a signora, che, di questa serata, l'acqua è malaugurio. E chamma pure a Lucia ... Mo me scurdavo... chiama pure Alfredo Amoroso: montatore e guidatore nonché conoscitore di cavalli da corsa.

614. ROSALIA (chiama verso il fondo a destra) Alfre'... Alfre', viene, viénete a bere nu bicchiere 'e vino cu 'o signore... Luci', viene tu pure.

615. ALFREDO (dal fondo, seguito da Lucia) Eccomi prisento.

616. DOMENICO (ha riempito i bicchieri ed ora li distribuisce) Teh, Filume', vive. (Agli altri) Bevete.

617. ALFREDO (trincando) 'A salute!

618. DOMENICO (guarda il suo fedele con tenerezza e nostalgia) Te ricuorde, Alfre', quanno 'e cavalle nuoste currevano?

619. ALFREDO Perdío!

620. DOMENICO Se so' fermate... Se fermaieno tantu tiempo fa. E io nun 'o vvulevo credere, e dint' 'a fantasia mia 'e vvedevo sempe 'e correre. Ma, mo, aggiu capito ca s'erano fermate già 'a nu sacco 'e tiempo! (Mostra i giovanotti) Mo hann' 'a correre lloro! Hann' 'a correre sti cavalle ccà, ca so' giúvene, so' pullidre 'e sango! Che figura faciarriamo si vuléssemo fa' correre ancora 'e cavalle nuoste? Ce faciarriamo ridere nfaccia, Alfre'!

621. ALFREDO Perdío!

622. DOMENICO Bive, Alfre'... (Tutti bevono) 'E figlie so' ffiglie! E so' pruvvidenza. E sempre, sempre... quando, in una famiglia, ce ne sono tre o quattro, sempre succede che il padre ha un occhio particolare, che so io, un riguardo speciale per uno dei quattro. O pecché è cchiú brutto, o pecché è malato, o pecché è cchiú prepotente, cchiú capuzziello... E gli altri figli non se l'hanno a male... lo trovano giusto. È quasi un diritto del padre. Fra noi questo non ha potuto accadere, perché la nostra famiglia si è riunita troppo tardi. Forse è meglio. Vuol dire che quel bene che io avrei avuto il diritto di volere ad uno dei miei figli... lo divido fra tutti e tre. (Beve) 'A salute! (Filumena non risponde. Ha preso, dal seno, un mazzolino di fiori d'arancio e , di tanto in tanto, ne aspira il profumo. Domenico si volge ai tre giovani, bonario) Guagliu', dimane ve ne venite a mangià ccà.

623. I TRE Grazie.

624. RICCARDO (avvicinandosi verso la madre) Ora vi lasciamo perché è tardi e mammà se vo' arrepusà. Stàteve bbona, mammà. (La bacia) Auguri e ce vedimmo dimane.

625. UMBERTO (imitando il fratello) Stàteve bbona.

626. MICHELE Buonascera ed auguri...

627. UMBERTO (avvicinandosi a Domenico e sorridendogli teneramente) Buonanotte, papà...

628. RICCARDO e MICHELE (salutano insiene) Papà, buonanotte.

629. DOMENICO (guarda i tre giovanotti con riconoscenza. Pausa) Dateme nu bacio! (I tre, l'uno dopo l'altro, bacianno con effusione Domenico) Ce vedimmo dimane.

630. I TRE (uscendo seguiti da Alfredo, Rosalia e Lucia) A domani.

Domenico li ha seguiti con lo sguardo, assorto nelle sue riflessioni sentimentali. Ora si avvicina al tavolo e si versa ancora da bere.

631. FILUMENA (si è seduta sulla poltrona e si è tolta le scarpe) Madonna, ma che stanchezza! Tutta mo m' 'a sento!

632. DOMENICO (con affeto comprensivo) Tutta la giornata in movimento... poi l'emozione... tutti i preparativi di questi ultimi giorni... ma mo statte tranquilla e ripòsati. (Prende il bicchiere e avvicinandosi al terrazzo) È pure na bella serata! (Filumena avverte qualche cosa alla gola che la fa gemere. Emette dei suoni quasi simili a un lamento. Infatti fissa lo sguardo nel vuoto come in attesa di un evento. Il volto le si riga di lacrime come acqua pura sulla ghiaia pulita e levigata. Domenico preoccupato le si avvicina) Filume', ch'è stato?

633. FILUMENA (felice) Dummi', sto chiagnennno... Quant' è bello a chiàgnere...

634. DOMENICO (stringendola teneramente a sè) È niente... è niente. He curruto... he curruto... te si' mmisa appaura... si' caduta... te si' aizata... te si' arranfecata... He penzato, e 'o ppenzà stanca... Mo nun he 'a correre cchiú, non he 'a penzà cchiú... Ripòsate!...(Ritorna al tavolo per bere, ancora, un sorso di vino) 'E figlie so' ffiglie... E so' tutte eguale... Hai ragione, Filume', hai ragione tu!... (E tracanna il suo vino, mentre cala la tela).